

escola das artes

anuário

2024–2025

Abertura 4–5

Cinema

Licenciatura 6–59

Mestrado 60–85

Conservação e Restauro

Licenciatura 86–135

Mestrado 136–197

Indústrias Criativas

Mestrado 198–249

Som e Imagem

Licenciatura 250–383

Mestrado

Animação 384–401

Design de Som 402–419

New Media Art 420–441

abrindo inquietações que, esperemos, vos acompanhem para lá das paredes desta Escola. Nesse percurso, queremos também reconhecer o papel essencial dos professores e toda a equipa técnica da Escola das Artes que, com a sua experiência e dedicação, nos ajudam a descobrir uma miríade de possibilidades de fazer.

A Escola das Artes é uma comunidade criativa da qual todas e todos, independentemente do seu lugar, fazem parte. Por isso, o orgulho que sentimos ao ver as vossas obras é inspirador e transformador da Escola. Saibam que poderão sempre contar com a Escola para vos apoiar: é uma casa à qual poderão sempre retornar. Esperamos estar convosco para lá do vosso percurso como estudantes e acompanhar as vossas trajetórias, celebrar conquistas e partilhar inquietações.

A todas e a todos, os nossos parabéns e o nosso obrigado pelo percurso que traçaram e que tanto nos inspirou e transformou. Foi uma honra terem escolhido fazer parte da comunidade da Escola das Artes.

A cada Panorama, que é o evento que celebra os alunos finalistas e em que se dão as boas-vindas aos novos estudantes da Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, concluímos e iniciamos um novo ciclo. É uma conclusão de percurso entendida como abertura dos caminhos que daqui se prolongam: nas formas de afetação e transformação do mundo que, a partir das artes e do saber por elas produzido, nos permitem enfrentar o futuro.

O que torna esta experiência na Escola das Artes verdadeiramente única é a forma como cada um de vós, com a vossa criatividade, inquietação e imaginação, reconfigura a própria Escola. São os vossos projetos, a vossa curiosidade e a vossa coragem de explorar o desconhecido que transformam o espaço da Escola e o tornam vivo, renovado e sempre aberto a novas formas de ver, sentir e criar. E são estas experiências que vos preparam para o futuro: autores, artistas, cineastas, produtores, criativos, curadores, conservadores-restauradores, profissionais do audiovisual ou qualquer outra profissão no vasto mundo das profissões artísticas que escolherem seguir.

Com aulas abertas, exposições, concertos, performances, ciclos de cinema e conferências, o plano de atividades que anualmente vos propomos procura cruzar pensamento e prática artística, oferecendo espaços de experimentação, diálogo e aprendizagem. Entre investigação e criação, procurámos formular boas perguntas e ensaiámos respostas,

Nuno Crespo

Diretor da Escola das Artes
da Universidade Católica Portuguesa
Porto, Setembro de 2025

Licenciatura Cinema

Ana Clara Brasil

Natural de Belém do Pará, Amazônia brasileira. Nascida em uma família de artistas, desde criança esteve em contacto direto com a intensa produção audiovisual e musical da cidade.

Atualmente é finalista da Licenciatura em Cinema na Escola das Artes, onde já desempenhou cargos em realização, argumento, direção de fotografia, som e montagem. Como projeto final, fez a direção de fotografia e correção de cor na curta-metragem “Onde Não Me Ouço” e foi chefe de produção, diretora de som e coordenadora de pós-produção da curta-metragem “A Tinta Seca à Noite”.





Onde Não Me Ouço

Joana é uma jovem que estuda num curso que não a entusiasma, envolta em dúvidas e no peso das expectativas da mãe. Em busca de traçar o seu próprio caminho, a sua jornada é marcada por noites sem sono, interrompidas pelos sons vindos do apartamento de cima, e por dias de reflexão sobre quem realmente deseja ser. Para enfrentar a pressão do mundo e o turbilhão dentro de si, Joana precisará primeiro encontrar coragem para fazer a sua voz finalmente ser ouvida. Desabrochou.

Argumento e Realização: **Vera Matos**

Produção: **Dalila Dias**

Direção de Fotografia: **Ana Clara Brasil**

Direção de Arte: **Helena Matos**

Captação de Som: **André Simões**

Assistente de Realização: **Maria Abreu**

Assistente de Produção: **Marta Lerenó**

1º Assistente de Imagem: **Ariana Mendes**

2º Assistente de Imagem: **Nádia Duarte**

Gaffer: **Jeff Silva**

Best Girl: **Alexandra Pinho**

Spark: **Hugo Machado**

Assistente de Direção de Arte: **Maria Bacelar**

Maquilhagem: **Maria Bacelar** e **Maria Clara Abreu**

Perchista: **Lara Rodrigues**

Composição Musical: **Eduardo Sorte** e **Tiago Guinhos**

Desenho e Mistura de Som: **António Romero**

Montagem: **Ariana Mendes**

Colorista: **Ana Clara Brasil**

Elenco: **Carolina Lopes** e **Matilde Gandra**

Ariana Mendes

20 anos, ex-aluna da Escola Artística de Soares dos Reis, estuda atualmente na Universidade Católica, finalista do curso de Cinema. Desde pequena que o seu interesse por cinema se foi desenvolvendo, tendo participado em vários projetos principalmente a nível da montagem e da fotografia, sendo estes os principais focos da mesma.





Onde Não Me Ouço

Joana é uma jovem que estuda num curso que não a entusiasma, envolta em dúvidas e no peso das expectativas da mãe. Em busca de traçar o seu próprio caminho, a sua jornada é marcada por noites sem sono, interrompidas pelos sons vindos do apartamento de cima, e por dias de reflexão sobre quem realmente deseja ser. Para enfrentar a pressão do mundo e o turbilhão dentro de si, Joana precisará primeiro encontrar coragem para fazer a sua voz finalmente ser ouvida. Desabrochou.

Argumento e Realização: **Vera Matos**

Produção: **Dalila Dias**

Direção de Fotografia: **Ana Clara Brasil**

Direção de Arte: **Helena Matos**

Captação de Som: **André Simões**

Assistente de Realização: **Maria Abreu**

Assistente de Produção: **Marta Lerenó**

1º Assistente de Imagem: **Ariana Mendes**

2º Assistente de Imagem: **Nádia Duarte**

Gaffer: **Jeff Silva**

Best Girl: **Alexandra Pinho**

Spark: **Hugo Machado**

Assistente de Direção de Arte: **Maria Bacelar**

Maquilhagem: **Maria Bacelar** e **Maria Clara Abreu**

Perchista: **Lara Rodrigues**

Composição Musical: **Eduardo Sorte** e **Tiago Guinhos**

Desenho e Mistura de Som: **António Romero**

Montagem: **Ariana Mendes**

Colorista: **Ana Clara Brasil**

Elenco: **Carolina Lopes** e **Matilde Gandra**

Carina Duarte

É uma jovem realizadora, argumentista e produtora portuguesa que iniciou a sua carreira cinematográfica na Escola Artística Soares dos Reis, no Porto. Durante o seu percurso nesta instituição, realizou a curta-metragem Akathisia, que aborda a luta interna de uma jovem, obrigada a enfrentar os seus medos e angústias enquanto permanece enclausurada numa casa de banho. Este filme marcou a sua estreia no mundo do cinema e foi selecionado para diversos festivais nacionais e internacionais como o Fantasporto 2023, integrando a secção de curtas-metragens de escolas de cinema.

Em 2022, Carina Duarte prosseguiu os seus estudos na Universidade Católica Portuguesa, onde ingressou na Licenciatura em Cinema, continuando a desenvolver a sua formação académica e artística.





O Amor fez uma Esfera

Eduardo, um menino de 8 anos com uma obsessão pelo espaço, passa um fim-de-semana na casa do seu avô ausente.

Este curto espaço de tempo provar-se-á eternizado na sua memória pelo amor que dele desabrochou.

Realização: **Gabriel Andrade**

Argumento: **Gabriel Andrade, Henrique Aguiar**

Produção: **Carina Duarte**

Composição Musical: **José João, Pedro Silva**

Direção de Fotografia: **Fernando Sá Machado**

Direção de Arte: **Mila Restum**

Captação de Som: **José João, Luís Persaud**

Montagem: **Guilherme Castro**

Desenho e Mistura de Som: **José João**

Elenco: **Gabriel Escoval, João Paulo Costa, Rita Duque**

Assistência de Realização: **Pedro Alves**

Assistência de Produção: **Beatriz Silva**

Assistência de Direção de Fotografia: **Pedro Silva**

Assistência de Direção de Arte: **Eva Vieira**

Chefe Eletricista: **João Luz**

Correção de Cor: **Fernando Sá Machado, Pedro Silva**

Catering: **Eliana Rosa, Fátima Salgueiro, Madalena Coelho**

Fotografia de Cena: **Tomás Rodriguez**

Coordenação do Projeto: **Carlos Ruiz Carmona**

Acompanhamento Artístico: **João Canijo**

Consultores Artísticos: **Bernardo Bourbon, Gonçalo Amorim, Luís Urbano, Mariana Gaivão, Mariana Ricardo, Patrícia Almeida, Paulo Américo**

Com o apoio de: **Grupo Apisantos, Quinta dos Espigueiros Lomba, Nortozon, Minipreço, Norcópia, Pastelaria & Padaria Prestígio da Maia, PROA**

Carolina Pinto

Enquanto estudante de cinema, Carolina passou pela Escola Artística de Soares dos Reis, onde se especializou em Vídeo, passou pela Escola Superior Artística do Porto e finaliza agora a sua Licenciatura em Cinema na Escola das Artes.

Trabalhou em mais de 30 curtas-metragens, maioritariamente estudantis, entre as quais 7 já foram premiadas e seleccionadas para diversos festivais. Tem experiência nas áreas de realização, montagem, produção, direção de fotografia, argumento, anotação, direção de som, entre outros.





Tinta Seca A Noite

“Eva (22) e Miguel (25) partilham uma rotina, um apartamento. Dentro deste apartamento vivem vidas diferentes em espaços diferentes que se contaminam. Eva procura o azul para as suas telas e Miguel procura Eva. Desencontrados nas conversas de silêncios questionam-se sobre o amor.

Um filme que trata o sentir e como às vezes nos limitamos a um hábito de afastamento, e como isso torna as pessoas distantes e maquinais. Este trabalho, que se inspira nas obras do Expressionismo Abstrato, procura através do meio fílmico provocar um sentimento no espectador tentando trabalhar a cor para esse propósito.”

Argumento e Realização: **Diana Gonçalves**

Assistente de Realização: **Sofia Afonso**

Anotação: **Camila Custódio**

Fotografia: **Dany Ribeiro**

1º Assistente Imagem: **Diogo Falção**

2º Assistente de Imagem: **Cecília Silva**

Chefe Electricista: **Jeff Silva & Luísa Alegre**

Som: Salvador **Lobo Xavier & Clara Brasil**

Captação de Som: **Ricardo Salazar & José Antunes**

Direcção de Arte: **Débora Braga**

Decoração: **Julía Malafaia**

Pinturas: **Clara Florido**

Direcção de Produção: **Carolina Pinto**

Assistentes de Produção: **Salvador Gil & Leonor Gamboa**

Montagem: **Carolina Pinto & Diana Gonçalves**

Montagem de Som: **Tiago Ferreira**

Correcção de Cor: **Diogo Falcão**

Design: **Gabriel Seixas**

Produtor: **Carolina Pinto & Clara Brasil**

Dalila Dias

Tem 20 anos e uma longa relação com histórias. Ainda em criança começou a criar vídeos e a escrever por gosto, sem saber que estava a dar os primeiros passos por um caminho que a levaria até à Licenciatura em Cinema. Durante o secundário, aproveitou cada workshop de cinema para diminuir a sua curiosidade, sem grande sucesso, já que cada experiência só lhe aumentava o interesse. Foi nesse processo que desenvolveu pequenos projetos e experimentou várias áreas.





Onde Não Me Ouço

Joana é uma jovem que estuda num curso que não a entusiasma, envolta em dúvidas e no peso das expectativas da mãe. Em busca de traçar o seu próprio caminho, a sua jornada é marcada por noites sem sono, interrompidas pelos sons vindos do apartamento de cima, e por dias de reflexão sobre quem realmente deseja ser. Para enfrentar a pressão do mundo e o turbilhão dentro de si, Joana precisará primeiro encontrar coragem para fazer a sua voz finalmente ser ouvida. Desabrochou.

Argumento e Realização: **Vera Matos**

Produção: **Dalila Dias**

Direção de Fotografia: **Ana Clara Brasil**

Direção de Arte: **Helena Matos**

Captação de Som: **André Simões**

Assistente de Realização: **Maria Abreu**

Assistente de Produção: **Marta Lerenó**

1º Assistente de Imagem: **Ariana Mendes**

2º Assistente de Imagem: **Nádia Duarte**

Gaffer: **Jeff Silva**

Best Girl: **Alexandra Pinho**

Spark: **Hugo Machado**

Assistente de Direção de Arte: **Maria Bacelar**

Maquilhagem: **Maria Bacelar** e **Maria Clara Abreu**

Perchista: **Lara Rodrigues**

Composição Musical: **Eduardo Sorte** e **Tiago Guinhos**

Desenho e Mistura de Som: **António Romero**

Montagem: **Ariana Mendes**

Colorista: **Ana Clara Brasil**

Elenco: **Carolina Lopes** e **Matilde Gandra**

Débora Braga

Com o costume de sempre ir ao cinema junto ao pai desde pequena, Débora criou um grande afeto por filmes e pela criação dos mesmos. Após finalmente escolher seguir seu sonho na carreira de cinema, através da Universidade Católica, pôde explorar diversas áreas de produção. Nos diversos projetos de laboratório, seguiu-se como realizadora, montadora, produtora, direção de atores e, neste momento, como finalista, diretora de arte no projeto final “A Tinta Seca À Noite”.





Tinta Seca A Noite

“Eva (22) e Miguel (25) partilham uma rotina, um apartamento. Dentro deste apartamento vivem vidas diferentes em espaços diferentes que se contaminam. Eva procura o azul para as suas telas e Miguel procura Eva. Desencontrados nas conversas de silêncios questionam-se sobre o amor.

Um filme que trata o sentir e como às vezes nos limitamos a um hábito de afastamento, e como isso torna as pessoas distantes e maquinais. Este trabalho, que se inspira nas obras do Expressionismo Abstrato, procura através do meio fílmico provocar um sentimento no espectador tentando trabalhar a cor para esse propósito.”

Argumento e Realização: **Diana Gonçalves**

Assistente de Realização: **Sofia Afonso**

Anotação: **Camila Custódio**

Fotografia: **Dany Ribeiro**

1º Assistente Imagem: **Diogo Falcão**

2º Assistente de Imagem: **Cecília Silva**

Chefe Electricista: **Jeff Silva & Luísa Alegre**

Som: **Salvador Lobo Xavier & Clara Brasil**

Captação de Som: **Ricardo Salazar & José Antunes**

Direcção de Arte: **Débora Braga**

Decoração: **Julía Malafaia**

Pinturas: **Clara Florido**

Direcção de Produção: **Carolina Pinto**

Assim. Produção: **Salvador Gil & Leonor Gamboa**

Montagem: **Carolina Pinto & Diana Gonçalves**

Montagem de Som: **Tiago Ferreira**

Correcção de Cor: **Diogo Falcão**

Design: **Gabriel Seixas**

Produtor: **Carolina Pinto & Clara Brasil**

Diana Gonçalves

(Porto, 2004) trabalhou no ramo artístico desde cedo, interessando-se pela história de arte e cinema. Explorou as artes plásticas e nos últimos anos estudou cinema com o objetivo de crescer em relação ao pensamento artístico. Trabalhou maioritariamente na área da realização, com filmes que passaram nos Prémios Sophia Estudante e em outros festivais como os Encontros de Cinema de Viana de Castelo, e na área da montagem.



Tinta Seca A Noite

“Eva (22) e Miguel (25) partilham uma rotina, um apartamento. Dentro deste apartamento vivem vidas diferentes em espaços diferentes que se contaminam. Eva procura o azul para as suas telas e Miguel procura Eva. Desencontrados nas conversas de silêncios questionam-se sobre o amor.

Um filme que trata o sentir e como às vezes nos limitamos a um hábito de afastamento, e como isso torna as pessoas distantes e maquinais. Este trabalho, que se inspira nas obras do Expressionismo Abstrato, procura através do meio fílmico provocar um sentimento no espectador tentando trabalhar a cor para esse propósito.”

Argumento e Realização: **Diana Gonçalves**

Assistente de Realização: **Sofia Afonso**

Anotação: **Camila Custódio**

Fotografia: **Dany Ribeiro**

1º Assistente Imagem: **Diogo Falcão**

2º Assistente de Imagem: **Cecília Silva**

Chefe Electricista: **Jeff Silva & Luísa Alegre**

Som: Salvador **Lobo Xavier & Clara Brasil**

Captação de Som: **Ricardo Salazar & José Antunes**

Direcção de Arte: **Débora Braga**

Decoração: **Julía Malafaia**

Pinturas: **Clara Florido**

Direcção de Produção: **Carolina Pinto**

Assim. Produção: **Salvador Gil & Leonor Gamboa**

Montagem: **Carolina Pinto & Diana Gonçalves**

Montagem de Som: **Tiago Ferreira**

Correcção de Cor: **Diogo Falcão**

Design: **Gabriel Seixas**

Produtor: **Carolina Pinto & Clara Brasil**

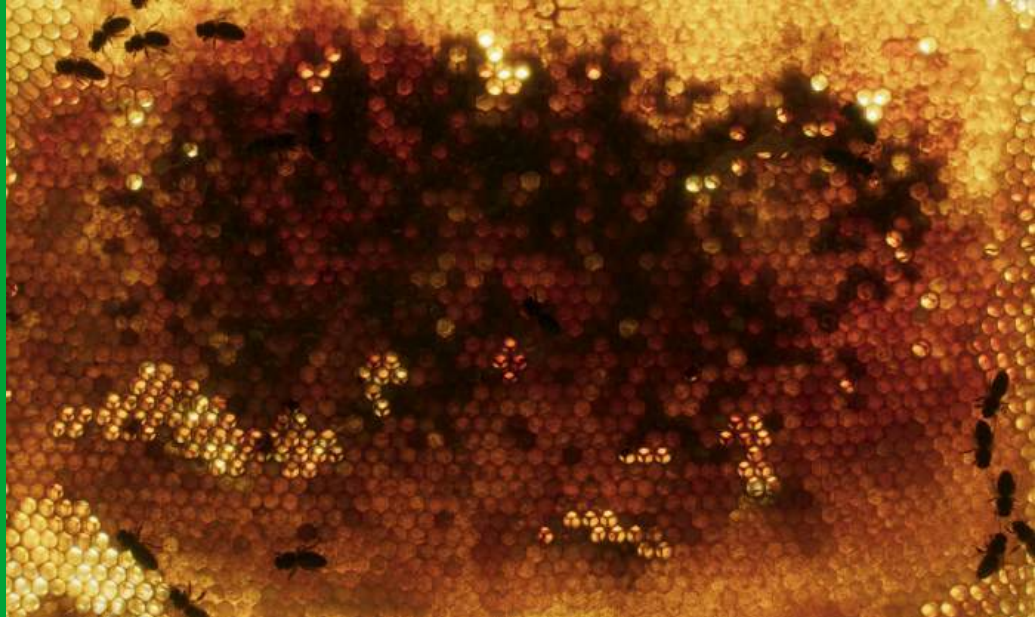
Fernando Sá Machado

Nasceu a 7 de outubro de 2004 na cidade de Braga, e é natural de Vila de Prado, Vila Verde.

Estudou Artes Visuais na Escola Secundária Alberto Sampaio, e é atualmente finalista da Licenciatura em Cinema na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa.

A sua abordagem ao cinema, à fotografia, à música, à escrita e às artes plásticas é artesanal e catártica por natureza, expressando o seu esforço por criar algo humano. No âmbito do projeto final da sua Licenciatura, desempenhou os cargos de diretor de fotografia e colorista na curta-metragem O Amor fez uma Esfera.





O Amor fez uma Esfera

Eduardo, um menino de 8 anos com uma obsessão pelo espaço, passa um fim-de-semana na casa do seu avô ausente.

Este curto espaço de tempo provar-se-á eternizado na sua memória pelo amor que dele desabrochou.

Realização: **Gabriel Andrade**

Argumento: **Gabriel Andrade, Henrique Aguiar**

Produção: **Carina Duarte**

Composição Musical: **José João, Pedro Silva**

Direção de Fotografia: **Fernando Sá Machado**

Direção de Arte: **Mila Restum**

Captação de Som: **José João, Luís Persaud**

Montagem: **Guilherme Castro**

Desenho e Mistura de Som: **José João**

Elenco: **Gabriel Escoval, João Paulo Costa, Rita Duque**

Assistência de Realização: **Pedro Alves**

Assistência de Produção: **Beatriz Silva**

Assistência de Direção de Fotografia: **Pedro Silva**

Assistência de Direção de Arte: **Eva Vieira**

Chefe Eletricista: **João Luz**

Correção de Cor: **Fernando Sá Machado, Pedro Silva**

Catering: **Eliana Rosa, Fátima Salgueiro, Madalena Coelho**

Fotografia de Cena: **Tomás Rodriguez**

Coordenação do Projeto: **Carlos Ruiz Carmona**

Acompanhamento Artístico: **João Canijo**

Consultores Artísticos: **Bernardo Bourbon, Gonçalo Amorim, Luís Urbano, Mariana Gaivão, Mariana Ricardo, Patrícia Almeida, Paulo Américo**

Com o apoio de: **Grupo Apisantos, Quinta dos Espigueiros Lomba, Nortozon, Minipreço, Norcópia, Pastelaria & Padaria Prestígio da Maia, PROA**

Gabriel Andrade

Nasceu a 5 de dezembro de 2002 na cidade do Porto, desde muito novo que mostra interesse no campo das artes visuais. Tirou o curso de Técnico de Multimédia na Escola Artística e Profissional Árvore onde ali desenvolveu a sua paixão pela imagem em movimento. Gabriel é atualmente estudante de cinema na Universidade Católica Portuguesa, onde se encontra a fazer a Licenciatura em Cinema. É apaixonado por fotografia e traz sempre consigo uma câmara para poder registar o momento.





O Amor fez uma Esfera

Eduardo, um menino de 8 anos com uma obsessão pelo espaço, passa um fim-de-semana na casa do seu avô ausente.

Este curto espaço de tempo provar-se-á eternizado na sua memória pelo amor que dele desabrochou.

Realização: **Gabriel Andrade**

Argumento: **Gabriel Andrade, Henrique Aguiar**

Produção: **Carina Duarte**

Composição Musical: **José João, Pedro Silva**

Direção de Fotografia: **Fernando Sá Machado**

Direção de Arte: **Mila Restum**

Captação de Som: **José João, Luís Persaud**

Montagem: **Guilherme Castro**

Desenho e Mistura de Som: **José João**

Elenco: **Gabriel Escoval, João Paulo Costa, Rita Duque**

Assistência de Realização: **Pedro Alves**

Assistência de Produção: **Beatriz Silva**

Assistência de Direção de Fotografia: **Pedro Silva**

Assistência de Direção de Arte: **Eva Vieira**

Chefe Eletricista: **João Luz**

Correção de Cor: **Fernando Sá Machado, Pedro Silva**

Catering: **Eliana Rosa, Fátima Salgueiro, Madalena Coelho**

Fotografia de Cena: **Tomás Rodriguez**

Coordenação do Projeto: **Carlos Ruiz Carmona**

Acompanhamento Artístico: **João Canijo**

Consultores Artísticos: **Bernardo Bourbon, Gonçalo Amorim, Luís Urbano, Mariana Gaivão, Mariana Ricardo, Patrícia Almeida, Paulo Américo**

Com o apoio de: **Grupo Apisantos, Quinta dos Espigueiros Lomba, Nortozon, Minipreço, Norcópia, Pastelaria & Padaria Prestígio da Maia, PROA**

Helena Matos

(Porto, 2004) sempre teve a arte como parte essencial da sua vida, estando envolvida no teatro e na dança.

Movida pela curiosidade e pelo fascínio pelo Cinema, escolheu a Licenciatura em Cinema como o próximo passo a seguir. Ao longo do curso, explorou várias funções, mas foi na Direção de Arte que encontrou a sua verdadeira paixão, sendo este o seu papel no projeto final Onde Não Me Ouço.





Onde Não Me Ouço

Joana é uma jovem que estuda num curso que não a entusiasma, envolta em dúvidas e no peso das expectativas da mãe. Em busca de traçar o seu próprio caminho, a sua jornada é marcada por noites sem sono, interrompidas pelos sons vindos do apartamento de cima, e por dias de reflexão sobre quem realmente deseja ser. Para enfrentar a pressão do mundo e o turbilhão dentro de si, Joana precisará primeiro encontrar coragem para fazer a sua voz finalmente ser ouvida. Desabrochou.

Argumento e Realização: **Vera Matos**

Produção: **Dalila Dias**

Direção de Fotografia: **Ana Clara Brasil**

Direção de Arte: **Helena Matos**

Captação de Som: **André Simões**

Assistente de Realização: **Maria Abreu**

Assistente de Produção: **Marta Lerenó**

1º Assistente de Imagem: **Ariana Mendes**

2º Assistente de Imagem: **Nádia Duarte**

Gaffer: **Jeff Silva**

Best Girl: **Alexandra Pinho**

Spark: **Hugo Machado**

Assistente de Direção de Arte: **Maria Bacelar**

Maquilhagem: **Maria Bacelar** e **Maria Clara Abreu**

Perchista: **Lara Rodrigues**

Composição Musical: **Eduardo Sorte** e **Tiago Guinhos**

Desenho e Mistura de Som: **António Romero**

Montagem: **Ariana Mendes**

Colorista: **Ana Clara Brasil**

Elenco: **Carolina Lopes** e **Matilde Gandra**

Isabel Melo

(Porto, 2004), desde muito nova possui um grande interesse pelas artes.

O seu primeiro contacto com a área, foi na Licenciatura em Cinema da Escola das Artes, conseguindo explorar diversas áreas.

Direção de Arte foi algo que a cativou no 3.º ano da Licenciatura, podendo trabalhar nessa função no projeto final realizado pela Sofia Afonso, *Semei Vermelho*.





Semeei Vermelho

Este filme parte de um fundo muito próprio, de um regresso aos rituais que na terra onde cresci faziam parte do dia-a-dia da minha família. A infância dos sinos e das rolas, que davam som à nossa aldeia, das brincadeiras de rua, do calor humano de um lugar que se conhece e te conhece e da amizade de criança.

Este filme vem pôr em jogo a saudade do que é tão próprio de quem cresceu no interior e confrontá-la com o amadurecimento e vemos em nós surgir alguém que não faz parte deste mundo, mas que o detém com muito carinho no coração.

Não existe um compasso moral nesta narrativa, nem uma tentativa de guiar o espectador por um certo caminho, mas antes expor uma realidade muito concreta - a do questionamento - o momento em que, enquanto crescemos, pomos em perspectiva quem somos e o que carregamos dentro de nós como parte do nosso ser.



Sofia Afonso

Iniciou o seu percurso na Escola Artística de Soares dos Reis, onde se especializou em vídeo.

Frequentou a Escola Superior de Teatro e Cinema onde se especializou em Realização e Montagem.

Atualmente a área a que mais se dedica é assistência de realização, tendo estagiado numa longa-metragem da produtora Agentanorte como segunda assistente de realização.

Ma Mer, o seu primeiro filme académico, foi nomeado a 9 festivais, nacionais e internacionais, em dois dos quais recebeu menções honrosas.

Rostos de Casa, o seu primeiro filme documental, produzido na Escola das Artes, foi nomeado para a competição “ensaios” da XXX edição do festival Caminhos do Cinema Português 2024.





Semeei Vermelho

Este filme parte de um fundo muito próprio, de um regresso aos rituais que na terra onde cresci faziam parte do dia-a-dia da minha família. A infância dos sinos e das rolas, que davam som à nossa aldeia, das brincadeiras de rua, do calor humano de um lugar que se conhece e te conhece e da amizade de criança.

Este filme vem pôr em jogo a saudade do que é tão próprio de quem cresceu no interior e confrontá-la com o amadurecimento e vemos em nós surgir alguém que não faz parte deste mundo, mas que o detém com muito carinho no coração.

Não existe um compasso moral nesta narrativa, nem uma tentativa de guiar o espectador por um certo caminho, mas antes expor uma realidade muito concreta - a do questionamento - o momento em que, enquanto crescemos, pomos em perspectiva quem somos e o que carregamos dentro de nós como parte do nosso ser.



Vera Matos

(Porto, 2004) desde pequena esteve ligada às artes, depois de muito tempo a pensar no que iria seguir, decidiu entrar no curso de cinema onde desempenhou várias funções, desde produção, assistente de realização e direção de fotografia. No último ano, como projeto final, escreveu e realizou a curta-metragem de ficção académica *Onde Não Me Ouço*.





Onde Não Me Ouço

Joana é uma jovem que estuda num curso que não a entusiasma, envolta em dúvidas e no peso das expectativas da mãe. Em busca de traçar o seu próprio caminho, a sua jornada é marcada por noites sem sono, interrompidas pelos sons vindos do apartamento de cima, e por dias de reflexão sobre quem realmente deseja ser. Para enfrentar a pressão do mundo e o turbilhão dentro de si, Joana precisará primeiro encontrar coragem para fazer a sua voz finalmente ser ouvida. Desabrochou.

Argumento e Realização: **Vera Matos**

Produção: **Dalila Dias**

Direção de Fotografia: **Ana Clara Brasil**

Direção de Arte: **Helena Matos**

Captação de Som: **André Simões**

Assistente de Realização: **Maria Abreu**

Assistente de Produção: **Marta Lerenó**

1º Assistente de Imagem: **Ariana Mendes**

2º Assistente de Imagem: **Nádia Duarte**

Gaffer: **Jeff Silva**

Best Girl: **Alexandra Pinho**

Spark: **Hugo Machado**

Assistente de Direção de Arte: **Maria Bacelar**

Maquilhagem: **Maria Bacelar** e **Maria Clara Abreu**

Perchista: **Lara Rodrigues**

Composição Musical: **Eduardo Sorte** e **Tiago Guinhos**

Desenho e Mistura de Som: **António Romero**

Montagem: **Ariana Mendes**

Colorista: **Ana Clara Brasil**

Elenco: **Carolina Lopes** e **Matilde Gandra**

Mestrado Cinema

Ari Moura

Formado pelo IPCI em fotografia profissional (2019-2020).

Licenciado em fotografia pela Escola Superior de Media Artes e Design (2020-2023). Durante seis meses estudou em Antuérpia num intercâmbio com a Karel de Grote Hogeschool. Atualmente, frequenta o Mestrado em cinema da UCP - Escola das Artes.

No ano de 2021 fez parte da exposição *Ser jovem, Hoje!* no Festival Instantes e na Pequena Galeria em Lisboa, com o coletivo Raízes do Erro. Em 2022 venceu o prémio Aveiro Jovem Criador na área da fotografia, tendo exposto o seu trabalho no museu Santa Joana. Por consequência, realizou uma residência artística no El Hacedor onde desenvolveu o projeto *Stepping out of the void* que expôs na galeria do espaço e no Espacio Tangente, na exposição Solastalgia. O projeto foi mencionado na revista Primer Acto nº363 2022, no capítulo Quando espaço rural no es igual al espaço aislado.

Em 2023, formou com Teresa Ribeiro, o Coletivo Terrário, com quem partilha direção artística. As suas formas de comunicação artísticas primordiais são a fotografia e o cinema e a plasticidade que se pode ter com ambos. As temáticas mais refletidas e abordadas englobam identidade de género, sexualidade, arte participativa, arte na comunidade e a precariedade na existência comum do humano e do ambiente que o rodeia.





Ululação

Retrato da intimidade de três pessoas trans, cujas histórias se entrelaçam pela convivência e pela partilha de momentos do cotidiano. Um olhar descolonizado de estereótipos em relação ao corpo trans.



Chiara Pinesi

A young and passionate photographer from Milan, Italy. In the last years, studied photography at the Academy of Fine Arts, practicing a lot with digital and film photography, and Cinema at the Universidade Católica Portuguesa in Porto, Portugal. Her artistic productions are almost always “human-centered”. Loves people and tend to analyze them and their behaviors with the help of her camera. Even when portraying places and landscapes, searches inside them clues of the human passage. Childhood and motherhood photography represents her deepest inspiration. I believe the reasons for this are deeply rooted in her psyche and inner self, making them almost inaccessible and inexplicable in words. For this reason, seeks to let the images speak, or rather, let the children and mothers speak through her photographs. “They have something to say, and they express it with simple and genuine gestures and movements. They communicate with adults, or perhaps with the children we once were and who still live within us. This dialogue has a certain magic, which I aim to capture through my photographic research.”





Touch as a Creative Gesture: Sensory Exploration In Audiovisual Artistic Creation

The internship took place between October 2024 and March 2025 in Milan, in the studio of Laetitia Farellacci, a photographer whose work is deeply rooted in the themes of maternity, newborn, childhood and womanhood. Working closely with her on a daily basis, the student had the opportunity to truly understand and experience Laetitia's unique, sensorial approach to photography, one that blends technical skill with emotional depth and artistic sensitivity. These themes resonate strongly with the student's own artistic interests, making the internship not just a professional experience, but also a meaningful space for personal exploration and creative growth. Throughout the internship, the student was involved in a wide variety of professional and creative activities: assisting in photo sessions, preparing and managing equipment and lighting, contributing to post-production processes and maintaining communication with clients. The student was also in charge of producing all backstage video content for photo sessions, workshops, and masterclasses, and collaborated on the creation of content for social media and online promotion. Additionally, she participated actively in Laetitia Farellacci's workshops and masterclasses, and engaged in daily one-on-one exchanges with the photographer, allowing for continuous learning and feedback. A strong emphasis was placed on the artistic and human aspects of the work, with special attention to the role of touch and presence, both central elements in Laetitia's methodology. This consistent and immersive experience led the student to develop not only strong technical and organizational skills, but also a deeper understanding of the photographer's unique and sensorially rich approach. This has sparked a new area of theoretical research focused on the importance of tactile experience in the creation of audiovisual work—an aspect that emerged as crucial during the internship and that connects audiovisual production, physical presence, and artistic sensitivity. The internship provided a meaningful and transformative experience, enriching both the student's practical knowledge and her ongoing artistic inquiry.

Haithem Ounaies

Tunisian filmmaker currently living in Portugal. Born on January 12, 1995, doing a Master's in Cinema at the School of Arts at Universidade Católica Portuguesa.

With over seven years of experience as a freelance videomaker, worked across various sectors, including commercial, artistic, and documentary film. His work reflects a strong command of visual storytelling, editing, and camera operation. During the second year of his master's studies, i completed an internship with Farol de Ideias, where he refined his skills in filmmaking, video editing, and motion graphics in a professional production environment.

I am is fluent in English, French, and Arabic, and brings a multicultural approach to his creative practice. His work is driven by a deep interest in human stories, visual aesthetics, and the power of cinema as a tool for expression and social dialogue.





My goals for this internship were, above all, to deepen my knowledge in various areas related to audiovisual production, particularly video editing. With the skills gained, I intended to use them to help the production company I was working at with any and every activity and challenge that could arise.

Throughout the course of my internship I worked mostly in video editing, but I also had the opportunity to go out into the field to shoot in several locations for different projects. As such, I was able to work on the various stages of an audiovisual production and, with that, to understand what each of them implied.

In this report I aim to explore, precisely, what I have learned from this experience, showcasing how I grew along the way, how much my skills and knowledge evolved over the last 6 months.

Inês Leal

A sua prática artística e de investigação tem um carácter ensaístico e experimental resultando na produção de instalações, séries de trabalhos em vídeo, fotografia ou outros suportes técnicos analógicos, onde recorre regularmente à apropriação e estudo de arquivos fotográficos. No Mestrado em Cinema, desenvolveu uma investigação que se debruça sobre comunidades trabalhadoras em regiões mineiras e a sua relação com a imagem em movimento.

Produz e expõe regularmente trabalho artístico em contexto expositivo desde 2021, tendo exibido coletivamente o seu trabalho na Culturgest Porto, Centro Internacional das Artes José de Guimarães (CIAJG), gnration e Galeria Municipal do Porto.



Impressões do Movimento e Outros Actos Bárbaros / O mineiro como trabalhador do Cinema

A investigação teórico-prática reflete sobre a relação entre a atividade mineira e os mecanismos de produção, reprodução e distribuição das imagens fotográficas e cinematográficas através da figura do trabalhador-mineiro.

A investigação conduzida tem como base a investigação pré-desenvolvida no Couto Mineiro do Pejão situado na Bacia Carbonífera do Douro no Norte de Portugal.

A investigação culminou no desenvolvimento de uma exposição com o título *Impressões do Movimento e Outros Actos Bárbaros*.



João Pinto

Nasceu na cidade do Teixeira de Pascoaes mas também do Ricardo Carvalho. Na esperança de que isso lhe tenha trazido o romantismo de um e a elegância a sair com a bola a jogar do outro. Aliás, no dia 8 de Julho Amarante elevou-se a cidade e foi a dia 9 que nasceu. A sua primeira influência artística foi um solo de guitarra do Gary Moore que o seu pai fazia questão de pôr em loop todos os domingos de manhã aos berros e o cancionero português que também pairava nesse sótão. Aprendeu bem cedo a andar na boa vida na esperança de um dia ter dinheiro suficiente para ter um fato de linho para cada dia da semana. Para já a esse nível só tem um blazer da Massimo Dutti que o diretor de fotografia deste projeto lhe ofereceu. Foi fazendo filmes com as suas estimadas e queridas amigas nesta mesma faculdade às quais está para sempre grato e entretanto planeio em continuar a fazer mais. Mas o que colmata qualquer mote ou qualquer objeto artístico que se possa produzir é que uma pessoa nesta vida não pode ter medo de ser feliz. Quer morrer numa manhã de neblina numa guiga a atravessar o Tâmega enquanto ouve Beach Boys e ver pelo menos uma vez na vida o Amarante Futebol Clube a subir à primeira liga ao lado dos seus entes mais queridos. E como dizia a lenda: Um brinde que ainda não brindamos hoje...





Mocidade, Mocidade...

Em 1985, numa aldeia do interior de Amarante e após herdar uma humilde lambreta do seu pai, Alberto tem que ultrapassar o seu trauma aliado à mota para chegar ao baile da aldeia.

Norman Suescun

is a visual artist specialized in photography who has held positions as a professor at some of Colombia's leading universities, such as the National University of Colombia, the Pontifical Javeriana University, and the Departmental Institute of Fine Arts in the city of Cali. He has also worked as an artist and has curated more than 30 exhibitions.

During the period between 2016 and 2021, he founded the Interference Space Foundation in the city of Cali, Colombia, which is dedicated to promoting the work of local artists. In this location, exhibitions related to photography and cinematographic image are held.

As the director of the foundation, he not only curate's exhibitions on occasion but also oversees the selection of artists and works to be exhibited, as well as manages the design and museography of the exhibitions.

In his artistic work, he employs multiple means to examine the link between symbolic content and the identity of plastic elements, using a distinctive language that generates areas where questions arise that confront the relationship between the apparent and the essential.





This report presents a critical reflection on the curricular internship carried out at Canal 180 in Porto, as part of the Master's in Cinema at the Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa. Over the course of six months, an editorial and audiovisual curatorship model was developed for a film cycle designed for both television broadcast and digital platforms, aiming to explore new forms of circulation for independent works.

Key tasks included researching, selecting, and programming films by emerging filmmakers, coordinating with 11 directors, drafting interviews, and producing audiovisual capsules for social media platforms such as Instagram and TikTok. This process helped to revive a previously paused segment of the channel through a dynamic format of short interviews, adapted to the digital environment.

The report is structured into five chapters, covering the institutional context of Canal 180 and offering a theoretical and critical analysis of the curator's role within television and digital media. The experience not only strengthened the author's professional skills in curatorship and content production, but also proposed a replicable model for future thematic cycles, aligned with the channel's mission to spotlight new talents and enrich its cultural programming.

Conservação e Restauro Licenciatura

Anastásia Nogueira

(Vila Nova de Gaia, 2003), atualmente a concluir a Licenciatura em Arte, Conservação e Restauro na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, no Porto. Já admitida no Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais na mesma instituição, pretendo aprofundar os conhecimentos adquiridos durante a Licenciatura.





Ao longo do curso de Licenciatura, tive a oportunidade de explorar e trabalhar com uma grande diversidade de materiais, o que me permitiu desenvolver um olhar mais atento e curioso sobre o seu comportamento. No primeiro ano, o foco esteve nos materiais inorgânicos.

Foi no segundo ano, contudo, que descobri um verdadeiro fascínio pelos materiais orgânicos — especialmente pela madeira.

Este interesse cresceu de forma natural e consolidou-se como a minha principal área de interesse, motivando-me a querer aprofundá-la no Mestrado.

Durante o terceiro ano, tive contacto com diferentes superfícies e desenvolvi várias técnicas de pintura.

Gostei imenso do curso e de todo o processo de aprendizagem. Cada etapa foi enriquecedora e reforçou o meu gosto pelo trabalho com diversos materiais.

Átila Alves

Natural de Avintes, com raízes portuguesas e romenas. Cresceu à margem do Douro, entre ruelas e a casa dos avós. Foi nesta casa e com o contacto com o avô Álvaro, um artista, que o gosto pela Arte floresceu. Foi tanto o gosto, que seguiu o ensino artístico na Escola Artística Soares do Reis, já com a ideia de mais tarde seguir Conservação e Restauro, e em 2022 assim aconteceu.





Enquanto não alcances não descanses. De nenhum fruto queiras só metade.

Miguel Torga

Como motivação, nada mais gratificante é perceber que as nossas ações no presente têm influência no futuro e, enquanto conservador restaurador, isto não poderia fazer mais sentido.

Mas acima de tudo, existe a motivação para fazer perdurar o legado, ações e memória do Homens do passado, presente e futuro que foram meu avô Álvaro e seu pai Neca.

Mas, no final de contas, enquanto estudante foi, é e será um percurso lindo, digno de ser lembrado, entre tardes nas oficinas, às noites passadas pelas ruas da Velha Foz, entre bisturis e guitarras portuguesas, entre batas sujas e capas rasgadas e, acima de tudo, este percurso ser-me-á recordado com carinho como um hino ao estudante e ao academismo.

Um Bem Haja.

Aurora Filipe Gomes

Desde pequena teve sempre contacto com arte. Andava no barracão do seu pai, a observá-lo a pintar os seus quadros. Sempre disseram que ia ser pintora como o pai, bem podemos dizer que envolve com tinta.

Nasceu em 2004 e foi criada na cidade que não existe.

Estudou na mesma escola durante 12 anos, ao 10º escolheu ir para economia e para música e no seu ano de caloiira fui para artes, graças ao irmão de direito.

Em vez de economista ou cantora lírica foi para conservadora e restauradora e cantora no lado. Matemática nunca foi o seu forte.





A minha Santinha

Durante estes três anos tive tantas experiências que nunca pensei realizar. Mexi desde a cerâmica a pinturas sobre madeira cheias de massas. O curso permitiu-me ver arte de uma maneira que nunca pensei ver. Entrei neste curso sem saber que havia o conceito de conservar e restaurar obras culturais, para passar ao que gostava de fazer no meu dia a dia.

Eliana de Sousa Rosa

Natural de Viana do Castelo (2004) sempre com um grande interesse na área das artes em especial, história das artes. Revelou um gosto especial pelas diversas arquiteturas de igrejas em que não existe momento nenhum que não queira visitar uma. Além disso, a pintura é algo que a cativa imenso desde a estilos mais antigos e até mesmo modernos.





Foi gratificante aproveitar as diversas oportunidades que tive ao longo destes três anos.

As aulas práticas nas oficinas revelaram-se, constantemente, como a principal forma da minha aprendizagem, em que me permitiu compreender melhor como encontrar soluções para os problemas através da partilha de ideias com os colegas.

Para além disso, adquiri um conhecimento mais alargado ao aprender os métodos e técnicas artísticas tradicionais não só pela prática, mas também por uma nova perspetiva sobre as obras.

A recordação dos momentos que passei com as minhas amiguinhas tanto dentro como fora da universidade. São estas experiências que levo comigo e que reforçam o meu sentimento de orgulho por estar a finalizar esta etapa da minha vida. Cada obra em que intervim foi uma oportunidade para aprender algo novo, e isso teve um enorme valor para mim.

Destaco também os trabalhos que desenvolvi desde a raiz, como a talha, e em particular a pintura a óleo que me deixou especialmente feliz com o resultado. Agradeço por poder terminar esta jornada ao lado dos colegas que me acompanharam ao longo destes anos.

Guilherme Mexia

25 anos, é licenciado em Conservação e Restauro. Desde muito cedo demonstrou um profundo interesse pela História, em particular pelas áreas da Arte Sacra, Escultura, Arquitetura e Arqueologia — sendo esta última uma das suas maiores paixões.

O percurso académico em Conservação e Restauro surgiu pouco depois de descobrir a existência do curso, mas rapidamente percebeu que era o caminho certo a seguir. Durante a formação, viveu uma experiência marcada por altos e baixos, mas repleta de aprendizagens que lhe permitiram crescer a nível pessoal e profissional.

Atualmente, é fundador de uma empresa de Conservação e Restauro, que pretende desenvolver ao máximo nos próximos anos, seguindo a linha de trabalho que mais o realiza: a preservação e valorização do património cultural, com especial enfoque na arte sacra.



A minha experiência no curso de Conservação e Restauro foi, sem dúvida, enriquecedora e transformadora. Nunca tinha considerado esta área até pouco tempo antes de ingressar, mas desde cedo percebi o seu valor e a sua importância para a preservação da nossa herança cultural. Foi uma fase de altos e baixos, como qualquer etapa importante da vida, mas repleta de aprendizagens significativas e de contacto com diferentes áreas ligadas à História e ao Património. O curso permitiu-me consolidar a minha paixão pela Arte Sacra e pela preservação de obras de valor histórico, abrindo-me caminho para a criação da minha empresa de Conservação e Restauro, que hoje representa a continuidade natural deste percurso académico

Lia Cunha

Estudou artes no secundário, em Braga.

Começando uma nova etapa da sua vida, dedicou-se aos estudos na Universidade Católica Portuguesa do Porto, na Licenciatura em Arte, Conservação e Restauro. Teve grandes amizades e grandes apoios durante esta longa caminhada até tornar-se a pessoa que é no momento, Bia e Sofia foram, são e serão sempre a sua rede de apoio e com a ajuda do seu pequeno melhor amigo Lucky ninguém pode entrar no seu caminho.

Esta já passou por muitos altos e baixos, e agora que está a acabar a Licenciatura, e o Mestrado está a chegar, nada posso fazer com que ela desista.





María López

Nascida em La Paz, B.C.S., Mexico, após a finalização dos seus estudos do Ensino Secundário no México, decidiu vir a Portugal em 2021 com o objetivo de estudar na área das artes. Atualmente, está a finalizar a Licenciatura em Arte, Conservação e Restauro, feliz de ter encontrado um curso que misturasse o seu gosto pelas artes e pela ciência. Com um interesse especial na pintura e na arte sacra, pretende continuar os seus estudos na área, com um Mestrado que lhe permita aprofundar os seus conhecimentos em estes ramos.





Os três anos na Licenciatura permitiram-me conhecer diversos materiais, orgânicos e inorgânicos e a ampla gama de conhecimentos que são precisos para poder trabalhar numa peça com o respeito e o cuidado que a própria precisa. Da mesma forma, ajudou-me a conhecer as minhas capacidades em distintas áreas, descobrindo que as mesmas mãos que podem pintar detalhes milimétricos numa tela, podem entalhar, martelar ou serrar um pedaço de madeira. Sinto-me imensamente grata por todas as oportunidades que esta Licenciatura e a universidade me proporcionaram tendo tido também o gosto de envolver-me em diferentes projetos dos cursos da escola das artes, sempre com o desejo de apoiar os meus amigos no seu desenvolvimento académico e pessoal.

Paula Beatriz

Natural de Lordelo –Paredes (2004), é finalista da Licenciatura em Arte, Conservação e Restauro.

No Secundário frequentou o curso Científico Humanístico de Artes Visuais e até ao seu último ano não sabia o que queria seguir no ensino superior. No entanto, deparou-se com o curso em que podia realmente fazer o que gostava como trabalhar diretamente com as obras e realizar trabalhos minuciosos e detalhistas (sim ela é perfeccionista).

Inicialmente o que a fez ter mais motivação para seguir esta área foram os vídeos satisfatórios que apareciam no TikTok, contudo no decorrer da Licenciatura, teve oportunidade de participar em campanhas organizadas pela universidade, onde um dos trabalhos era realizar o tratamento conservativo das maquetes do arquiteto Álvaro Siza Vieira e também de trabalhar em diversas materias durante os 3 anos e entendeu que realmente estava no curso certo, mas com a motivação errada.

Isto, porque a sua verdadeira paixão eram as madeiras e a prática do douramento.

De momento está inscrita no Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais na mesma Universidade para ter mais tempo de dar risadas nos corredores das oficinas (se ouvirem uma bruxa já sabem que sou eu), tomar cafés e fofocar antes das aulas com as suas amigas e para conseguir chatear a Cristina mais 2 anos. Isto se ela conseguir chegar a tempo das aulas o que promete tentar fazer daqui para a frente.





Capela Carmelita

Ao longo da Licenciatura comecei a realizar trabalhos de restauro em conjunto com um conservador restaurador, e neste tempo eu auxiliei-o na intervenção do altar na Capela Carmelita situada na minha zona. Com este trabalho tive de analisar a estabilidade e a fragilidade da madeira do altar e após o tratamento ainda repinte do símbolo da Ordem e o devido douramento.

Na desmontagem descobri vestígios de calçados de crianças já em degradação entre a parede e o altar, encontrei vestígios do material original do altar antes de ser colocada a madeira e concluí que no restauro anterior as molduras do altar tinham sido colocadas ao contrário.

Sempre preferi o trabalho prático do que o teórico e sempre gostei de arte e dos seus pormenores, tudo o que este curso me proporciona. Nesta área posso realmente trabalhar e fazer algo em que me sinto realizada e confortável a fazê-lo.

O meu segundo ano de Licenciatura foi o que mais me marcou neste percurso todo, porque realmente percebi que a área que eu quero especializar-me é nas madeiras e no douramento das peças, isto porque nesse ano eu intervencionei um sacrário que apresentava danos estruturais e que acabou por me proporcionar uma experiência extremamente completa do material.

A frase *Quem corre por gosto não cansa* nunca fez tanto sentido para mim, isto porque eu posso começar a trabalhar numa peça e quando me apercebo já se passaram horas e ainda não me sinto cansada e apenas quero continuar. Isto porque a paixão por este trabalho é tão verdadeira que as horas passam e não dou conta.

Sandra Trindade

Licenciada e mestre em Economia pela FEP, e com mais de 20 anos de experiência na área financeira, desde sempre teve interesse pelas artes e pela História. Esse interesse não será alheio às inúmeras visitas a castelos promovidas com grande entusiasmo pelo seu pai, quando era ainda muito jovem, apesar de nem sempre vividas com idêntico sentimento por si e pelos seus irmãos.

Decidida a dar um novo rumo à vida profissional, resolveu investir em algo que permitisse conjugar o rigor a que estava habituada na área financeira, com a sensibilidade necessária para intervir em obras de arte. Esta Licenciatura permitiu-a explorar áreas tão diversas como química, biologia, história de arte e técnicas de pintura e escultura. Foi, sem dúvida, um desafio, mas foi também uma oportunidade muito gratificante de crescimento pessoal.





Um dos projetos mais desafiantes durante a Licenciatura foi o restauro de uma pintura do séc. XIX que se apresentava bastante degradada. A intervenção centrou-se na tela, que, para além de depósitos de sujidade, exibia deformações, rasgões de várias dimensões, lacunas de material e envelhecimento da camada de revestimento. A diversidade de fragilidades implicou o desenvolvimento de tratamentos diversos incluindo aplicação de facing, planificação da tela e limpezas mecânica e química. Finalmente, foram aplicados reforços nos rasgões e lacunas na tela e feita a entretelagem.

O desafio colocado por esta obra reforçou o meu interesse pela área do restauro de bens culturais. Assim, o futuro próximo será preenchido com a realização de Mestrado na mesma área, tendo em vista aprofundar técnicas que promovam a preservação do património cultural, tendo como objetivo desenvolver uma carreira profissional na conservação e restauro de arte.

Sofia Moreira Miranda

Nasceu em 2004, em Águas Santas. O gosto pelas artes fez sempre parte da Sofia, mas foi no 10.º ano que o caminho começou a ganhar forma. No curso de Arte, Conservação e Restauro, encontrou não só a sua paixão e o seu lugar, como também amizades que levará para a vida. Dá por concluído um ciclo e prepara-se agora para o próximo passo: o Mestrado.



Durante o curso, a área que mais me cativou foi a conservação de madeiras.

No segundo ano, tive a oportunidade de intervir num sacrário, e foi aí que percebi, com toda a certeza, que era esse o caminho que queria seguir. Trabalhar com madeira foi, para mim, a experiência mais cativante e, ao mesmo tempo, a mais desafiadora, o que tornou tudo ainda mais recompensador.

Susana Paiva

(Porto 1970), licenciada em Design Gráfico na ESAD de Matosinhos em 1994.

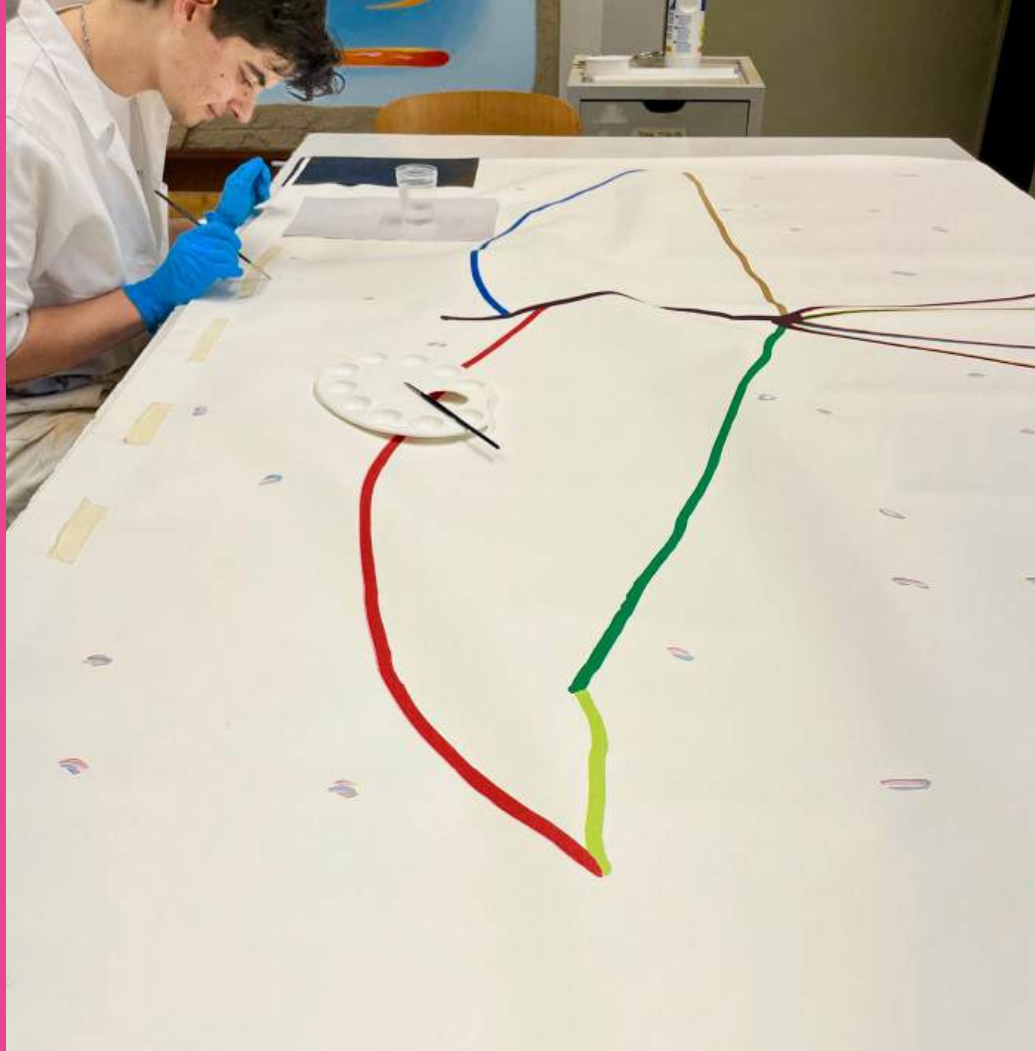
A pandemia teve influencia na decisão de experimentar em outras áreas dentro das artes, visto esta ter sido sempre uma paixão.



Serigrafia de Ângelo de Sousa – A interdisciplinaridade do curso de CR

Pela minha experiência, o curso de Arte, Conservação e Restauro é frequentemente visto como limpar, colar e pintar coisas antigas. Este projeto, realizado em conjunto com o colega João Moreira, tenta contrariar essa ideia, mostrando o restauro de uma obra de arte contemporânea, com a ajuda indispensável da ciência. Este projeto pretende disponibilizar a verdadeira natureza do curso e da sua forte vertente teórica-científica.

A arte contemporânea tem potencial para mim, pela variedade de materiais, técnicas e novos aspectos de degradação e alteração das peças.



Tiago Teixeira

Nasceu em Guimarães em 2001. Quando descobriu este curso, percebeu que era ideal para si, pois gosta de arte, de objetos históricos e de trabalhos minuciosos. Este curso reúne esses três gostos num só. Foi mesmo sorte. Aprendeu as técnicas que os artistas usam para criar obras de arte, os problemas com que se deparam e como criar possíveis soluções de intervenção. Também trabalhou com vários materiais e em diferentes locais, o que proporcionou mais experiência na fascinante área da conservação e restauro





No primeiro ano, tive a oportunidade de intervir numa escultura de gesso das Belas Artes e num pequeno crucifixo.

No segundo ano, a minha experiência aumentou. Trabalhei com outras pessoas numa caixa de costura coberta com madreperla e fiz várias peças de cerâmica. Também tive a oportunidade de ir a outros locais fora da universidade para realizar intervenções preventivas em vários hipomóveis e numa campanha de verão numa capela particular. Foram boas memórias e uma experiência que me ensinou muito.

No terceiro ano, tive a oportunidade de aprender a intervir em documentos gráficos, bem como numa pintura e na moldura da obra, e de dar continuidade à campanha do segundo ano.

Foi a melhor decisão que tomei. Fiz amizades e aprendi imenso.

Espero que os meus colegas e amigos de turma tenham tido a mesma experiência.

De todas as áreas que tive oportunidade de aprender, não consigo decidir qual a que mais gostei, pois a diversidade de aprendizagem foi enorme e marcante. No entanto, posso dizer que a mesa de costura e a campanha de verão na capela privada foram, sem dúvida, as experiências mais marcantes ao longo dos três anos de Licenciatura.

Mestrado Conservação e Restauro

Ana Sofia Dantas

(Fafe, 2002), ao longo do seu percurso académico, interessou-se desde cedo pelos desafios colocados pelas especificidades da arte contemporânea à conservação e restauro. Foi a partir desta afinidade adquirida durante a Licenciatura que surgiu a motivação para se dedicar aos materiais plásticos e às problemáticas por eles levantadas. Apesar da paixão que nutre pela temática a aluna sentiu recentemente uma vontade de explorar novos horizontes. Sendo assim, irá continuar o seu caminho na University College London no campo da História da Arte.





Estudo Analítico da Obra “Conhece a Via Láctea?” de *Joaquim Pinto Vieira: A Degradação de Polímeros Sintéticos na Arte Contemporânea*

Partindo do estudo da obra *Conhece a Via Láctea?* de Joaquim Pinto Vieira, a dissertação desenvolvida nos últimos meses foca-se nas problemáticas associadas aos polímeros na arte contemporânea. É através da identificação das diferentes tipologias de plásticos presentes nos espólios museológicos que se torna possível definir metodologias para a gestão das coleções e consequentemente para a sua conservação. Sendo assim, recorrendo a um estudo analítico aprofundado revelam-se não só as patologias da obra como se confirmam todas as problemáticas sentidas na preservação deste tipo de exemplares sinalizando uma necessidade urgente para o desenvolvimento de estudos na área.

Ana Meireles

Licenciada em Arte, Conservação e Restauro pela Universidade Católica Portuguesa - Escola das Artes.

Frequentando atualmente o segundo ano do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais - Pintura.





Estudo e intervenção de conservação e restauro de uma pintura a óleo sobre tela colada sobre platex (suporte rígido não original) - Torso Masculino em vista frontal – de finais do século XIX, início do século XX, não datada, atribuída a Aurélia de Souza.

Beatriz Nogueira

(Ourém, 2002). Licenciada em Arte, Conservação e Restauro pela Universidade Católica Portuguesa, no Porto, encontra-se, ao fim de dois anos, a concluir o Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais na mesma instituição.

À semelhança do que a motivou ao longo da Licenciatura, no Mestrado procurou explorar novas áreas e realidades, aprofundar os temas pelos quais se apaixonou durante o seu percurso e, acima de tudo, enfrentar novos desafios. Durante o seu estágio na Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, o tamanho do objeto sobre o qual a sua dissertação se debruça não foi suficiente para a intimidar — enfrentou-o de mente aberta, aprendendo, entre outras coisas, o valor da persistência, da sensibilidade e da loucura (também conhecida como fome de aprender).

Termina este ciclo com a vontade de continuar, convicta de que ainda existe muito por aprender e descobrir e, acima de tudo, de que é na fragilidade das coisas que reside a sua beleza – e a sua força.





Desafios no Tratamento de uma Berlinda Coupé do Século XVIII, pertencente à Coleção da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva (FRESS)

A dissertação aqui apresentada tem como objeto de estudo uma berlinda coupé de grandes dimensões e de natureza compósita (madeira policromada e dourada, aventurina e pintura a óleo sobre madeira, couro, têxteis, vidro e metal), datada de 1760-1770, que apresenta características formais e estéticas marcadamente rococó. Embora inserido num estudo mais amplo — que inclui a abordagem da dimensão histórico-artística deste veículo hipomóvel, assim como a intervenção de conservação do objeto — o foco da investigação centrou-se na exploração de diferentes metodologias de limpeza química, com o objetivo de propor uma abordagem atualizada a esta fase do tratamento em objetos policromos que, à semelhança desta berlinda, foram concebidos para o exterior e que, por essa razão, apresentam desafios distintos daqueles destinados a obras concebidas para o interior. Considerando que a utilização de metodologias de limpeza seguras e sustentáveis neste tipo de objetos é algo insuficientemente (se de todo) documentado, esta dissertação representa um contributo importante para testar a sua eficácia em contextos de elevada complexidade, como este caso de estudo, e, caso seja possível provar a sua eficiência, para impulsionar o uso destas técnicas durante as intervenções de conservação e restauro. Paralelamente, visa-se contribuir para um conhecimento mais aprofundado desta berlinda, complementando o estudo da tipologia de veículos históricos, através da reunião e comparação da informação disponível, e do estabelecimento de relações entre os dados existentes e os obtidos ao longo do processo.

Carolina Rodrigues

(Braga, 2002), é licenciada em Arte, Conservação e Restauro (2020-2023) e encontra-se atualmente a concluir o Mestrado na mesma área.

O seu percurso académico tem sido pautado por um interesse particular pelos documentos gráficos, com especial enfoque nos livros - uma afinidade que a acompanha desde cedo. Esse interesse levou-a a dedicar a sua dissertação de Mestrado a um património pouco estudado: as encadernações de veludo com aplicações de prata. A sua investigação incide num conjunto de cinco exemplares pertencentes à Irmandade dos Clérigos (Porto), instituição da qual é bolseira, explorando as suas vertentes histórica, material, técnica e aspetos de conservação.

Crê que os livros transportam não só histórias escritas, mas também histórias vividas. Preservá-los é, para si, um gesto de continuidade com o passado.





Contributo para o Estudo das Encadernações de Veludo com Aplicações de Prata: Os Missaes da Irmandade dos Clérigos (século XVIII), Porto

O estudo das encadernações de veludo com aplicações em prata, um património ainda pouco valorizado, é retomado nesta dissertação centrada em cinco exemplares do século XVIII pertencentes à Irmandade dos Clérigos (Porto), sendo três deles atribuídos ao ourives setecentista João Coelho de Sampaio.

A maioria dos estudos no campo da História da Arte tem-se limitado à descrição dos ornamentos em prata e ao contexto das encadernações enquanto objetos litúrgicos inseridos numa lógica de aparato, deixando em aberto questões relativas à técnica, materialidade e conservação. Neste trabalho foi possível caracterizar o tipo de veludo empregue, o seu modo de aplicação, corantes e adesivos utilizados, bem como a composição das ligas metálicas. Paralelamente, foram descritos os danos mais recorrentes nestes exemplares, com o objetivo de estabelecer um modelo diagnóstico específico para esta tipologia. O estudo revelou uma complexa convivência de materiais que reagem entre si de forma distinta, evidenciando a necessidade de uma abordagem holística sob o ponto de vista da conservação. Tratando-se de livros raros, atualmente depositados em arquivo, o seu adequado acondicionamento revela-se essencial para estabilizar os exemplares e prevenir futuras degradações ou perdas patrimoniais. Este trabalho abre novas possibilidades de investigação interdisciplinar e contribui para o reconhecimento e valorização do estudo aprofundado desta tipologia de encadernações.

Eduarda Maia

27 anos, frequentou e concluiu entre 2013 e 2016 o Ensino Secundário na escola Dona Maria II em Braga, tendo como área de estudo Artes Visuais. De 2016 até 2020 realizou e concluiu a Licenciatura em Artes Plásticas - Pintura, na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Apesar da particularização o seu percurso também se caracteriza pela variedade de utilização de matérias, assentes em campos da modelação, escultura e desenho.

Entre 2020 e 2023 realizou e concluiu a Licenciatura em Conservação e Restauro, na Universidade Católica do Porto. O motivo para a iniciação de uma nova Licenciatura assentou na necessidade de preservação do Património Cultural. Ainda, de 2023 a 2025, realiza o Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais com especialização em esculturas de madeira dourada e policromada. A continuação dos estudos, por mais dois anos, centrou-se na procura de experiência nomeadamente através do contacto com o mundo real do trabalho nesta área. Os objetivos principais foram, grosso modo, ganhar destreza na resolução de problemas associados aos processos de deterioração de um bem cultural, contactar com várias áreas para além da minha especialização e melhorar as minhas capacidades técnicas.



No âmbito do Mestrado de Conservação e Restauro de Bens Culturais na Universidade Católica Portuguesa e o estágio na Empresa Atelier Samthiago, em Viana do Castelo foi realizado um projeto com o título “Estudo dos processos construtivos de esculturas de madeira dourada e policromada dos séculos XV ao XVIII: Conservação e restauro da escultura religiosa Nossa Senhora da Orada”.

Num primeiro momento, acompanhou a evolução das oficinas de escultura entre os séculos XV e XVIII, enfatizando a sua influência na arte de entalhar. Nesse sentido é-nos possível reter conhecimento sobre as propriedades e características da matéria-prima selecionada, a madeira, as justificações que confluem na escolha de determinada tipologia de madeira para a realização de esculturas, assim como sobre os processos construtivos desde o corte, serração, secagem e métodos de esculpir. Desse modo, rastream-se informações alusivas aos métodos construtivos, facilitando e assegurando amparo aos processos futuros de intervenção em esculturas desta tipologia. Num segundo momento, é apresentado o caso de estudo da Nossa Senhora da Orada, figura proveniente da Capela da Orada em Melgaço, procedendo-se ao registo do seu tratamento de conservação e restauro.

Por fim, o estágio realizado permitiu o entendimento do mundo profissional e empresarial, por vezes tão diferente do mundo académico e contactar com todo o tipo de obras e materiais. O trabalho em equipa favoreceu a capacidade de compreensão, interajuda, descoberta e aquisição de novos conhecimentos no âmbito da conservação e restauro.

Giovana Hiluy Vieira

Arquiteta e urbanista formada no Brasil, atualmente a tirar o Mestrado em Conservação e Restauro em Portugal. Casada (motivo que a trouxe para cá) e mãe do Daniel — que, diga-se de passagem, participou em praticamente todas as aulas, como um verdadeiro colega de Mestrado —, tem conciliado diferentes papéis, com dedicação e curiosidade constante. A sua trajetória é marcada pela diversidade: além da arquitetura, atuou em administração e logística, sempre mantendo a arte como pano de fundo, seja profissionalmente ou como hobby. Ao longo da sua experiência, trabalhou em projetos arquitetônicos, gestão e processos organizacionais, o que proporcionou uma visão ampla sobre planejamento, execução e eficiência. Essa diversidade consolidou algo que sempre a moveu: a busca por soluções que simplifiquem tarefas e tornem os processos mais funcionais, sem perder qualidade. Atualmente, está a aprofundar os estudos na área da conservação e restauro, explorando como a Inteligência Artificial pode apoiar a inventariação e conservação documental sem comprometer os valores éticos e culturais envolvidos.





A Contribuição da IA na Inventariação e Conservação de Arquivo Documental – O Caso de Estudo do Arquivo de Julião Sarmiento

Este projeto tem como propósito explorar até onde a Inteligência Artificial pode atuar como aliada nos processos de inventariação e conservação documental.

A ideia é simples na teoria: utilizar ferramentas tecnológicas para reduzir tarefas repetitivas e burocráticas, liberando tempo para que os profissionais se dediquem ao que realmente exige sensibilidade e experiência. Na prática, o desafio é grande: compreender os limites da IA, avaliar riscos éticos, institucionais e técnicos, e propor soluções que mantenham o equilíbrio entre inovação e preservação cultural. Por meio da análise do arquivo documental de Julião Sarmiento, pertencente à Fundação de Serralves, esta investigação pretende comparar métodos tradicionais e automatizados, mensurando ganhos, limitações e implicações de cada abordagem. Mais do que números, trata-se de um convite à reflexão: como garantir que a tecnologia trabalhe para nós, sem substituir aquilo que só o olhar humano é capaz de preservar?

Inês Barbedo Ramalho

(Porto, 2000) é licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e frequenta atualmente o Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa.

A sua investigação centra-se na conservação de arte contemporânea e explora os desafios da documentação.





Entre a matéria e o conceito: Documentação do modelo expositivo da obra Escultura dentro da floresta (1968-1969) de Alberto Carneiro

A dissertação investiga os desafios da documentação e conservação de obras de arte conceptual no contexto da arte contemporânea, com foco na obra Escultura dentro da floresta (1968-1969), de Alberto Carneiro.

Adquirida pela Fundação de Serralves em 1991, a obra tem sido montada e exposta desde então com variações na instalação, que podem refletir incorretamente a intenção conceptual e linguagem visual projetada pelo artista. Tendo em conta a escassez e incoerência da documentação existente, esta investigação tem como objetivo responder ao desafio lançado pela instituição, através da criação de documentação que auxilie os momentos de montagem e definição de um modelo expositivo definitivo.

Isabel Salgueiro Maia

(Vila do Conde, 2002) licenciada em Arte - Conservação e Restauro
e finalista do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais.





Durante o Mestrado, teve a oportunidade de integrar diversos projetos que enriqueceram a sua formação, nomeadamente através da participação em workshops especializados e campanhas de verão. Entre essas experiências, destacou com especial apreço o convite para fazer parte da intervenção de restauro de uma pintura de rolo da Igreja de Nossa Senhora do Terço e Caridade. Onde afirma ter sido um privilégio integrar a equipa, onde professores e técnicos se tornaram colegas e referências no seu percurso profissional.

Paralelamente, sempre acreditou que cada objeto artístico carrega consigo uma história e uma mensagem que transcendem o seu valor estético. Esta visão ética, que defende a autenticidade e o respeito pela passagem do tempo, reforçou a sua motivação para aprofundar os estudos na área da conservação de materiais pétreos, com base neste princípio – de que qualquer intervenção deve ser mínima e sustentada por critérios técnicos e deontológicos – que nasceu o seu interesse pela investigação de soluções eficazes, duráveis e compatíveis com o granito de Vila Real.

Neste contexto, dedicou-se ao estudo dos desafios e das potencialidades do uso de hidrófugos nanotecnológicos na proteção de superfícies graníticas. Acredita que o desenvolvimento nesta área e a aplicação responsável destes produtos representam um contributo relevante para a conservação preventiva, ao prolongarem a durabilidade dos materiais sem comprometer a sua integridade estética ou histórica.

Ao longo deste percurso, o Edifício de Restauro foi o espaço onde o saber se cruzou com a prática. Entre pincéis, solventes, hidrófugos, pigmentos e reflexão crítica, aprofundou os seus conhecimentos tanto nos materiais orgânicos como nos inorgânicos, e desenvolveu um olhar atento e responsável enquanto futura conservadora-restauradora.

A todos os que fizeram parte deste trajeto — colegas, docentes e monitores — deixa a sua mais sincera gratidão e os melhores votos de sucesso nas próximas etapas.

Leonor Pinho

(Vizela, 2001) encontra-se no término do Mestrado em Conservação e Restauro na Universidade Católica Portuguesa.

Sempre demonstrou interesse em arte, procurando expressar-se através dela: a escrever poemas para familiares e amigos em criança; a praticar ballet e dança contemporânea (em Dançando com as Artes, em Vizela); a tocar flauta transversal e bateria no Colégio de Vizela (tendo tido, inclusive, a sua participação em bandas diferentes), e a pintar as paredes de sua casa, desde que se lembra.

Assim sendo, no Ensino Secundário frequentou a Escola Artística Soares dos Reis, onde aprimorou a sua arte, tendo sido lecionada por diversos artistas. Especializou-se na área de Produção Artística-Têxteis.

Em 2022, fez parte do programa Erasmus +, tendo realizado um semestre na University of West Attica, em Atenas, Grécia.

Uma vez que sempre teve a necessidade de realizar projetos, tem vindo a dar aulas de yoga a amigos e colegas, e realizou exposições, de forma a revelar alguns dos seus trabalhos pessoais de pintura e desenho. Para o mesmo projeto, criou uma página na plataforma Instagram, intitulada *flourishiingflaws*, em que faz publicidade aos trabalhos referidos.

Também lecionou aulas de desenho, e já realizou alguns trabalhos na área.

Terminará o seu percurso na Universidade Católica Portuguesa, sendo que já efetuou a submissão da dissertação de Mestrado, e prepara-se para a defesa da mesma.

Realizará um estágio profissional na instituição detentora.



Introduction

Intangible heritage differs from tangible heritage in that the latter includes monuments, sites, ruins, and tangible objects, while the former transcends these physical and material boundaries found in traditional cultural manifestations.

The two categories are interconnected, as all tangible heritage has a symbolic dimension and reflects intangible values, and intangible heritage manifestations are often associated with tangible objects, props, documents, and places.

In this line of thought, an ethnographic collection can represent the material and/or artistic manifestation of a particular *ethnos*. In other words, ethnographic collections are the clearest material example of the intangible. This condition is implicit in the very name. In museum collections, both dimensions must necessarily be interconnected.

An Ethnographic Collection

This work is part of an internship at Sociedade Martins Sarmento (SMS), in Guimarães, of the Conservation and Restoration Master's programme. It is related to its ethnographic collections.

The so-called Fundo Ultramarino of the ethnographic collections, comprises 203 objects related to art, religious practices, warfare, hunting, and daily life, originating from former Portuguese colonies, with a particular emphasis on African culture, particularly Angola.



Fig. 2- Candanda (?). Masked figure
Gangwela. 20th Century, Bie (?), Angola.

Fig. 3- Mask Múscua.
20th Century, Uíge, Angola.

Fig. 4- Catelenga (?). Masked figure
Gangwela. 20th Century, Bie (?), Angola.

Source: Digital Archive- SMS; Alves, V. M., et al (2024).

Inventorying and Questioning the Objects

- The inventory: The inventory can be understood as part of the preventive conservation process of heritage. The inventory of this collection is basic and requires further development, based on an inclusive and interdisciplinary approach. Are the intangible aspects associated with the collection being considered? Is the inventory being regularly updated?

- Lack of information: where to search for information? Who to consult? Who to listen to? Experts, non-experts? Both?
- How is the collection displayed? Is the symbology of the object being expressed? Is the cultural context being communicated? How is the collection displayed?

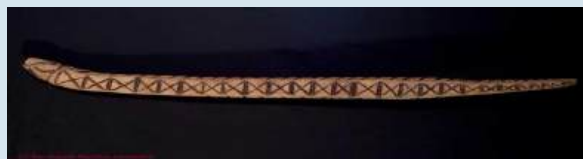


Fig. 5- Snake. 20th Century, Mexico, Angola.

Source: Digital Archive- SMS



Fig. 1- Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, Portugal

Methodological Approaches

- To conduct different interviews with donors of collections regarding the context of the acquisition of the objects under study, as well as some of the ethical challenges we might face when exhibiting items from other regions.
- To search for online exhibitions and digital catalogues in Portuguese and international museums in order to establish comparisons and fill information gaps.
- Attempts to engage donors, members of the diasporas in the exhibition and protection of heritage. Responsibility would thus be shared, and the preservation and management of heritage would be a collective effort.



Fig. 6- Display of ethnographic objects at the Museum of SMS.

Coleções Etnográficas: Questões de Inventariação, Exposição, Conservação e Restauro. O Acervo da Sociedade Martins Sarmento

Esta dissertação aborda o património imaterial, a sua importância, e problemáticas relacionadas com a sua inventariação, exposição e conservação. Parte de um corpo de coleções etnográficas e dos seus desafios, através de um estágio realizado na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, onde foram abordados dois Fundos do acervo da instituição: o Fundo Ultramarino e o Fundo de Cultura Popular. O inventário dos Fundos mencionados era sumário e requeria aprofundamento, tendo sido objeto de uma revisão parcial, onde se procurou reforçar a informação existente e incluir nova informação, de forma a corresponder à natureza do património em questão e propor outras abordagens. Foi igualmente analisado o contexto museológico e visitadas instituições similares com outros modelos expositivos. Finalmente, foram efetuadas intervenções pontuais de restauro em peças dos fundos mencionados, cuja metodologia e processo são apresentados.

À luz das especificidades do património imaterial, a experiência do estágio permitiu concluir que seriam necessárias novas formas de inventariação, com maior participação social, estratégias participativas e debate público para que outras dimensões dos objetos pudessem estar presentes, e para que a preservação do património fosse mais abrangente.

A dissertação procurou refletir, problematizar e dar contributos relacionados com o carácter imaterial das duas coleções estudadas.

Marta Ferreira

(Penafiel, 2002) apaixonada pelas artes desde pequena, encontrou no restauro de pintura uma forma de unir técnica e sensibilidade. Após a Licenciatura em Arte, Conservação e Restauro na Universidade Católica Portuguesa, no Porto, seguiu para o Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais. Além dos pigmentos e pincéis, também vive entre sapatilhas de ballet — é bailarina pela Royal Academy of Dance e participou nas quatro primeiras edições do Soirée de Bailado no Coliseu do Porto.





Exploração dos aspetos técnicos e estéticos dos géis de Paraloid B-72 para reintegração cromática

Os géis de Paraloid B-72 são uma formulação recente que tem vindo a ganhar destaque no campo da conservação e restauro de pintura, especialmente na reintegração cromática.

Esta dissertação de Mestrado visa explorar as suas propriedades técnicas e estéticas, assim como avaliar a sua aplicação prática em contextos reais de intervenção.

O trabalho parte de um levantamento teórico aprofundado sobre os géis de B-72 e os seus comportamentos reológicos e visuais, refletindo igualmente sobre a sua reversibilidade e os desafios éticos associados ao seu uso. Através do estudo de duas obras pertencentes à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto — com diferentes texturas, materiais e estados de conservação — foram realizados ensaios com seis tipos de géis, aplicados com pigmentos para simular lacunas, marcas de pincel, empastes e velaturas.

Além da componente prática, a dissertação procurou validar a eficácia e adequação dos géis de Paraloid B-72 a situações de reintegração complexas, oferecendo diretrizes para a sua utilização segura e eticamente fundamentada. Com esta investigação, pretende-se contribuir para o avanço técnico na conservação de pintura e apoiar os profissionais na adoção de novas ferramentas compatíveis com os princípios contemporâneos da disciplina.

Miguel Almeida e Quinta

Encontra-se a terminar o Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais, com foco em coleções de História Natural, especificamente as conchas. Desde o 2º ano de Licenciatura que procurou direcionar os seus estudos e trabalhos académicos voltados para a conservação dessas coleções, além de ter também iniciado a sua própria coleção. Desde então, sabe que é esse o caminho que pretende seguir para o futuro, procurando contribuir para o avanço da investigação nessa área.





Manual para Diagnóstico, Tratamento e Conservação de Coleções de Conchas

O meu projeto de Mestrado consiste na elaboração de manual para diagnóstico, tratamento e conservação de coleções de conchas. Os principais problemas das coleções de conchas advêm das inadequadas ou inexistentes medidas de conservação preventiva e a escolha de determinados materiais para conservação curativa e restauro. Por serem escassas as publicações associadas à preservação deste tipo de coleções, procurou-se preencher esta lacuna através da criação deste manual, num projeto de colaboração com o Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP), que disponibiliza a sua coleção malacológica como caso de estudo. A informação a disponibilizar neste manual vai contribuir para um melhor conhecimento de diversas técnicas específicas para a conservação de coleções de conchas. Destinado a conservadores-restauradores profissionais, também confere uma grande utilidade para os colecionadores, que atualizam e adquirem conhecimento de outros métodos e materiais de preservação e uma série de técnicas aplicáveis nas suas coleções, de forma a permitir que elas perdurem por longos anos. Como conservador-restaurador, colecionador de conchas e entusiasta pela área da malacologia, procurei uma forma de unir todas estas paixões neste projeto.

Raquel Motta Riboldi

(São Paulo – Brasil, 2001), inicialmente ingressou na Universidade Católica como aluna internacional em 2019 na Licenciatura em Artes, Conservação e Restauro.

Agora finalista no Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais, realizou seu estágio curricular, a fim de ampliar seus conhecimentos sobre suportes em madeira, no Centro de Conservação e Restauro da Universidade Católica Portuguesa (CCR-UCP) intervencionando em dois oratórios domésticos em madeira.





Estudo e Trabalhos de Conservação e Restauro em dois Oratórios de mesa do Paço de São Cipriano

O projeto final tem como objeto de estudo dois oratórios em madeira e suas respectivas esculturas sacras, pertencentes ao acervo do Paço de São Cipriano, em Guimarães. O trabalho foi desenvolvido no âmbito de um estágio curricular realizado no Centro de Conservação e Restauro da Universidade Católica Portuguesa. O principal objetivo é contribuir para a preservação e valorização destes objetos devocionais, tanto do ponto de vista material quanto simbólico, por meio de uma intervenção fundamentada nos princípios éticos da conservação e restauro. Para isso, foi necessário compreender o contexto histórico das obras, estudar suas técnicas construtivas e decorativas, diagnosticar de forma rigorosa as patologias presentes, e, por fim, elaborar e aplicar propostas de tratamento compatíveis com os materiais originais e reversíveis. A intervenção permitiu também refletir sobre temas como repolicromia, montagem construtiva, simbologia religiosa e conservação preventiva, promovendo uma leitura crítica e aprofundada das obras enquanto testemunhos materiais de práticas devocionais domésticas dos séculos XVIII e XIX.

Rita Veríssimo

(Valença, 2002) é técnica superior de conservação e restauro na Fundação Bienal de Arte de Cerveira, instituição onde realizou o estágio no âmbito do Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais, atualmente em fase de conclusão. Em 2023, licenciou-se em Arte, Conservação e Restauro pela Universidade Católica Portuguesa. Desde muito jovem revelou interesse pela expressão artística, tendo iniciado os estudos de violino aos 6 anos, no Conservatório de Música de Tuy (Espanha). Aos 10 anos, ingressou no Curso Básico de Música na Academia de Música da Fortaleza de Valença. No Ensino Secundário, frequentou a Escola Artística Soares dos Reis, onde se especializou em Produção Artística – Cerâmica.

A sua formação inclui duas experiências no âmbito do programa Erasmus+: em 2019, no Lycée Professionnel Henry Moisan (França), e, em 2022, na University of West Attica (Grécia).

Participou em diversos workshops, estágios e formações com artistas e profissionais como Cláudia Camacho, Joana Amaral, João Carqueijeiro, Eliseu Silva, Cláudia Ribeiro, Gonçalo Fonseca e Splash. Em 2020, criou o projeto sustentável Eden's Wood, dedicado à produção de peças de mobiliário e decoração a partir de madeiras reaproveitadas de margens fluviais e areais costeiros. Atualmente, este projeto encontra-se numa fase de transição, com a integração da cerâmica como novo elemento no processo criativo.





Desenvolve, atualmente, um projeto de longa duração no Museu da Fundação Bienal de Arte de Cerveira, centrado na análise, documentação e reorganização da respetiva reserva museológica, que alberga uma coleção com mais de 700 obras de arte contemporâneas. Após o estágio curricular, foi convidada a integrar a equipa da instituição e a dar continuidade ao trabalho iniciado. Este projeto contempla a modernização da reserva, através da introdução de novos equipamentos, mobiliário técnico e sistemas de monitorização ambiental, assegurando condições adequadas para a conservação preventiva do acervo. Numa fase posterior, prevê-se a intervenção direta sobre diversas obras, através de ações de conservação e restauro.

Constitui um contributo relevante para a conservação de coleções em instituições de pequena e média escala, destacando-se pela aplicabilidade prática e pela sustentabilidade das soluções adotadas. Este percurso é, também, reflexo de quem o acompanhou. Agradeço aos professores a orientação rigorosa e o estímulo crítico que marcaram este processo formativo. À minha família, expresso profunda gratidão pelo apoio e paciência constantes. Às amigas e colegas de curso Eduarda Maia e Leonor Pinho, pelo companheirismo e partilha. A vossa presença tornou este caminho muito mais leve.

Sara Rodrigues

Como um passo natural após a Licenciatura, percorreu o Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais com a convicção de que conservar é mais do que intervir tecnicamente: é escutar, compreender e cuidar.

Entre o pó das escavações e a fragilidade dos materiais, foi cultivando uma prática atenta às histórias que os objetos transportam e à forma como esses objetos continuam a tocar as vidas de quem os rodeia. Ao longo do Mestrado, foi ganhando uma consciência mais profunda da dimensão humana do património. Destacam-se experiências como a colaboração com o Instituto Profissional do Terço, no âmbito de um estágio voluntário, onde participou ativamente na criação do museu da instituição. Nesse contexto, envolveu-se em tarefas de conservação preventiva, inventário e curadoria de um espólio marcado por memórias religiosas, militares e educativas, e sempre num cenário de recursos limitados, exigindo sensibilidade e adaptabilidade. Participou também no Congresso IIC Lima 2024 como voluntária digital, mediando sessões entre oradores e público online e redigindo reflexões sobre os temas debatidos. Momentos como estes, ou as conversas informais com visitantes durante intervenções em peças com grande valor afetivo, consolidaram nela a certeza de que conservar é, acima de tudo, um trabalho de escuta e relação.





Levantamento e Sistematização das Práticas de Conservação em Artefactos Arqueológicos de Ferro – Análise de 15 Casos de Estudo da Época Moderna do Mosteiro de S. Martinho de Tibães

A dissertação centrou-se na análise técnica, documental e contextual de artefactos metálicos da primeira campanha arqueológica naquele mosteiro beneditino. Preservados no Museu de Arqueologia Dom Diogo de Sousa, os objetos em ferro permitiram refletir sobre tratamentos, estado de conservação e metodologias aplicadas.

A investigação foi enriquecida por formações complementares, como a Escola de Verão HERCULES, o seminário “Património Cultural Metálico – Caracterizar para Preservar” (EPPIC), a HS Academy Lecture sobre métodos de corrosão, o webinar internacional do CEDICI (Peru) e um curso de Gestão de Coleções. Ao longo de nove meses analisaram-se práticas de conservação preventiva e curativa, lacunas na documentação e recolheram-se testemunhos de profissionais. O trabalho procurou dar visibilidade ao património arqueológico metálico do Período Moderno, contribuindo para harmonizar procedimentos de conservação. Entre os momentos mais marcantes estiveram a entrevista à conservadora Isabel Marques e a colaboração com a colega de Doutoramento Inmaculada Sánchez, que reforçaram a dimensão ética e colaborativa da investigação. Estas experiências permitiram cruzar a realidade nacional com abordagens internacionais, consolidando uma perspetiva crítica e atualizada sobre a conservação de metais arqueológicos.

Stéfanie Caetano

(Fribourg, Suíça, 2002) é licenciada em Arte, Conservação e Restauro pela Universidade Católica Portuguesa e está a terminar o Mestrado em Conservação e Restauro de Bens Culturais pela mesma Universidade. Realizou um estágio de 6 meses no Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto.





Inventariação, manutenção e acondicionamento da coleção do Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto

O relatório de estágio expõe as atividades desenvolvidas no âmbito da coleção do Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto. O estágio visou o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos ao nível da conservação e restauro, como também aprofundar a capacidade de investigação aplicada de forma integrada e pluridisciplinar, com vista ao estudo, interpretação e salvaguarda de bens culturais. Os objetivos estabelecidos foram: a inventariação e a atualização do inventário existente; a manutenção das peças que se encontram em exposição permanente; a sistematização orientações para o acondicionamento da coleção. A coleção do Núcleo Museológico da Escola Superior de Enfermagem do Porto é constituída por um conjunto diversificado de objetos relacionados com a prática de enfermagem, produzidos em diferentes materiais.

Mestrado Gestão de Indústrias Criativas

Andrea Bastos

Licenciada em Administração de Empresas, com pós-graduação em Psicologia para Organizações e Mestrado em Gestão Internacional do Turismo, tendo iniciado a sua trajetória académica no Brasil e consolidado a sua formação em Espanha, França, Austrália e atualmente na Alemanha.

Ao longo de mais de duas décadas, desenvolveu uma carreira internacional nas áreas de Recursos Humanos e Gestão, com atuação em empresas multinacionais, clínicas privadas e organizações associativas, destacando-se também na criação da sua própria consultoria de mentoria de carreiras.

O interesse pela intersecção entre práticas culturais, turismo e espaço urbano surgiu durante a sua residência em Sydney, onde coordenou atividades culturais numa associação francófona.

A posterior entrada no Mestrado em Indústrias Criativas e a vivência em cidades como Porto e Berlim proporcionaram o aprofundamento da sua atual investigação, centrada na análise de políticas e iniciativas públicas e privadas relacionadas com a arte urbana e o turismo cultural e criativo nas duas cidades.





A Arte Urbana e o Turismo Cultural e Criativo: Políticas e Iniciativas Públicas e Privadas em Berlim e no Porto

Esta dissertação propõe uma análise comparativa sobre a integração da arte urbana nas políticas culturais e turísticas das cidades de Berlim e do Porto, avaliando o seu potencial enquanto recurso estratégico no turismo cultural e criativo. A investigação centra-se na forma como diferentes actores — poderes públicos, parcerias e iniciativas privadas — promovem a arte urbana e nos impactos culturais, simbólicos e territoriais daí decorrentes. Com base em cinco objetivos específicos, foi adoptada uma metodologia qualitativa comparativa, sustentada em análise documental, fontes digitais, literatura académica, dados estatísticos e uma entrevista com um gestor municipal do Porto. Os resultados revelam modelos contrastantes de governança cultural, identificando-se desafios comuns à valorização da arte urbana como ativo turístico. Conclui-se que, embora com diferenças estruturais, Berlim e Porto evidenciam o potencial da arte urbana para contribuir para um desenvolvimento urbano sustentável, quando enquadrada em políticas públicas participativas e sensíveis ao contexto local.

Carlos Lêdo de Matos

(Vila Real, 1999) é gestor cultural e de projetos, licenciado em Estudos Portugueses, com minors em Arte e Património e Cultura e Comunicação, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e, atualmente, finalista do Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas, na Universidade Católica Portuguesa.

Ao longo do seu percurso, tem trabalhado na interseção entre cultura, políticas públicas e empreendedorismo. Na Direção Regional de Cultura do Norte, apoiou a coordenação de projetos transfronteiriços, como o NORTEAR, iniciativa de intercâmbio cultural entre o Norte de Portugal e a Galiza, e de criação artística transdisciplinar.

Na Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, contribuiu para a definição e execução de políticas públicas, com destaque para o acompanhamento dos apoios PRR ao setor livreiro/editorial, e a participação na definição de Prémios e Bolsas.

Na sua passagem pela INOVA+, participou em projetos europeus (Horizonte Europa e COSME/SMP), tanto nas múltiplas etapas de candidatura como de gestão. Atualmente, enquanto gestor de projetos no Régia Douro Park - Parque de Ciência e Tecnologia, tem estado envolvido na implementação de iniciativas vocacionadas para o empreendedorismo de impacto social.

A título individual, presta, ainda, consultoria cultural, apoiando estruturas e agentes culturais na identificação de oportunidades de financiamento, planeamento estratégico e redação de candidaturas.





“Há algo que nos faz girar”. Sabemos o que é? Festival Rock Nordeste: História, Contexto Regional e Potencialidades

Como trabalho final de Mestrado, dediquei-me a estudar um evento que me tem acompanhado desde a adolescência, o Festival Rock Nordeste, que é por muitos desconhecido.

Neste sentido, elaborei a dissertação com o assunto em epígrafe, analisando o conceito de festival e políticas culturais, desde a sua interseção com outras áreas e desdobramentos no Norte e em Vila Real. Procurei, também, debruçar-me sobre o Rock Nordeste, nomeadamente procurando testemunhos, informações e estórias das demais edições, por forma a reconstituir a sua linha cronológica, agregar informação sob o risco de esquecimento e problematizar o futuro deste evento.

Cheila Silva

(Águeda, 2001) está atualmente a frequentar o Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto.

Licenciou-se em Línguas, Literaturas e Culturas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com minors em Comunicação e Cultura, Artes e Culturas comparadas, e Artes do Espetáculo.

Interessa-se pela produção cultural, curadoria e pelas múltiplas formas de arte, com especial carinho pelo cinema.

Estagiou na d'Orfeu AC, associação com a qual mantém uma ligação afetiva e associativa. Mantém no seu dia a dia práticas criativas como o desenho e a pintura.





Educação artística e inclusão social: um estudo de caso da associação cultural d'Orfeu

O relatório de estágio descreve a experiência desenvolvida ao longo de 24 semanas na Associação Cultural d'Orfeu (em Águeda), no âmbito do Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas.

O estágio envolveu tarefas nas áreas de apoio à gestão, marketing e organização, com especial destaque para a captação de patrocínios, gestão de inventário e criação de conteúdos. Paralelamente, o relatório propõe uma reflexão crítica sobre o papel da educação artística como ferramenta de inclusão social, tendo como estudo de caso a atuação da d'Orfeu — nomeadamente através da Escola de Palco e do Projeto OCA. A investigação pretende compreender modelos de atuação cultural que promovam a coesão social e o desenvolvimento comunitário, contribuindo para a valorização de práticas criativas como motores de transformação social.

Eduardo Minczuk

É músico profissional com uma carreira consolidada de mais de três décadas em orquestras sinfónicas e instituições culturais de renome no Brasil e na Europa. Natural de São Paulo, iniciou os seus estudos na Escola Municipal de Música da capital paulista, tendo posteriormente integrado a prestigiada Academia da Orquestra Filarmónica de Berlim (Karajan Stiftung), onde aperfeiçoou a sua formação em performance orquestral.

Foi trompista titular da Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo (OSESF) durante mais de vinte anos, período em que participou em digressões internacionais e festivais como os BBC Proms, Festival de Lucerna, Musikfest Berlin, Festival de Edimburgo, Beijing Music Festival e Rheingau Musik Festival. Atuou também como convidado da Orquestra Filarmónica de Berlim e da Orquestra Jovem da Rádio de Berlim, destacando-se no Salzburger Musikfestspiel (1998).

Paralelamente à atividade performativa, dedicou-se ao ensino da música, com passagens pela Universidade Livre de Música (EMESP), em São Paulo, e pela organização de masterclasses com solistas de referência internacional. Desenvolveu ainda diversos projetos comunitários e vocacionais, criando e dirigindo ensembles e coros amadores no Brasil e em Portugal.

Detentor de um Mestrado Profissional em Música pela Universidade Federal da Bahia (Brasil), encontra-se a concluir o Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas na Universidade Católica Portuguesa, tendo realizado o estágio curricular na Direção Artística da Casa da Música, no Porto, entre novembro de 2024 e abril de 2025.

Atualmente reside em Braga e tem como objetivo aprofundar o seu contributo para o sector cultural português, combinando a experiência artística à formação em gestão e inovação cultural.



O presente projecto de estágio, realizado no âmbito do Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas da Universidade Católica Portuguesa, centrou-se na análise crítica da direcção artística e da organização interna da Casa da Música, no Porto. Ao longo de seis meses de imersão prática junto dos agrupamentos residentes – nomeadamente o Remix Ensemble e a Orquestra Barroca Casa da Música – o estágio permitiu uma observação directa dos processos de programação, produção e gestão artística.

O trabalho incluiu a participação activa em actividades operacionais e pedagógicas, bem como a realização de entrevistas com os principais responsáveis artísticos da instituição, incluindo António Jorge Pacheco (Director Artístico cessante) e François Bou (actual Director Artístico). Estas interacções foram fundamentais para compreender as estratégias de liderança cultural adoptadas pela Casa da Música, os desafios da integração entre agrupamentos e os modelos de programação colaborativa e transversal que têm vindo a ser desenvolvidos. Combinando observação participante, análise documental e reflexão teórica, o projecto procurou articular as práticas observadas com os conceitos contemporâneos de gestão cultural, inovação programática e sustentabilidade artística. Através deste estágio, foi possível desenvolver competências analíticas e operacionais num ambiente cultural de referência, contribuindo para uma compreensão mais profunda do papel das instituições artísticas na sociedade contemporânea.

Francisca Tomás

É uma jovem artista com mais de 9 anos de experiência profissional na performance e no ensino de clarinete.

É licenciada em Música pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (IPP), e mestre em Ensino de Música (clarinete), pela mesma instituição. Mais recentemente, estudou Gestão de Indústrias Criativas, na Escola das Artes da UCP-Porto.

Durante vários anos, foi convidada regular da Banda Sinfónica Portuguesa, tendo participado como clarinetista em dezenas de concertos, em Portugal e em Espanha, e na gravação de 2 CD's para a editora holandesa Moolenaar Editions. Em 2019, foi selecionada como reforço para a Orquestra Filarmonia das Beiras e, no mesmo ano, tornou-se Solista A da Orquestra Clássica do Politécnico do Porto. Para além da sua atividade performativa, Francisca trabalha de forma próxima com diversas associações culturais e recreativas na organização de projetos, bem como no ensino de teoria musical e clarinete a jovens e adultos de diversos estratos sociais. Mais recentemente, colabora com uma empresa do setor do entretenimento, no desenho e apresentação de palestras interativas dirigidas aos turistas do Alto Douro.





Os Turistas na Cidade do Porto: Turismo Cultural, Arte e Imersão

Entre 2018 e 2023, o número de hóspedes na cidade do Porto cresceu 37%. Para isto, contribuíram a classificação do seu Centro Histórico enquanto Património Mundial da UNESCO (em 1996) e a nomeação enquanto Capital Europeia da Cultura (em 2001), elementos decisivos para o fortalecimento da imagem da cidade enquanto destino cultural e artístico.

Mais recentemente, têm surgido diversas iniciativas que unem a cultura, as artes e a tecnologia para oferecer experiências imersivas àqueles que visitam a cidade, enquadradas naquilo a que a literatura apelida de Economia da Experiência.

A inexistência de investigações que analisassem os turistas culturais na cidade à luz desta teoria motivou a presente dissertação, para a qual contribuíram as respostas de 286 turistas na cidade, nacionais e estrangeiros, e da qual resultou a validação da escala PaCoPEA, que permite medir o nível de participação e conexão preferidos pelos inquiridos em experiências artísticas.

Francisca Reis Vieira

Nascida na Ilha da Madeira, é Atriz e Produtora.

Atualmente conclui o Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (Porto, 2023–2025), depois de se ter licenciado em Teatro – Variante de Interpretação, na ESMAE (2020–2023). Frequentou ainda o 1.º ano do curso de Drama na De Montfort University (Leicester, Reino Unido, 2019) e realizou o Ensino Secundário no Conservatório de Artes da Madeira (CEPAM), no Curso Profissional de Artes do Espetáculo – Interpretação (2016–2019).

Enquanto Atriz, trabalhou com companhias como a Seiva Trupe – Teatro Vivo e a 4 Litro Produções, participando em espetáculos como *Coro das Águas* (2025), *Um Casamento do Inferno* (2025) e *A Lotaria de Natal* (2024). Colaborou ainda em projetos audiovisuais como a curta-metragem *Mata Porcos* (2024), de Mariana Amaral Silva, e na campanha regional *Click na Mudança* (2024), promovida pela Secretaria Regional da Inclusão, Trabalho e Juventude/Instituto de Segurança Social da Madeira, IP-RAM. No domínio da narração, destacam-se a série radiofónica *Advento Tático* (2021), transmitida na Antena 2 (RTP), bem como nos concertos com a Orquestra Académica do CEPAM – *Pedro e o Lobo* (2019) – e com o grupo MadBrass5, em *Fanfarra Ciclóptica* (2019).

Na área da Produção, integrou a equipa da Seiva Trupe como Assistente de Produção em 2024/2025, no âmbito do seu Estágio Curricular, assumindo responsabilidades na organização de ensaios, apoio à equipa criativa, estratégias de divulgação, logística, etc.



João Couto

(Vila Nova de Gaia, 1995) aprendeu a cantar antes de falar (pelo menos é o que a família diz) e, desde sempre, o que mais queria era saber fazer canções.

Músico profissional desde 2018, tem vindo a construir um percurso como compositor e artista, movido pela convicção de que a música pop é a forma de arte mais bonita que existe.

Licenciado em Som e Imagem pela Universidade Católica (2016) e formado em Produção Musical pela Arda Academy (2020), decidiu, em 2025, lançar o seu terceiro álbum, Efeito Submarino, ao mesmo tempo que conclui o Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas, com uma dissertação sobre o impacto do streaming na vida dos músicos independentes em Portugal — ou seja, pessoas como ele.

Entre discos, concertos e projetos paralelos, tenta cruzar música, direção artística, audiovisual e comunicação no seu trabalho, procurando sempre o equilíbrio entre o pessoal e o universal.





O Músico Português Independente na Era do Streaming: Um Estudo sobre Segurança Profissional

A indústria fonográfica global tem registado um crescimento estável e contínuo na última década. No entanto, persiste uma insatisfação vocal e notória por parte de músicos e artistas, que afirmam receber apenas uma fração dos lucros gerados pela indústria.

Esta dissertação propõe analisar as razões dessa discrepância e de que forma o domínio do streaming influencia a segurança profissional dos músicos, com foco na realidade portuguesa, sobretudo no contexto da música independente. Através de entrevistas semiestruturadas a agentes da indústria e de análise bibliográfica, reflete-se sobre o impacto das plataformas digitais na estabilidade das carreiras artísticas, abordando temas como a transparência algorítmica, os mecanismos de remuneração e a necessidade de adaptação constante às dinâmicas digitais.

Os resultados indicam que, embora o streaming facilite significativamente o acesso e a distribuição de música, o ecossistema digital constitui um terreno fértil para obstáculos na construção de percursos consistentes, agravados por fatores sociais, económicos e tecnológicos inerentes ao fenómeno do *streaming*.

Laise Leal

Profissional da área de comunicação e produção cultural, com mais de 15 anos de experiência nas indústrias criativas, nomeadamente em agências de publicidade, produtoras audiovisuais, emissoras de rádio e televisão, teatros e grandes eventos.

Licenciada em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda e com formação complementar em Artes Performativas, Cinema, Multimédia e Marketing Digital, atua desde 2022 como Gerente de Eventos na Backstage Productions (Reino Unido), onde coordena digressões internacionais de artistas brasileiros e estrangeiros na Europa, liderando operações que envolvem logística, produção executiva, planeamento, contratação, ticketing e comunicação.

Atualmente está como finalista do Mestrado em Gestão das Indústrias Criativas pela Universidade Católica Portuguesa, no qual desenvolve uma investigação sobre a inserção da música brasileira no mercado cultural português.

Ao longo da sua carreira no contexto luso-brasileiro, Laise trabalhou com nomes como Gal Costa, Djavan, Jorge Aragão, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho, em concertos realizados em diversas cidades europeias. Conta ainda com experiência em festivais, tendo coordenado a comunicação do MIMO Festival Porto (2022).

Laise alia a paixão pelo entretenimento a uma visão estratégica e empreendedora do sector cultural.





O Panorama da Música Brasileira em Portugal - Uma análise Contemporânea da Circulação Cultural, Expansão Digital e Dinâmicas do Mercado Musical Luso-brasileiro

Este projeto de investigação tem como objectivo analisar o processo de inserção da música brasileira no mercado cultural português, com enfoque especial na circulação de artistas e produções no contexto da música ao vivo.

A partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, o estudo procura compreender os desafios, oportunidades e dinâmicas que moldam essa relação, considerando a experiência directa de profissionais do sector — como artistas, produtores, programadores, agentes culturais e gestores — envolvidos na cena musical luso-brasileira. Para tal, a investigação combina a análise de dados quantitativos sobre o consumo de música brasileira em Portugal com entrevistas semiestruturadas realizadas com agentes-chave do setor. Além disso, são examinadas as políticas públicas e os mecanismos de apoio existentes tanto em Portugal quanto no Brasil, a fim de mapear os recursos disponíveis e as lacunas ainda existentes no incentivo à internacionalização da música brasileira. A pesquisa contextualiza estas práticas no cenário contemporâneo das indústrias criativas, onde a mobilidade cultural, as redes de colaboração e o uso de plataformas digitais desempenham um papel estratégico.

Mais do que propor uma solução específica, o trabalho posiciona-se como um pré-projeto que visa gerar conhecimento aplicado e oferecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias futuras — seja na criação de ferramentas de cooperação cultural, no desenho de políticas públicas mais eficazes ou na identificação de novas oportunidades de negócio e empreendedorismo no setor da música ao vivo entre Brasil e Portugal. Ao dar visibilidade às vozes do setor e cruzar diferentes perspectivas, esta dissertação pretende contribuir para o fortalecimento de pontes culturais sustentáveis, reforçando o papel da música como elemento activo de intercâmbio, pertença e inovação económica.

Lisa de Almeida

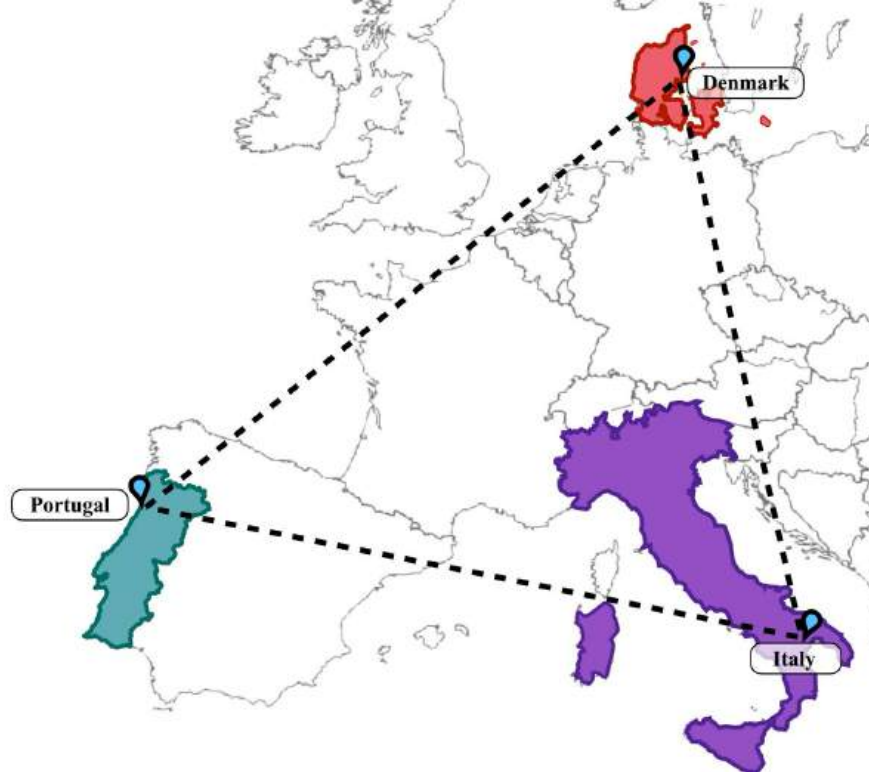
Is an artist who collaborates closely with other artists and creators (and their teams) to develop strong branding, storytelling, and drive entrepreneurial projects.

Following her studies on New School University graduation in 2016 (B.A. in Culture and Media with minor studies in Vocal Performance in Jazz) she started to invest her time in developing various creative projects, working as a project manager, consultant, and freelance audio and video editor (music, film, and cultural events).

In 2017 produced and recorded her first album, VITRAIS, 100% funded by a successful crowdfunding campaign; the album was nominated to the 16th Independent Music Awards, in 2018, in the Best Debut Album category.

At this moment is completing her Graduate Studies at Universidade Católica Portuguesa, which will graduate in 2025. For her master's dissertation is researching Arts Entrepreneurship Education and Arts Higher Education curricula in Portugal, Italy and Denmark.





Mapping Arts Entrepreneurship Education in HEI in Portugal, Italy and Denmark

This dissertation maps and identifies Arts Entrepreneurship Education curricula in Higher Education Institutions (HEIs) across Portugal, Italy, and Denmark. The research employed a PRISMA ScR methodology and collected data through desk research from official government and educational institution websites between February and April 2025. Additionally, the study interviews and surveys professors who lecture on selected curricular units teaching entrepreneurial competences to students in Higher Education programs in core creative arts disciplines (Visual Arts, Performing Arts, and Media Arts) as well as management and entrepreneurship programs specifically targeting the Cultural and Creative Industries in all three countries. The research also illustrates the current state of Arts Entrepreneurship Education in HEIs by offering case studies on curricula and pedagogical experiences, observing cultural differences and evaluating individual government (Portugal, Italy, and Denmark) and European Union frameworks on entrepreneurship education and adaptations to the arts disciplines.

The study concludes by analysing how HEIs are preparing students in arts disciplines for sustainable careers in the complex and competitive 21st-century economy, characterised by the author William Deresiewicz as “fast art: fast music, fast writing, fast video, photography, design, and illustration, made cheaply and consumed in haste” (Deresiewicz, 2020), particularly in light of recent rapid developments in artificial intelligence.

Mateo Cevallos

Equatoriano de 25 anos da cidade de Cuenca, licenciado em Música pela Universidade de Cuenca e atualmente no Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas na Universidade Católica Portuguesa.

Sou um jovem apaixonado pela música, um caminho que iniciei aos 12 anos e que hoje continuo a trilhar como baixista e gestor cultural.

Ao longo da minha carreira, tive o privilégio de colaborar com artistas reconhecidos da minha cidade, participando tanto em gravações quanto em apresentações ao vivo, o que me permitiu crescer artisticamente e profissionalmente.

Em 2019, fundei com um grupo de amigos a Escena Nativa, uma produtora que promovia concertos e videoclipes no Equador. Essa iniciativa foi interrompida pela pandemia, mas deixou uma marca profunda na minha forma de entender a arte e o trabalho coletivo. Atualmente, concluo os meus estudos de pós-graduação em Portugal, com a convicção de que as indústrias criativas têm o poder de transformar realidades.

Este caminho está apenas a começar, e sigo-o com gratidão, impulsionado pelo desejo de continuar a criar e a partilhar.



A minha investigação compara as estratégias de marketing e segmentação de público de dois festivais de música: o Funka Fest (Equador) e o MEO Marés Vivas (Portugal). Através desta análise comparativa, procuro compreender como estes eventos se posicionam em contextos culturais distintos, construindo identidade e conexão com os seus públicos por meio da música. Além de analisar os elementos de marca, as táticas promocionais e a comunicação digital e tradicional de ambos os festivais, este estudo reflete também sobre o papel das colaborações estratégicas e dos patrocínios no fortalecimento dessas iniciativas culturais. O objetivo é identificar boas práticas que contribuam para o sucesso e a sustentabilidade dos festivais no mercado atual. Esta dissertação nasce da minha paixão por festivais como espaços vivos de encontro, expressão e criação coletiva. É também um gesto de compromisso com o desenvolvimento das indústrias criativas na Ibero-América, contribuindo para um entendimento mais profundo sobre como a cultura se comunica, se adapta e se reinventa.

Rita Chen

24 anos, é de Lisboa e tem uma paixão enorme por música, cinema, televisão e tudo o que envolve o mundo do entretenimento. Desde cedo percebeu que queria trabalhar numa área onde pudesse aliar as suas paixões à sua formação em marketing e gestão, e é isso que a tem motivado academicamente e profissionalmente. Licenciada em Gestão de Marketing pelo ISCTE encontra-se a frequentar o mestrado em Gestão de Indústrias Criativas na Universidade Católica Portuguesa. Considera-se uma pessoa criativa, dinâmica e determinada, com forte capacidade de adaptação, estando sempre disponível para abraçar novos desafios. Já estagiou na EDP, onde trabalhou na área de gestão de projetos e vendas, onde desenvolveu e implementou projetos estratégicos que contribuíram para a otimização dos canais de venda físicos e para a melhoria do desempenho comercial. Atualmente está a estagiar na Universal Music Group, na área de Brand Partnerships, onde tem tido a oportunidade de estar envolvida no planeamento e de execução de projetos de marketing, ativações de marca, experiências ao vivo e campanhas digitais, sempre em contacto direto com artistas, managers e marcas.



Ánalise robusta do mercado e do consumo de discos de vinil em Portugal

Esta dissertação propõe uma análise aprofundada do reaparecimento dos discos de vinil no contexto português, com o objetivo de compreender que motivações levam os consumidores a adquirir este formato físico numa era dominada pelo digital, onde o consumidor tem acesso à música a qualquer hora e em qualquer lugar sem condicionamentos de equipamentos externos ao telemóvel.

Surpreendentemente, um dos fatores identificados neste estudo que incentivou este fenómeno é efetivamente esta crescente digitalização da música que leva a que as pessoas sintam cada vez mais uma necessidade de ter os produtos na mão e ter contacto direto com a música. A dimensão material e a experiência tátil de tocar e possuir fisicamente a música num vinil é desta forma a principal razão que leva os portugueses a comprar discos de vinil na atualidade. Para além disso, o vinil é visto ainda como uma peça de arte com valor para além do seu funcional, sendo frequentemente adquirido pelos consumidores não com o propósito de audição, mas sim de exibição decorativa, devido ao seu visual esteticamente atrativo, especialmente para consumidores mais jovens, que muitas vezes compram discos de vinil sem possuírem um gira-discos para a sua reprodução. Associado a este interesse visual, destaca-se também o prazer associado ao ato de colecionar, onde os consumidores procuram edições limitadas, exclusivas ou diferentes das que já possuem para acrescentarem à sua coleção, muitas vezes possuindo os mesmos discos, mas em versões diferentes. Esta acumulação de forma intencional, demonstra que, para os consumidores, 4o vinil é um objeto com valor afetivo e simbólico que ultrapassa a sua função prática. A nostalgia também tem um papel forte neste ressurgimento, onde o vinil é visto como um objeto com um elo ao passado, permitindo aos consumidores viverem uma época que sentem saudade ou que idealizam.

Sara Fonseca

Formada pela Escola Superior de Educação de Viseu em Comunicação Social (2013), é cofundadora da companhia de teatro Ponto Produções e trabalha, desde muito cedo, na área cultural.

Cogestora de vários projetos da Divisão de Gestão Cultural do município de Santa Maria da Feira, desenvolve, também, trabalho enquanto produtora.

O seu percurso passa pela vertente artística, tendo sido bailarina e performer de vários espetáculos de teatro e dança, até 2022, ano em que viria a trabalhar para a Câmara Municipal.





Políticas culturais e políticas de regeneração urbana – convergências e divergências no município de Santa Maria da Feira

O fortalecimento das políticas culturais em Santa Maria da Feira tem assumido um papel revitalizador do espaço público.

A requalificação do centro histórico, através do acolhimento de iniciativas culturais, como festivais e exposições, incentiva a participação comunitária e potencia a valorização do património local. A economia criativa, patente no município, aliada a projetos urbanos que promovem a mobilidade sustentável, a acessibilidade e os espaços verdes, reforça o sentimento de pertença e cimenta a ideia de terceiro lugar junto da comunidade.

Partindo do espectro temporal entre 2017 e 2025, esta investigação agora materializada em dissertação combina métodos qualitativos através da análise documental e entrevistas com representantes institucionais de relevo ou decisores no setor cultural e urbanístico local. A compreensão da integração da cultura nos processos de regeneração urbana e nas políticas adotadas está no cerne desta dissertação, procurando, por meio de pesquisa e de observação de campo, conclusões que sustentem o impacto no desenvolvimento da cidade.

Enquanto centro urbano, do ponto de vista regional e sub-regional do norte de Portugal, Santa Maria da Feira demonstra, não só, uma crescente valorização do setor cultural, como também uma procura crescente da revitalização urbana apoiada e sustentada em projetos de foro cultural. Conclui-se que, para que as políticas de regeneração urbana se tornem sustentáveis e culturalmente integradas, é necessário adotar uma abordagem mais participativa e transversal, que reconheça a cultura como um eixo estruturante do desenvolvimento urbano.

Sofia Garcia

Sofia Pereira (Amarante, 2001) é licenciada em Línguas e Relações Empresariais pela Universidade de Aveiro. Desde cedo demonstrou interesse pelas Indústrias Criativas, embora inicialmente não tenha tido a coragem de seguir esse caminho. No final da Licenciatura, após descobrir o gosto pela área empresarial, sobretudo pelo Marketing, encontrou no Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas a oportunidade de se aproximar da área que sempre a apaixonou.



No âmbito da conclusão do Mestrado em Gestão de Indústrias Criativas, optei pela opção de Estágio, com o fim de obter experiência a nível profissional e ampliar os meus conhecimentos práticos. Assim, a VisitAR, empresa de tecnologia da área do turismo, foi a entidade acolhedora na qual desenvolvi o meu projeto final de Mestrado, intitulado “The Role Of Social Media In B2C Market Penetration: A Study In Tourism Sector”. Assim sendo, o objetivo do estágio foi explorar o papel das redes sociais na penetração do mercado B2C, sendo que este mercado não tinha sido anteriormente explorado pela VisitAR. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma revisão da literatura existente sobre esta área e também foram realizadas entrevistas para compreender como era o funcionamento do marketing da VisitAR previamente à entrada no mercado B2C e para compreender também a percepção que têm acerca das redes sociais.

Licenciatura Som e Imagem

Adriana Ferreira

The opposite of war isn't peace / It's creation

Jonathan Larson, 1999

Life doesn't discriminate / Between the sinners and the saints

Lin Manuel Miranda, 2015

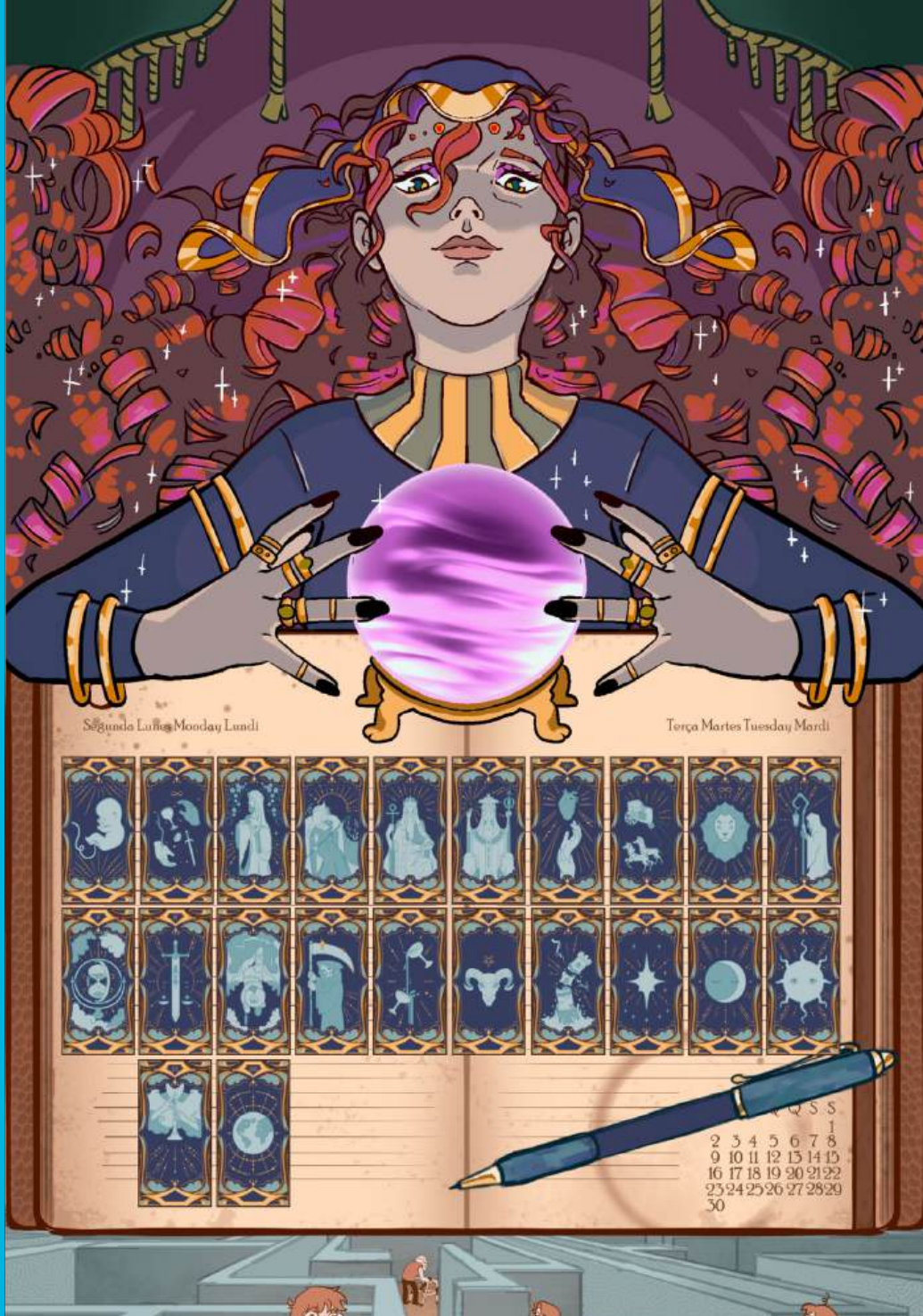
It'll pay off in the end / It just takes a little patience

Michael Park and Ben Platt, 2017

Se não for para passar vergonha, não vale a pena

Adriana Ferreira, 2025





Velhas Areias: Uma Carta de Cada Vez

O nosso projeto, Velhas Areias: Uma Carta de Cada Vez, é um jogo digital e físico que visa explorar a construção e articulação de memórias servindo-se para o efeito de espaços labirínticos e do imaginário narrativo e imagético dos baralhos de tarot. O jogador terá de resolver enigmas na vida real para aceder a códigos que colocará no mundo digital para uma leitura mística de tarot.

Afonso Boléo

Mais conhecido por Boléo ou Pombo por roubar comida aos amigos. Desde sempre foi muito apaixonado por desenhar, mundos de fantasia e jogos. Com o passar dos anos esta paixão aumentou cada vez mais, começou a reparar mais nos pequenos detalhes das animações e a tentar perceber o que é que as fazia tão boas. Depois de ver bastantes séries animadas, mais especificamente anime, quis explorar mais e até pensou “gostava de animar um dia, gostava de dar estas emoções que eu sinto a ver estas séries e animes a outras pessoas”. Este pensamento fez-lo levar a sua arte mais a sério e seguir o curso de som e imagem, para um dia poder fazer as suas próprias animações, tanto a nível de desenho e de imagem como a sonorização.





Usagi

Animação 2D em honra do padrasto da minha namorada, a ideia surgiu depois de muitas histórias e memórias contadas pela família e amigos. Para esta animação o meu grupo optou por pintar os cenários da animação em aguarela e todos os personagens e objetos com que estes interagem, pintados e animados digitalmente, misturando assim duas linguagens com a intenção de trazer uma mensagem de nostalgia e memória. Acompanhamos o Coelho, a personagem principal, durante dois dias, um que mostra o lado mais infantil e livre desta personagem e outro que mostra o lado mais responsável, já adulto. Durante estes dois dias o Coelho brinca com os filhos, vai sair com amigos e até faz uma viagem à Suíça, depois de acompanharmos este Coelho durante estes dois dias, este apercebe-se da vida que teve, enquanto as memórias lhe percorrem a mente, ele aceita e deita-se no colo da mulher, adormece e a animação acaba.

A animação passa numa televisão com *head-phones noise-cancelling* para imersão total nesta história.

Afonso Silva

Natural do Porto, com raízes minhotas. Apaixonado por música desde a infância, é entre sons e batidas que o encontra diariamente.

É na produção musical e na escrita de versos que despende o seu tempo, com o ocasional desvio para um jogo de computador com os amigos - ou uma jantarada.

Paralelamente ao seu interesse musical, fascina-lhe a psicologia, a sociologia, a filosofia, o esoterismo, entre outras áreas que explorem e estudem a psique humana.

Acima de tudo, vive pela boa disposição e por uma boa gargalhada partilhada com as pessoas de quem gosta.





de_catolica

Este projeto de Level Design surge como a satisfação de uma fantasia da infância de qualquer jogador de First Person Shooters: “e se desse para jogar num mapa da escola contra os meus amigos?”

Tratam-se de dois mapas para o jogo *Counter Strike 2* baseados no Campus da Universidade Católica do Porto. Um para duas equipas de cinco jogadores que exploram todo o piso 0 da UCP - *de_catolica* - outro para duas equipas de dois jogadores que se enfrentam no piso -2 do Edifício das Artes - *de_catacumbas*.

Criados para o modo de jogo Bomb Defusal, os Terroristas do Edifício das Artes enfrentam os Contra-Terroristas do Edifício Central. Os primeiros tentam colocar uma bomba no edifício, enquanto os últimos tentam travá-los, ou desativar a bomba caso esta seja ativada pelos Terroristas.

Ambos os mapas estão disponíveis na plataforma p e qualquer pessoa pode pesquisá-los e jogar neles.

Alan Lima

(São Paulo, 1975) dedica-se à música, engenharia de som, sound design, edição de vídeo e motion design há mais de 30 anos.

Durante sua carreira, gravou e tocou em dezenas de álbuns, finalizou milhares de peças publicitárias e misturou longas-metragens, programas de televisão e rádio. Além disso, excursionou como músico pelo Brasil e pela Europa.

Em 2022, decidiu ingressar na Licenciatura em Som e Imagem da Universidade Católica Portuguesa, com o objetivo de reciclar e ampliar os seus conhecimentos.





Prólogo

O álbum de estreia da banda JOB, é uma viagem sonora que desafia convenções e reinventa o rock alternativo ao entrelaçá-lo com as emoções profundas do fado, a atmosferas vibrantes do synth-pop e a complexidade do rock progressivo. Este álbum é um manifesto criativo que reflete as múltiplas influências dos membros da banda, ao mesmo tempo que evoca temas de identidade, saudade e transcendência. Suas 12 músicas trafegam entre momentos de introspecção melancólica e explosões de energia eletrizante, sustentadas por letras poéticas que capturam a essência da alma portuguesa e dialogam com a contemporaneidade global. A produção, gravação, mistura e masterização do álbum ficou a cargo de Alan Lima.

Ana Duarte

Nasceu em 1998 em Braga, Portugal.

Formou-se em engenharia, mas foi na liberdade da arte e no processo criativo que encontrou a sua verdadeira paixão. Depois de anos dedicados aos números, decidiu dar espaço à inquietação artística que sempre a acompanhou.

Durante um período de exploração pessoal, fascinada pela forma como imagens podem transmitir emoções e preservar memórias, encontrou na fotografia e na produção de vídeo uma forma única de criar narrativas visuais, capturar fragmentos da vida e guardar pedaços de tempo.

Ana acredita que, através da fotografia e do vídeo, podemos não apenas reviver o passado, mas também criar novas formas de compreender e reimaginar a nossa própria existência.





Espelhos Não Guardam Tudo

Consiste numa curta-metragem, que será apresentada sob a forma de projeção e instalação no Panorama 2025, com o intuito de convidar o espectador a refletir sobre a natureza efémera da memória.

Na quietude do tempo, as memórias fragmentadas de Lola e Aurora revelam a cumplicidade e os sentimentos inconfessados que as uniam na juventude. Entre recordações que retornam como ecos e se desvanecem, e emoções que oscilam, emerge uma história sobre a delicadeza da memória.

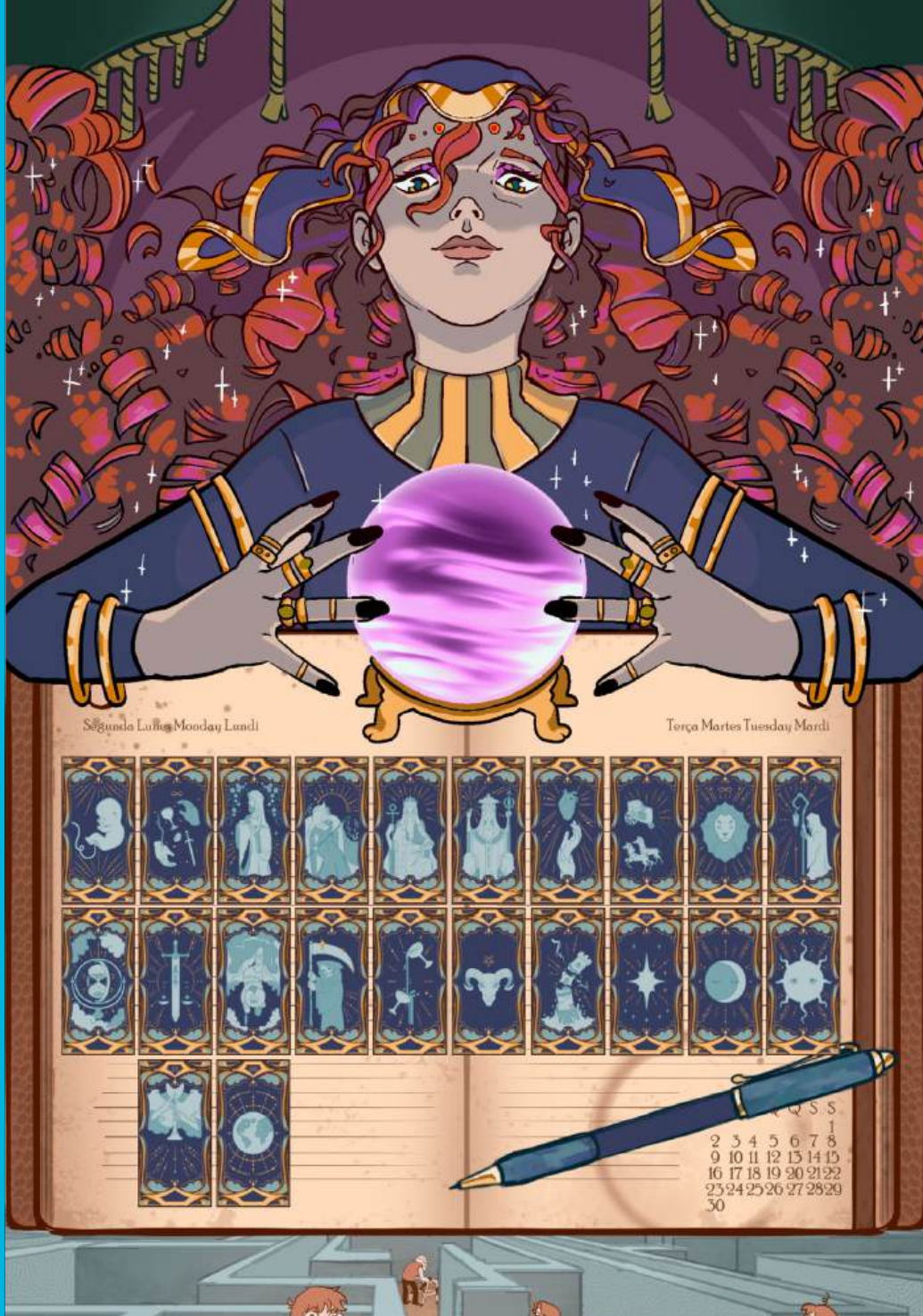
Ana Luísa Silva

(Porto, 2004) estudou na Escola Artística e Profissional Árvore, antes de entrar na Licenciatura em Som e Imagem. Desde cedo demonstrou uma forte paixão pela animação e ilustração, áreas que procurou integrar nos seus projetos ao longo do percurso académico.

Os seus trabalhos refletem a vontade de dar vida ao seu universo imaginário, criar histórias e personagens capazes de transcender do papel e ganhar forma no mundo real. Durante a Licenciatura, explorou os diversos meios oferecidos pelo curso, de forma a ampliar os seus conhecimentos artísticos e técnicos. Esta experiência permitiu-lhe ter a certeza de que o seu verdadeiro caminho sempre esteve ligado à ilustração e animação.

Agora, ao encerrar este capítulo académico, prepara-se para novos desafios, com o compromisso de continuar a aprender e a contar histórias através dos projetos que a aguardam no futuro.





Velhas Areias: Uma Carta de Cada Vez

O nosso projeto, é um jogo digital e físico que visa explorar a construção e articulação de memórias servindo-se para o efeito de espaços labirínticos e do imaginário narrativo e imagético dos baralhos de tarot. O jogador terá de resolver enigmas na vida real para aceder a códigos que colocará no mundo digital para uma leitura mística de tarot.

André Faria

Natural de Fiães, Santa Maria da Feira, 2004.

Secundário realizado em Eletrónica e Telecomunicações.

Formado em 5º Grau de Formação Musical e 8º Grau de Trompa.

Ouvinte ávido de Mac Miller, apreciador de arte e do cinema.

A ausência do humano, sentimentos negativos e a tentativa de os transmitir são temas recorrentes nos temas que tem vindo a explorar.





Uneasiness

Consiste numa série fotográfica que explora a liminaridade como forma de sentir .

“Fear is the little-death that brings total obliteration.”

Frank Herbert, Dune

António Teixeira

Entrou neste curso confuso com o que queria fazer e apenas sabendo que tinha um enorme amor por música e cinema. Continua confuso, mas depois de:

3 anos

7 curtas

E uma vida passada nas células de som, não só aprendeu imenso sobre e descobriu um amor por captação e edição de som como viveu ao máximo a vida de estudante. Trajou pela praxe, fundou uma tuna e descobriu um amor profundo pelo fado de estudante.

Agora acabou, mas nunca vai esquecer os momentos que passou nesta mui nobre faculdade, em serenatas, ensaios de tuna e acima de tudo convívios no paraíso.

Exceto que vai fazer Mestrado, portanto

“Até pro ano malta.”





Usagi

Animação 2D em honra do padrasto da minha namorada, a ideia surgiu depois de muitas histórias e memórias contadas pela família e amigos. Para esta animação o meu grupo optou por pintar os cenários da animação em aguarela e todos os personagens e objetos com que estes interagem, pintados e animados digitalmente, misturando assim duas linguagens com a intenção de trazer uma mensagem de nostalgia e memória. Acompanhamos o Coelho, a personagem principal, durante dois dias, um que mostra o lado mais infantil e livre desta personagem e outro que mostra o lado mais responsável, já adulto. Durante estes dois dias o Coelho brinca com os filhos, vai sair com amigos e até faz uma viagem à Suíça, depois de acompanharmos este Coelho durante estes dois dias, este apercebe-se da vida que teve, enquanto as memórias lhe percorrem a mente, ele aceita e deita-se no colo da mulher, adormece e a animação acaba.

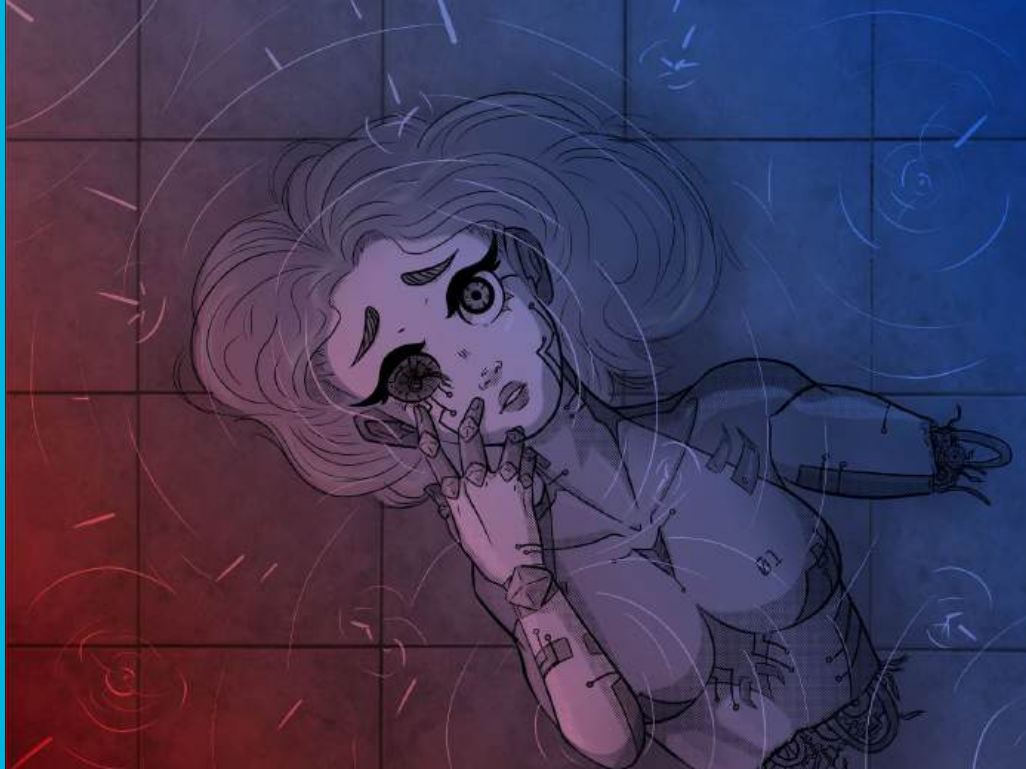
A animação passa numa televisão com *head-phones noise-cancelling* para imersão total nesta história.

Camila Comerlato

Art has always been her way of connecting people — something that goes beyond language, age, or origin. For her, it is a universal language that expresses what words sometimes cannot. With her multicultural background, she has learned to build bridges between cultures and stories, creating an inclusive art for everyone, an art that resonates with the humanity within each of us.

Since the beginning of her art studies, she has been fully dedicated to perfecting her craft and skills. The opportunities she embraces and the work she carries out bring her ever closer to her dream of collaborating in a studio, as part of a team, creating art that awakens care for the inner child within each person — something often forgotten in the fast pace of adult life. Through illustration, she seeks to inspire empathy, joy, and connection. She has already witnessed how humanity can treat itself, and it breaks her heart. That is why she understands her artistic practice as her way of helping the world to heal — the role she feels is hers to fulfill.





PR1M4: THE GENESIS

Is an original multidisciplinary sci-fi project that merges narrative fiction, concept art, and immersive design to explore themes of identity, memory, and resistance in a dystopian, post-technological world. Created as part of my final bachelor's project, it serves not only as a storytelling experience but as a comprehensive display of my skills in worldbuilding, visual development, and physical installation.

Set in a decayed future where cybernetic experiments and corporate control have rewritten the boundaries of humanity, the story follows PR1M4, a cybernetic girl who awakens in a long-abandoned human trafficking facility. Her brain, once belonging to a woman named Octavia, is partially uploaded, triggering flashbacks that reveal systemic oppression, war, and personal trauma. As she navigates a fragmented world haunted by radiation, rogue technology, and lost histories, PR1M4 embarks on a journey to reclaim her agency and the stolen voices embedded within her.

The project showcases my practical abilities across various artistic mediums. I designed and produced a full-length illustrated novel, complete with custom typography, layout, and textured page backgrounds using Adobe InDesign to visually align the reading experience with the emotional atmosphere of each chapter. I also created extensive concept art, character designs, costume variations, and environmental sketches to solidify the project's aesthetic language and visual cohesion.

To expand the sensory experience, I sculpted and painted PR1M4's katana, built a 3D map of the fictional world, and crafted spice-filled jars that allow the audience to "smell" the story's three core biomes, pushing the boundaries of traditional worldbuilding into multisensory storytelling. Additionally, I produced oil portraits, a character cosplay, and a symbolic installation display, using clothing, props, and illustration to blur the lines between fiction and reality.

At its core, this project is a practical demonstration of my capacity to create an original universe from the ground up, combining narrative structure, character development, concept illustration, visual identity, set dressing, and installation techniques. It reflects not only my technical growth but my commitment to emotionally resonant and politically reflective storytelling through visual art.

Catarina Ferreira

Nasceu em 2003 em Ribeirão, Famalicão.

Sempre teve paixão pela fotografia e produção de vídeo, o que a levou a escolher a Licenciatura de Som e Imagem onde aprofundou o seu conhecimento do audiovisual.

Foi aqui que a sua paixão pela fotografia analógica teve um maior impulso. Catarina adora ler, passear pela natureza, passar tempo na praia a usufruir o sol e do mar, capturar a essência do ambiente à sua volta com a sua câmara analógica, estar com a sua família (que inclui o seu gato Simba) e amigos.





Espelhos Não Guardam Tudo

Consiste numa curta-metragem, que será apresentada sob a forma de projeção e instalação no Panorama 2025, com o intuito de convidar o espectador a refletir sobre a natureza efémera da memória.

Na quietude do tempo, as memórias fragmentadas de Lola e Aurora revelam a cumplicidade e os sentimentos inconfessados que as uniam na juventude. Entre recordações que retornam como ecos e se desvanecem, e emoções que oscilam, emerge uma história sobre a delicadeza da memória.

Elisabete Martins

24 anos, é natural do Porto e está a concluir a Licenciatura em Som e Imagem na Universidade Católica do Porto.

Apaixonada pelo mundo audiovisual, dedica-se à realização e produção de filmes, explorando narrativas visuais que emocionam e inspiram. Criativa e determinada, busca sempre novas formas de contar histórias através da imagem e do som.





Espelhos Não Guardam Tudo

Consiste numa curta-metragem, que será apresentada sob a forma de projeção e instalação no Panorama 2025, com o intuito de convidar o espectador a refletir sobre a natureza efémera da memória.

Na quietude do tempo, as memórias fragmentadas de Lola e Aurora revelam a cumplicidade e os sentimentos inconfessados que as uniam na juventude. Entre recordações que retornam como ecos e se desvanecem, e emoções que oscilam, emerge uma história sobre a delicadeza da memória.

Filipe Esteves

Filipe Esteves é um jovem que vive no litoral da Póvoa de Varzim. As ondas do Atlântico e os ventos do Norte são a sua companhia quando trabalha à secretária. Quando o trabalho se começa a alongar e o progresso se demora a revelar, desce do 17º e vai dar um passeio. É um humanista, apreciador de pessoas e da arte que as mesmas produzem. Acusam-no de ser empático e sonhador. Prefere calções e t-shirt, papel e caneta. Admite que costumava ler mais e está determinado a fazer mais coisas engraçadas com quaisquer tralhas que encontrar por aí. Acredita ter bastante metafísica.

Rocha Esteves é Filipe de nome
Tem olhos castanhos para ver o azul
No bolso (dos calções) um elogio
Para quem o precisa de escutar

Ao peito o coração bate lento
Até chegar a hora de arrancar
Atrás do sonho ainda por descobrir
Sabendo sempre quando parar para descansar

A barba cresce
O nariz sangra
A perna abana (um tique herdado de um Esteves mais velho)

Em suma: é um gajo alto
Por isso tem a cabeça nas nuvens

Se o vires por aí aperta-lhe a mão
Verás que a levará ao bolso

É o Esteves com metafísica





Junkle

Instalação escultórica muda que convida o espectador a observar um conjunto de criaturas de plástico, com uma aparência animalesca. Estas esculturas são produzidas através da assemblagem de diferentes partes de objetos variados – equipamento de escritório, dispositivos eletrônicos, acessórios de tecnologia, eletrodomésticos – que em tempos conviviam frequentemente com humanos. Contudo, depois de se estragarem, foram postos de parte. Filipe Esteves dá uma nova forma e uma nova vida a estas tralhas, numa demonstração da criatividade inerente à espécie humana, mas também num apelo à redução do consumismo desmedido. Se acumulamos tanto lixo ao ponto de podermos esculpir animais de plástico, talvez não estejamos a fazer o melhor pelos nossos animais de carne e osso.

Sobre uma plataforma baixa de um verde chroma key sentam-se as esculturas, identificadas, cada uma, por um número. Há uma criatura que escapa a esta regra – a Teleborboleta – ficando antes suspensa pelo teto, olhando as restantes de uma posição superior. A parede branca apresenta as descrições de cada criatura, escritas à mão.

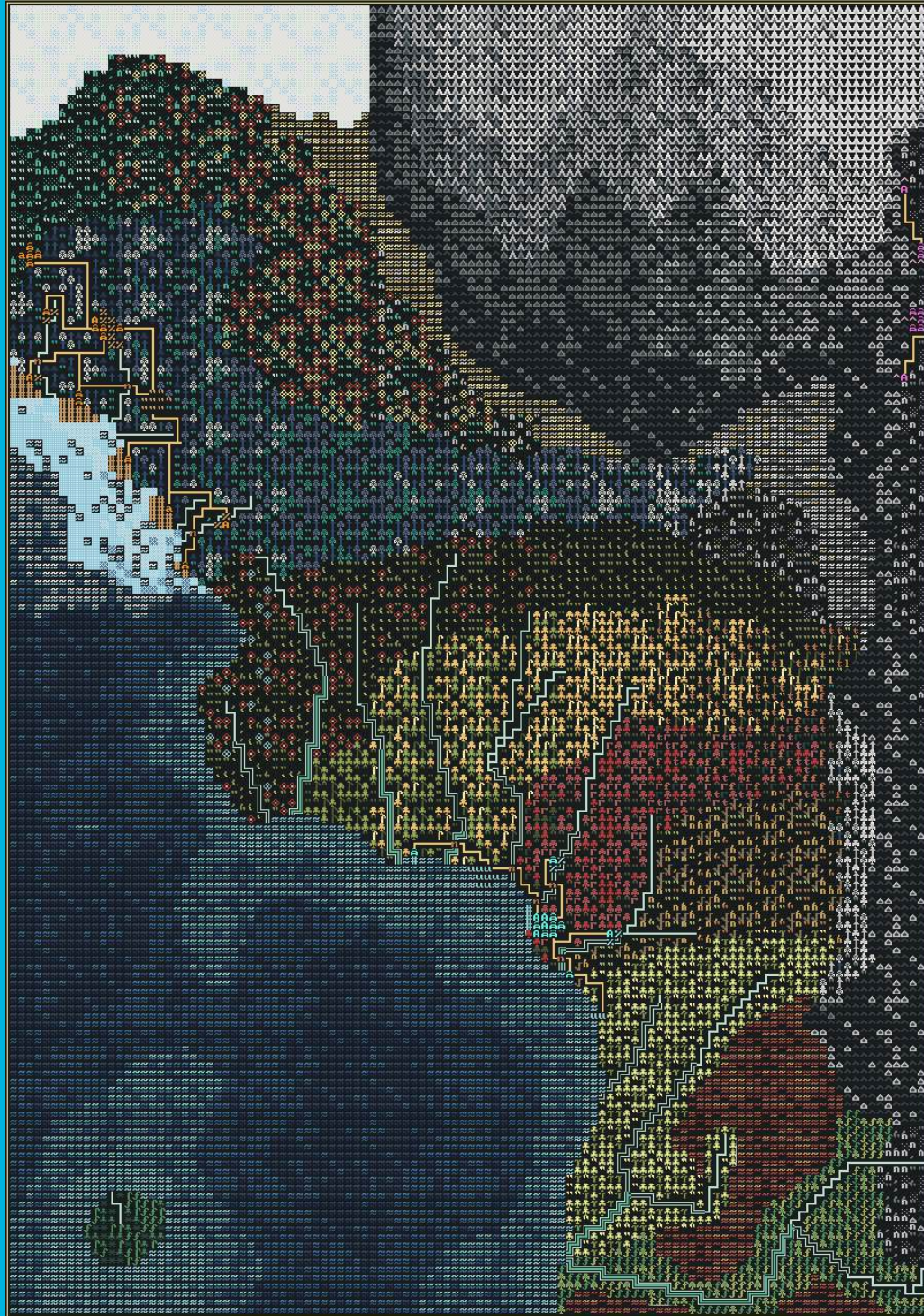
Hugo de Almeida

Nascido em 2004 e nativo de Águeda, Hugo Loureiro de Almeida sempre gostou de ler, desenhar e escrever. Durante o Secundário desenvolveu um interesse por animação e programação de vídeo jogos. Foram estes os interesses que o levaram, em 2022, a entrar na Licenciatura de Som e Imagem.

Nesta Licenciatura aprofundou os seus conhecimentos de ambos, mas foi a programação que Hugo decidiu explorar para além do que era oferecido. De forma autodidata aprendeu C++, desenvolveu pequenas simulações e algoritmos de processamento de imagens.

A Máquina do Mundo é a culminação de anos de trabalho, uma simulação que produz animações.





A Máquina do Mundo

É um gerador e simulador de mundos virtuais, onde populações evoluem de acordo com os recursos naturais presentes.

Programado em C++, exibido com uma estrutura de madeira personalizada.

“Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.”

Luís de Camões, Os Lusíadas

Com muito amor ao meu pai, que muito me ajudou.

João Lebre

Natural de Trás-Os-Montes, João Lebre interessou-se por música desde pequeno.

Foi durante o secundário que teve o primeiro contacto com uma DAW e que criou as suas primeiras produções musicais. Foram estas experiências que fizeram-no escolher a Licenciatura de som e imagem.

Nesta Licenciatura aprofundou os seus conhecimentos sobre a produção musical. De forma autodidata estudou mais sobre teoria musical para aprofundar os seus conhecimentos.

A prática do konnakol e a harmonia modal são parte fundamental da sua visão musical.





A fundação deste projeto é composta por práticas e teoria musical da Antiguidade e Idade Média oriental e ocidental, mas a sua performance vai ser feita com os instrumentos e tecnologias do presente. Decidi ir buscar os olhos a estas culturas musicais antigas pelo facto de serem culturas musicais orais, pré literárias. Como não era possível gravar a música, existia uma certa ambiguidade, improvisação e fluidez na interpretação de temas musicais, o que fazia a música mais fluida, a meu ver. A instrumentalização que prevejo para este projeto é a guitarra e sintetizadores digitais. Vai haver também a poesia que se vai juntar à música cantada pela voz.

João Luz

Apaixonado por fotografia e vídeo, tem no vídeo o seu território artístico de eleição. Nos últimos anos, porém, a fotografia e a moda ganharam também um lugar de destaque no seu percurso. Fascinado pela direção criativa em diferentes áreas, procura, em cada projeto, contar histórias através do seu olhar e do seu pensamento criativo.





SHAPED

Este projeto final apresenta-se como a materialização de uma marca de roupa nascida no Porto, cujo objetivo vai muito além do vestuário.

A *SHAPED* assume-se como um reflexo de um lifestyle onde o desporto cruza o conforto, e o conforto encontra a estética.

Desenvolvido como um projeto pessoal e académico, este trabalho conjuga a criação de duas peças de roupa originais – um cardigan de malha com botões personalizados em forma de “S” e umas calças de ganga – com um vídeo publicitário e um photobook impresso que reforça visualmente a identidade da marca. O projeto procura despertar sensações através do design, da imagem e da narrativa, com o intuito de marcar presença tanto no universo da moda como no artístico, afirmando a *SHAPED* como um estilo de vida movido por experiências, arte e elegância contemporânea.

Leonardo Monteiro

Não sei se sei o que sempre pensei saber. Cada conversa nova enriquece as minhas vontades, muda a maneira como falo e como passo a escutar. É frequente o desconforto das minhas folhas brancas. Essas ciumentas, cansadas do vazio, sempre imploram abrigo de histórias que as preencham. Agora sei, demasiada água também mata. Tropecei em tantas ideias novas, que a ânsia de querer mais, por vezes apodera-se do meu simples estado. E depois de tantas filosofias à volta do meu viver, realizo que as guias que pensava precisar, são apenas muletas do meu falso conforto. Pilares estáticos que crescem na insegurança e dúvida do desconhecido. Viver é viver. É a paixão que me move, eu sou assim, no contrário apenas sobrevivo. Nasci dia 11 de março de 2002. Desse tempo só conheço fotografias captadas por quem me criou. Vivi o que não me lembro. Não gosto desse sentimento... Calmos tempos de uma postura verde, de quem ainda nem entendia a sua própria consciência. Humildes sorrisos, cedo enchiam o abrigo de quem os acolhia, às quatro almas unidas, que fazem a casa ser casa. Cresci livre e com barreiras seguras, formadas por quem nos apanha quando caímos.

Desde pequeno que a minha vontade não se contenta com umas simples experiências. E é sempre na troca dessas vontades que a minha lareira da curiosidade aumenta. Fogo que se propaga para todo o lado que consegue queimar. E é nesse conforto à beira da minha lareira, que me sinto bem. Quentes vontades, genuínas, transformam a aprendizagem no meu caminho seguro. O processo é bem mais glorioso do que o seu objetivo. Escrevo o final a lápis, quando o presente simplesmente acontece, sem nos apercebermos do que já está a tinta permanente.





SHAPED

Este projeto final apresenta-se como a materialização de uma marca de roupa nascida no Porto, cujo objetivo vai muito além do vestuário.

A *SHAPED* assume-se como um reflexo de um lifestyle onde o desporto cruza o conforto, e o conforto encontra a estética.

Desenvolvido como um projeto pessoal e académico, este trabalho conjuga a criação de duas peças de roupa originais – um cardigan de malha com botões personalizados em forma de “S” e umas calças de ganga – com um vídeo publicitário e um photobook impresso que reforça visualmente a identidade da marca. O projeto procura despertar sensações através do design, da imagem e da narrativa, com o intuito de marcar presença tanto no universo da moda como no artístico, afirmando a *SHAPED* como um estilo de vida movido por experiências, arte e elegância contemporânea.

Leonor Gomes

Tem 21 anos e cresceu no Porto. Sempre sentiu uma enorme paixão pelo cinema. Quando era criança, pedia aos seus familiares e amigos para encenarem histórias que criava.

Se algo andava sempre com Leonor era uma câmara, com a qual gravava todos estes momentos. O seu sonho sempre foi estar em contacto com o mundo do cinema, com uma queda especial para a realização.

Atualmente, escreveu, produziu e realizou, juntamente com a sua colega Inês Maia, a primeira curta-metragem que fez chamada “Acorda-me Antes de Ires”, da qual a sua criança interior está muito orgulhosa e feliz.

Tem uma grande admiração pelo realizador franco-americano Damien Chazelle, cuja filmografia é a sua preferida. O seu filme *LaLaLand* foi o que mais a inspirou neste projeto, tanto narrativa como visualmente. No entanto, um filme não é nada sem a sua banda sonora. Para Leonor, o Jazz mais do que música, é um sentimento.

Sou apaixonada pelo Jazz de tal maneira que o seu som se tornou inevitavelmente parte da alma da nossa curta.

Ir ao cinema é um dos seus passatempos de eleição, pois nada se compara à sensação de estar numa sala de cinema a partilhar uma experiência emocional coletiva. É. exatamente isso que aspira proporcionar ao espectador através deste projeto, assim como nas futuras produções.





Acorda-me Antes de Ires

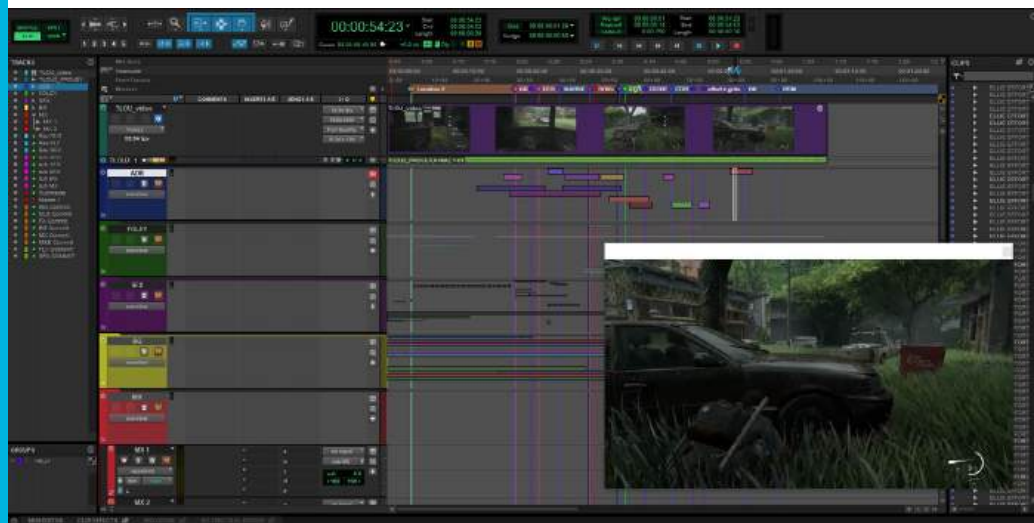
Ema trabalha num bar de Jazz a servir à mesa e ocasionalmente a tocar piano. No entanto, este é o seu último dia de trabalho antes de ela ir embora para estudar música fora do país. Por coincidência, é também o dia em que Tomás decide aparecer na sua vida. Ema sonha em tornar-se uma pianista de renome e Tomás sonha em juntar as suas duas paixões, música e cinema. Quando Tomás descobre que tem apenas uma noite com Ema, pede-lhe ajuda para acabar a sua música. Mas após passarem tantas horas juntos a conversar, eles acabam por se apaixonar. Contudo, determinada e destemida, Ema segue com o seu sonho e deixa Tomás para trás, com uma música finalizada e inúmeras memórias em vídeo dos dois.

Lucas Galvão Nogueira

Entre diversas frequências, foleys e sound effects, investiga como o som pode transformar a imersão nos videogames.

Na UCP Porto, estuda sound design para criar paisagens auditivas e experiências imersivas.





Este projeto de sound design consiste na recriação sonora de vídeos de aproximadamente 1 minuto de cinco jogos de videogame distintos: *The Last of Us Part II*, *Destiny 2*, *Resident Evil 7*, *Untitled Goose Game* e *Dead Cells*.

Todos os sons, incluindo efeitos sonoros, momentos musicais (banda sonora) e sons de interface (UI), serão refeitos, respeitando a estética sonora original de cada jogo, com exceção de *Dead Cells*, que será reinterpretado. O projeto tem como objetivo servir de início para um portfólio diversificado, evidenciando versatilidade e criatividade no design sonoro para diferentes gêneros de jogos, e demonstrando competência na criação de ambientes imersivos que enriquecem a narrativa dos jogos escolhidos.

Luís Persaud

Natural de Leça da Palmeira, Matosinhos.

Nasceu em 2002 e cresceu à beira da praia embora tenha passado muito tempo sozinho refugiado nas artes como um modo de escape, devido a problemas mentais que desde cedo sofreu.

É um apaixonado pela música e a fotografia, especialmente analógica porque é lá que se sente que é concretizado enquanto artista.

Em 2024 começa a experimentar com trabalho de mistura de música ao vivo que leva a explorar o mundo de vj/dj onde nele trabalha com vídeo mixers e hardware antigo, criando a sua própria linguagem artística, usando glitch e feedback para criar imagens surreais que estão presas entre o sonho e o passado.

Luís apresenta XENOLAB 01 como o culminar de conhecimentos que veio adquirindo no percurso de 3 anos de Licenciatura, mostrando o início do caminho profissional que visa percorrer.

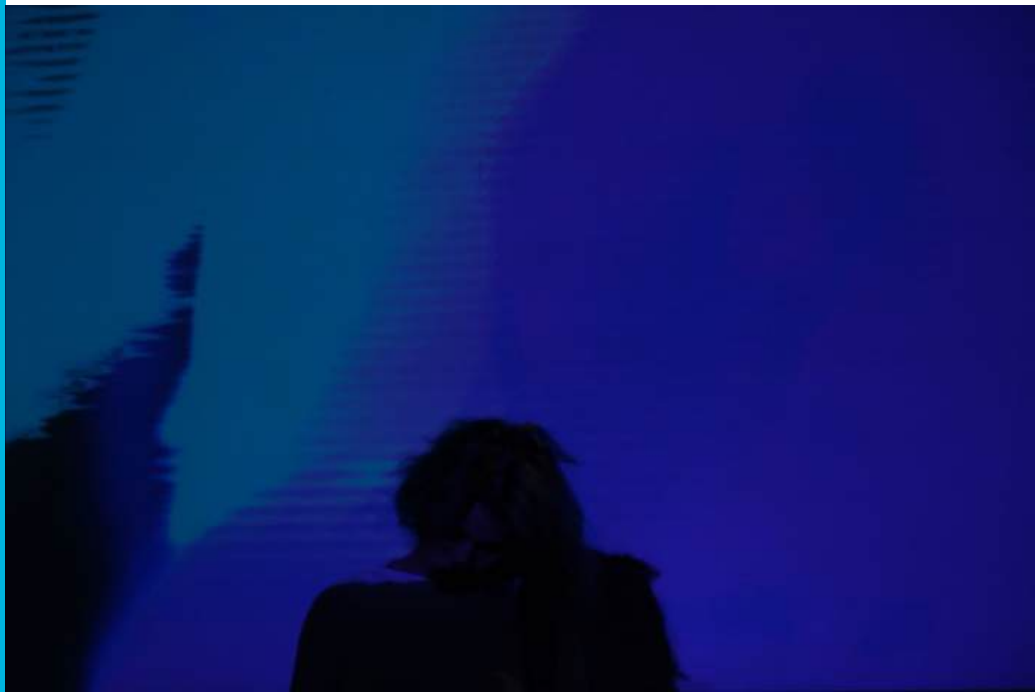




XENOLAB

É uma instalação audiovisual onde Luís Persaud e Luís Ribeiro (a.k.a. Man of the Moon & Dominic Kang) se unem para representar a essência estética da condição digital, e o estado de singularidade coletiva no qual se existe na internet.

Projetando vídeo ao som de um nightclub distópico, a instalação convida o/a espectador/a a refletir sobre o paradoxo do Eu no éter apreensível da condição virtual, colocando-o/a num estado fluído de hipnagogia, onde o limiar entre o físico e o intangível, o passado e o presente, o físico e o digital, se fundem em torno e dentro de nós.



Luís Ribeiro

(ativo sob o alias de Dominic Kang) é um artista multimidiático principalmente interessado na música como base para exploração estética desinibida, ressaltando as formas dum espaço, de ser, a espessura duma silhueta nublada contra um fundo preto e branco. Não há centro, não há início, não há fim. 20XX.





XENOLAB

É uma instalação audiovisual onde Luís Persaud e Luís Ribeiro (a.k.a. Man of the Moon & Dominic Kang) se unem para representar a essência estética da condição digital, e o estado de singularidade coletiva no qual se existe na internet.

Projetando vídeo ao som de um nightclub distópico, a instalação convida o/a espectador/a a refletir sobre o paradoxo do Eu no éter apreensível da condição virtual, colocando-o/a num estado fluído de hipnagogia, onde o limiar entre o físico e o intangível, o passado e o presente, o físico e o digital, se fundem em torno e dentro de nós.



Maria Inês Maia

Estudou Comunicação Audiovisual e especializou-se em Vídeo na Escola Artística de Soares dos Reis. Ingressou no curso de Som e Imagem da Universidade Católica do Porto com o intuito de trabalhar na área do Cinema e descobrir-se melhor dentro da sua arte. Sempre acreditou que a música é a alma de um filme, e foi essa convicção que guiou o seu projeto final, criado para provar exatamente isso. Desde pequena sempre esteve em artes. Deixou de ser criança. Agora está à deriva. Deseja que o seu Espírito Atrevido a permita continuar a caminhada.





Acorda-me Antes de Ires

Ema trabalha num bar de Jazz a servir à mesa e ocasionalmente a tocar piano. No entanto, este é o seu último dia de trabalho antes de ela ir embora para estudar música fora do país. Por coincidência, é também o dia em que Tomás decide aparecer na sua vida. Ema sonha em tornar-se uma pianista de renome e Tomás sonha em juntar as suas duas paixões, música e cinema. Quando Tomás descobre que tem apenas uma noite com Ema, pede-lhe ajuda para acabar a sua música. Mas após passarem tantas horas juntos a conversar, eles acabam por se apaixonar. Contudo, determinada e destemida, Ema segue com o seu sonho e deixa Tomás para trás, com uma música finalizada e inúmeras memórias em vídeo dos dois.



Maria Francisca Quintas

Nasceu em 2003, em Arouca.

Desde cedo demonstrou interesse pelas artes, começando a praticar dança aos 8 anos e a estudar música aos 9 anos.

Durante o seu percurso artístico participou no clube de artes da Escola Básica de Arouca. Estudou na Academia de Música de Arouca, onde completou o 5º grau em clarinete e o 8º grau em piano. Desde 2015, integra como instrumentista a Banda Musical de Arouca. De 2022 a 2024, estudou violoncelo na Academia de Música Valentim de Carvalho, tendo realizado a prova de 5º grau na Academia de Música de Arouca.

O seu percurso académico foi exemplar, tendo demonstrado um interesse particular pelas ciências. Participou no clube de ciências da Escola Secundária de Arouca, recebendo nesse âmbito vários prémios a nível nacional e internacional.

Neste momento, é finalista da Licenciatura em Som e Imagem na Universidade Católica Portuguesa, tendo feito um semestre no programa ERASMUS+ em Milão, Itália.

Os seus principais interesses atuais são a música, a fotografia e a videografia, pretendendo prosseguir estudos na área das artes.





Quando Vier a Primavera

Performance sonora e visual que evoca o conceito de efemeridade. Inspirada na poesia de Alberto Caeiro, *Poemas Inconjuntos*, a performance *Quando Vier a Primavera* é composta por música gravada por instrumentos acústicos (clarinete, violoncelo e piano) e por uma voz MIDI; e visualmente por uma projeção ao vivo da partitura dessa voz MIDI através de um retroprojektor.

A música foi composta através de sessões de improviso ao piano com os poemas, sendo depois transcrita e os instrumentos gravados em estúdio. A projeção da partitura da voz MIDI ao vivo, efetuada através da passagem de folhas de acetato num retroprojektor, ajuda a representar a passagem do tempo e efemeridade na performance. A encenação em palco dos diferentes elementos serve esse mesmo propósito.

Quando vier a primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada.
A realidade não precisa de mim.
[...]

Alberto Caeiro

Maria Silva

Nascida no Rio de Janeiro, criada em Aveiro e lançada ao mundo no Porto, carrega muitas almas e surpreende-se constantemente consigo mesma. Não sabe ao certo em que direção caminha, mas encontra-se ao longo do percurso.

Não se diz feliz por essência, mas encontra frequentemente instantes de felicidade. Preocupa-se com todos os “talvezes” da vida, mas nunca deixa de parar, de respirar, de desacelerar. Com os olhos sorridentes, que brilham suavemente sob a luz do sol, admira as delicadezas e gentilezas que o mundo oferece — e é nesse gesto que reconhece o milagre de viver.

A vida corre dentro de si através das várias formas artísticas que experimentou ao longo do tempo. Isso é possível graças ao esforço daqueles que caminharam sob o sol para que ela pudesse encontrar sombra.





Enxertada

Instalação tridimensional que recria, de forma artificial e sensorial, uma paisagem inspirada na flora brasileira, com toques da fauna. Através de elementos feitos com materiais inorgânicos, a obra estabelece um paralelo entre a experiência de não-pertencimento da autora e a ideia de raízes falsas — criando um espaço híbrido, onde o natural e o fabricado coexistem para refletir sobre identidade, deslocamento e reinvenção.

Matthäus Walotek

Born in 1980 in Czeladź, Poland, Mateus has lived in Germany since early childhood. At the age of eleven, he picked up a Praktica camera for the first time and began exploring the transience and quiet transformation of nature through photography. This early engagement with time, light, and landscape continues to shape his artistic visions. After completing his Bachelor's degree in Photography in Dortmund, he is currently pursuing his Master's, which led him in 2025 to a semester at the School of Arts at Universidade Católica in Portugal. Since 2011, he has worked as a freelance commercial photographer and filmmaker, with a focus on transportation, storytelling, lifestyle, and still life. His work combines atmospheric depth with visual precision. In addition, he works as a CGI artist at the intersection of reality and digital creation.





The Shiny Emptiness of Violence

In my work *The Shiny Emptiness of Violence*, I explore landscapes as spaces shaped and structured by human intervention. They do not appear as untouched idylls, but rather as reflections of social, economic, and technological processes. My photographs illustrate how humans mold places according to their needs and transform them for economic purposes. In this context, landscape is not understood merely as a natural environment, but as a social construct—an archive of human interventions and power structures.

I aim not simply to document landscapes, but to create visual narratives about the mechanisms of the modern world. Through the deliberate use of order, patterns, and grid structures, I abstract reality and transform it into artificial compositions. These emphasize functional interventions and open up new, often surreal perspectives on our surroundings.

Digital photography serves not only as a technical medium, but as a creative tool. Targeted digital manipulations are employed to generate effects such as endless repetitions or artificial structures. The resulting images oscillate between documentation and construction—between reality and imagination.

The pervasive dominance of power structures in our built environment is mirrored in my image compositions. They may appear aesthetically pleasing, yet simultaneously evoke a sense of unease—silent reflections on the systems of control that shape our world.

Nuno Carneiro

20 anos, natural de Águas Santas.

Kit essencial para concluir este curso: Torradas da Tânia, noites de Karaoke na sala 224, Pedro do arquivo.





Shaped

Este projeto final apresenta-se como a materialização de uma marca de roupa nascida no Porto, cujo objetivo vai muito além do vestuário.

A *SHAPED* assume-se como um reflexo de um lifestyle onde o desporto cruza o conforto, e o conforto encontra a estética.

Desenvolvido como um projeto pessoal e académico, este trabalho conjuga a criação de duas peças de roupa originais – um cardigan de malha com botões personalizados em forma de “S” e umas calças de ganga – com um vídeo publicitário e um photobook impresso que reforça visualmente a identidade da marca. O projeto procura despertar sensações através do design, da imagem e da narrativa, com o intuito de marcar presença tanto no universo da moda como no artístico, afirmando a SHAPED como um estilo de vida movido por experiências, arte e elegância contemporânea.

Pedro Correia

22 anos, natural da cidade do Porto.

Com 15 anos começou a sua aventura no audiovisual a fotografar amigos e filmar pequenos momentos. No Ensino Secundário foi aluno do curso de Multimédia na Escola Artística e Profissional Árvore, no qual ganhou um grande interesse por áreas como cinema e televisão. Desde filmagem de concertos a transmissões desportivas, o seu interesse profissional navega pelo desporto e a música, pelo que possui experiência profissional em ambos.

Os filmes de maior interesse são Blade Runner 2049 e Interstellar, profundamente influenciado pelo seu pai, José Correia, que desde cedo despertou o interesse por ficção científica.

Sempre em busca de novas experiências e desafios, pois o céu é o limite.

“We’ve always defined ourselves by the ability to overcome the impossible.”

Interstellar





WALTER

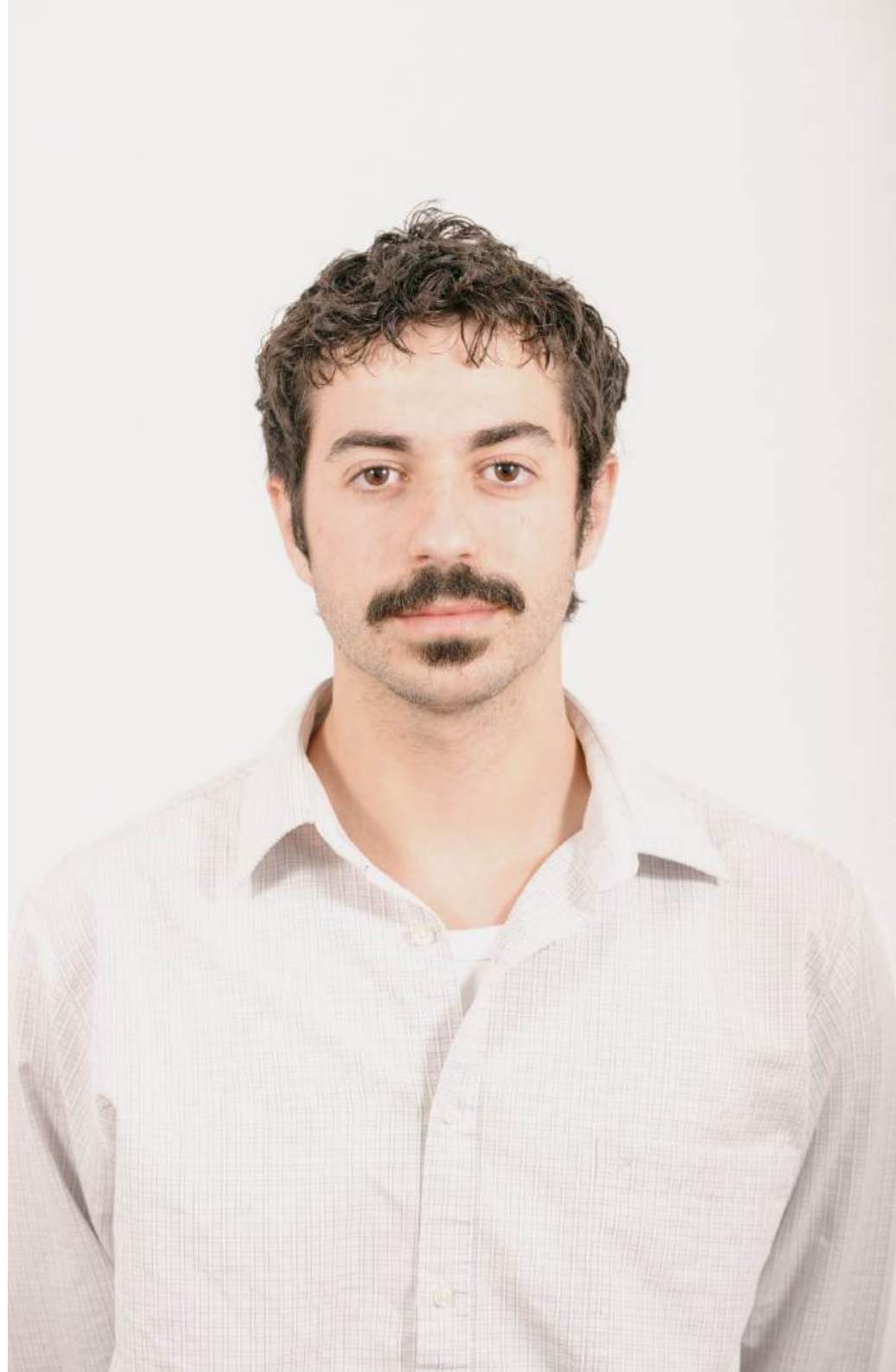
Uma exposição que pretende ver a verdade com a ajuda de um robô, WALTER.

Pedro Pipa

21 anos, nascido em Viana do Castelo, entrou em Som e Imagem com intenção de aprender o que sempre gostou de ver e ouvir. Da música ao cinema, com um olho míope na fotografia, pintura, urbanismos e situações...Pipa gostaria de fazer tudo, ser tudo, e absorver tudo. Ainda faltará um longo caminho até tocar com as pontas dos dedos em todos estes mundos, mas é esse caminho que faz os amigos ao longo dos pássaros voarem com os mentirosos enquanto coxeiam. Portanto é só não coxear, ou mentir muito.

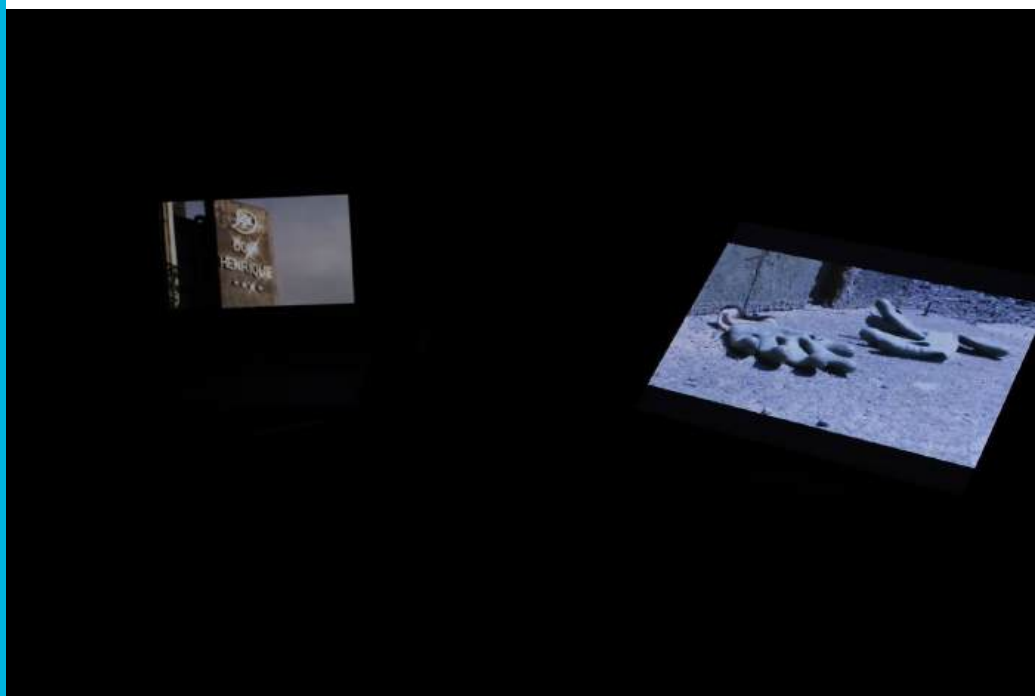
“A situação é feita para ser vivida pelos seus construtores.”

Henriques, 1997





Nesta instalação, poderá ser experienciado o resultado de uma deriva pela cidade do Porto recortada em situações que se auto completam.



Rita Carvalho

Em criança gostava de experimentar formas diferentes de se expressar, quer fosse a riscar as paredes do quarto ou a encher a casa com a musicalidade de um violino completamente desafinado.

Isso evoluiu para o seu gosto por desenhar que acompanhou os hábitos de leitura. (Continuo a encher a casa de sons bastante desagradáveis, mas agora, na guitarra do seu avô).

Desenhar personagens de livros e de filmes ocupou grande parte do seu tempo, incluindo tempos de aula não dedicados a isso.

Tem imenso a agradecer ao seu professor de filosofia que nunca se queixou quando sacava dos lápis de cor da mochila e até se mostrou interessado pelos seus desenhos. (Nuno Freixo, onde quer que estejas, desejo-te tudo de bom.)

Nunca pensou estar onde está hoje e abandonar a ideia de seguir alguma coisa na área das ciências, mas, apesar de não ter aproveitado muito bem o tempo na Católica, não podia estar mais feliz com a decisão que tomou.

Esta biografia não está muito catita porque a Rita tem mania de adiar as coisas e fazer tudo à última, o que normalmente não é um problema. Vamos então rezar para que funcione desta vez também.

“Never put off till tomorrow what may be done the day after tomorrow just as well.”

– Mark Twain





Usagi

Animação 2D em honra do padrasto da minha namorada, a ideia surgiu depois de muitas histórias e memórias contadas pela família e amigos. Para esta animação o meu grupo optou por pintar os cenários da animação em aguarela e todos os personagens e objetos com que estes interagem, pintados e animados digitalmente, misturando assim duas linguagens com a intenção de trazer uma mensagem de nostalgia e memória. Acompanhamos o Coelho, a personagem principal, durante dois dias, um que mostra o lado mais infantil e livre desta personagem e outro que mostra o lado mais responsável, já adulto. Durante estes dois dias o Coelho brinca com os filhos, vai sair com amigos e até faz uma viagem à Suíça, depois de acompanharmos este Coelho durante estes dois dias, este apercebe-se da vida que teve, enquanto as memórias lhe percorrem a mente, ele aceita e deita-se no colo da mulher, adormece e a animação acaba.

A animação passa numa televisão com *head-phones noise-cancelling* para imersão total nesta história.

Rodrigo Rôla

Nasceu em 2004 e vive desde então na freguesia de São Félix da Marinha, em Gaia. Sempre soube que queria ser artista, ainda que sem certezas sobre o meio a seguir, o que o levou a ingressar no curso de Som e Imagem, onde teve oportunidade de explorar diversas áreas criativas.

Atualmente, o seu maior interesse centra-se na modelação e animação 3D, encontrando-se a desenvolver a curta-metragem *Cidade das Flores*.





Cidade das Flores

Cidade das Flores é uma curta-metragem de animação 3D que acompanha um Homem Flor na sua incansável busca pela paz e tranquilidade presente no seu mundo imaginário.

No entanto, na vida real, encontra-se preso num ambiente opressivo, onde qualquer esperança de alcançar esse desejo lhe é destruída todos os dias.

Ruben Freitas

Nasceu a 28 de Agosto de 1996 na bela cidade de Guimarães, criado numa família unida e com valores. Na infância, era um miúdo apaixonado por desportos radicais e adorava passar o tempo no campo com os avós.

Já na adolescência, estudou artes no Liceu Martins Sarmiento e o seu sonho naquela altura era ser pintor.

O seu primeiro ano curricular universitário foi feito no Instituto Superior Miguel Torga, em Coimbra. No entanto, rapidamente percebeu que aquele não era o caminho certo a fazer e depois do primeiro ano decidiu cancelar a matrícula e foi trabalhar na empresa dos pais.

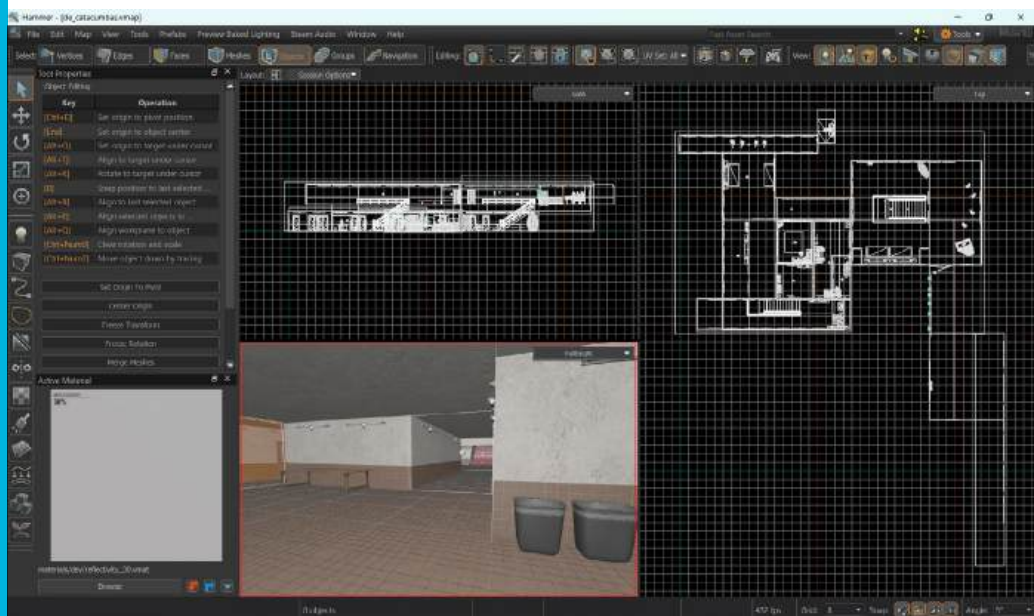
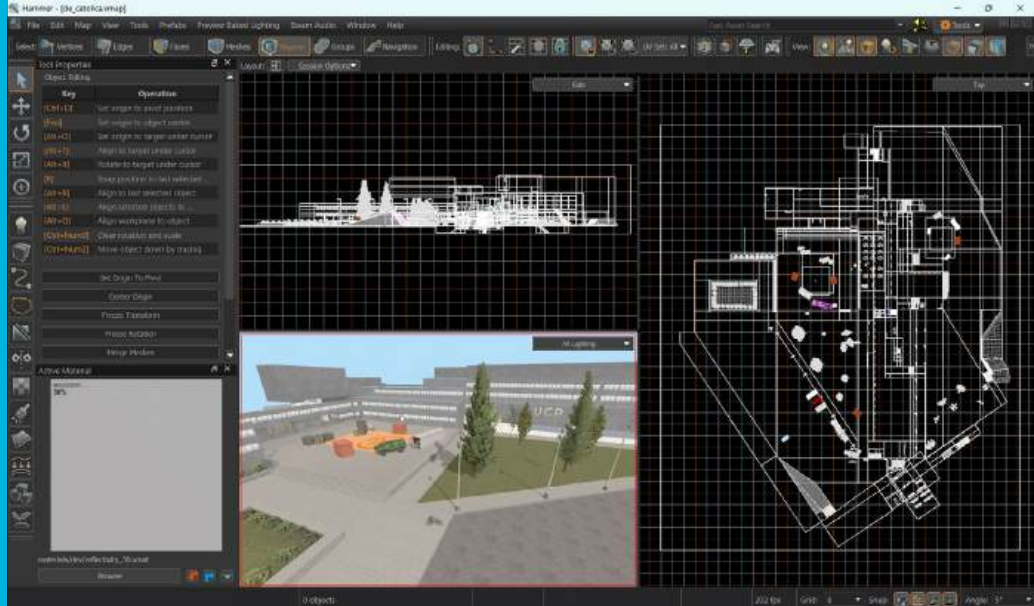
Quando finalmente tomou uma decisão acerca do seu percurso académico, optou por se matricular na Universidade Católica Portuguesa, no curso de Som e Imagem, onde finalmente iria encontrar o seu rumo. No entanto, no ano de 2020, após 2 anos de curso, optou por congelar a matrícula devido à Covid. Em 2023 chegou então o momento de finalmente acabar a sua Licenciatura e voltou em força. Atualmente concilia a faculdade com o trabalho.

O Rúben é uma pessoa educada e os seus valores morais estão no sítio certo.

Gosta de ajudar o próximo e tem sempre um ombro amigo à disposição; extremamente divertido e que anima sempre o grupo de amigos.

A vida não é sobre ser perfeito, é sobre ser real, e eu sou isso – de alma e coração aberto em constante evolução.





de_catolica

Este projeto de Level Design surge como a satisfação de uma fantasia da infância de qualquer jogador de First Person Shooters: “e se desse para jogar num mapa da escola contra os meus amigos?”

Tratam-se de dois mapas para o jogo *Counter Strike 2* baseados no Campus da Universidade Católica do Porto. Um para duas equipas de cinco jogadores que exploram todo o piso 0 da UCP - *de_catolica* - outro para duas equipas de dois jogadores que se enfrentam no piso -2 do Edifício das Artes - *de_catacumbas*.

Criados para o modo de jogo Bomb Defusal, os Terroristas do Edifício das Artes enfrentam os Contra-Terroristas do Edifício Central. Os primeiros tentam colocar uma bomba no edifício, enquanto os últimos tentam travá-los, ou desativar a bomba caso esta seja ativada pelos Terroristas.

Ambos os mapas estão disponíveis na plataforma p e qualquer pessoa pode pesquisá-los e jogar neles.

Simão dos Santos

Natural de Coimbra, nascido a 1 de outubro de 2004, descobriu cedo a sua paixão pela cultura de rua, através da comunidade do skate. Tirou o curso de artes na Escola Secundária Martins Sarmiento, Guimarães, onde ganhou interesse pelo mundo da música. Acredita que qualquer forma de expressão pode ser válida, e que o público é a segunda coisa mais importante numa boa obra.





CARAPLAZA

É um projeto artístico multidisciplinar já que combina som, imagem e escultura. Tudo isto com o intuito de transparecer da forma mais completa a identidade do artista.

Temas como identidade artística e pessoal, ambição, transformação e crítica social, ganham vida nas 5 músicas do ep, nas 4 telas fotográficas de 170cm x 120cm x 8 cm e na escultura cilíndrica com 1 metro de diâmetro nas bases e 30 cm de altura.

O projecto parte de uma estética mais urbana, diretamente ligada ao streetwear e à cultura de rua. As músicas por sinal seguem a estética, e são de géneros como: Trap, RNB, Bombas.

As fotos estão diretamente ligadas às músicas, as telas são mais figurativas, já as pinturas que vêm por cima são mais industriais, quase como se fossem um autocolante, esteticamente muito ligas à Pop Art. A escultura é uma moeda gigante que representa o artista, como núcleo da exposição e remete para a explicação do nome artístico do autor.

Tomás Alonso

22 anos, a arte é o seu principal interesse e procura sempre aprender mais. Entrou em Som e imagem, pelo som e pela música, mas rapidamente ganhou gostos por outras áreas artísticas.





SHAPED

Este projeto final apresenta-se como uma materialização de uma marca de roupa nascida no Porto, cujo objetivo vai muito além do vestuário. A SHAPED assume-se como um reflexo de um lifestyle onde o desporto cruza o conforto, e o conforto encontra a estética.

Desenvolvido como um projeto pessoal e académico, este trabalho conjuga a criação de duas peças de roupa originais - um cardigan de malha com botões personalizados em forma de “S” e umas calças de ganga - com um vídeo publicitário e um photobook impresso que reforça visualmente a identidade da marca. O projeto procura despertar sensações através do design, da imagem, e da narrativa, com o intuito de marcar presença tanto no universo da moda como no artístico, afirmando a SHAPED como um estilo de vida movido por experiências, arte e elegância contemporânea.

Vasco de Lara Pereira

Licenciado em Som e Imagem pela Universidade Católica do Porto (2025), sempre foi um apaixonado pela edição de vídeo e pela fotografia. Durante o curso, teve a oportunidade de desenvolver diversos projetos que ampliaram a sua visão criativa e técnica, permitindo explorar diferentes abordagens dentro da área audiovisual. Paralelamente à sua formação, é e foi jogador de futebol profissional, um percurso que pretende continuar a trilhar. No futuro, ambiciona conciliar esta vertente com o trabalho na edição de vídeo, especialmente na criação de conteúdos para marcas de roupa e campanhas publicitárias, unindo duas das suas grandes paixões.





Transições do Outono

Transições do Outono é uma experiência sensorial que convida o público a refletir sobre a passagem do tempo e a transformação constante da vida, inspirando-se na simbologia do outono (mudança das folhas, tempo, transformações).

A instalação combina vídeo, som e estímulos para criar um ambiente imersivo e emocionalmente envolvente, onde cada visitante pode interpretar e sentir a mudança de forma única e cada um se envolver no seu pensamento de maneira diferente.

Mestrado Som e Imagem – Animação

Ana Luísa Rito

Nasceu no Porto em 1990. Licenciou-se em Som e Imagem pela Universidade Católica do Porto, Escola das Artes em 2018. Em 2013 começa a realizar trabalhos de ilustração freelance. Obtém o certificado de CCP em 2019, e realiza no mesmo ano estágio profissional no estúdio Bap no qual participou na curta de animação "O Homem das pernas altas" de Victor Hugo, como assistente de animação.

Em 2020 ilustra o livro infantil "Inês descobre o Instagram" para o Centro de Estudo Caderno Mágico. Inicia a atividade de Formadora em 2020, no qual lecionou as disciplinas de Desenho básico, Design de Personagens 2D e Animação Tradicional, no Centro de Formação Profissional de Vila Nova de Gaia. Atualmente continua a lecionar no Centro de Formação nos cursos de Animação 2D e 3D.

Desde cedo que desenha, sempre teve um grande fascínio pela área, tendo mais tarde explorando novas ferramentas tecnológicas e conceitos diversificados, identificou-se dentro da Animação 2D e Ilustração.



Evolução da representação da Raposa

Animação da Europa Ocidental e Central
1982 - 2022



A presente dissertação, tem como objetivo centrar-se na temática da evolução da representação de animais na animação da Europa Central e Ocidental, nomeadamente da Raposa. Um carnívoro selvagem que se tornou urbano, é de uma forma corrente representado com certos estereótipos, de ser matreiro ou transgressor e diversas vezes retratado como um antagonista.

Pretendem-se rever estes estereótipos, analisar a evolução da representação do animal mencionado, em filmes e séries de animação criados no período entre 1982 e 2022.

Irá proceder-se a uma tentativa de medição do grau de atribuição de características e emoções humanas a este animal (através da visualização das obras analisando desde os exemplos antropomorfos bípedes até a representação mais realista da raposa), criando uma reflexão sobre o uso do antropomorfismo na animação, e os benefícios ou perigos que pode trazer.

A construção da identidade deste ser, tanto visual como narrativo, será um dos maiores focos da investigação. A análise incluirá personagens desde exemplos antropomórficos, estilizados e realistas, criados com recurso à animação tradicional e digital 2D

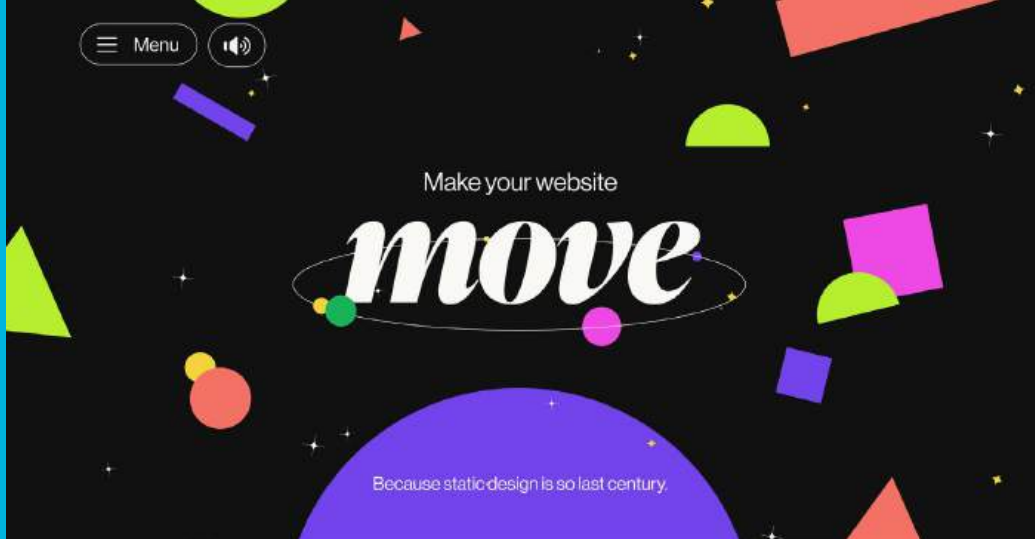
Como suporte da análise desta evolução, será produzida uma animação digital 2D em loop, a qual irá simular estilos de design de personagens de raposas, comuns do período em análise (dos anos 80 a 2022).

André Laranjeira Pereira

Estudou Animação no Mestrado em Som e Imagem. Desde cedo revelou interesse pelo design, mas foi mais recentemente que descobriu a sua paixão pela animação integrada no design, fascinando-se com a forma como o movimento pode enriquecer a comunicação visual e a experiência do utilizador.

Ao longo do seu percurso académico, desenvolveu competências técnicas e criativas que lhe permitem explorar a arte de contar histórias visuais de forma eficaz e dinâmica. Paralelamente, integra a equipa da startup Developh, onde trabalha em web design, aplicando diariamente os conhecimentos adquiridos e participando em projetos que o desafiam e motivam a crescer profissionalmente.





Make your website move

Representa um website dinâmico e interativo que permite ao utilizador aprofundar o seu conhecimento sobre a introdução da animação no design de experiência do utilizador ao expôr conteúdos como a definição do termo user interface animation, os seus benefícios, diferentes tipos e princípios utilizados ao mesmo tempo que os experiencia diretamente. Este website funciona como uma experiência imersiva devido à sua estruturação gráfica através de quatro ambientes diferentes, nomeadamente o espaço, terra, subsolo e lava que localizam espacialmente o utilizador face à sua navegação. Este projeto apresenta desta forma uma natureza didática ao contribuir para a investigação do tema simultaneamente que fornece apoio à respetiva comunidade tanto académica como profissional. *Make your website move* surge através da colaboração multidisciplinar entre ambos os campos de design e animação, convergindo na elaboração de variadas animações interativas ou não que constituem esta experiência.

Julião Cravo

Nasceu a 25 de março de 2000, no Porto, de uma família ligada às artes. Concluiu o ensino básico no Grande Colégio Universal e frequentou o curso técnico-profissional de Iluminação, Som e Efeitos Cénicos na ACE (Academia Contemporânea do Espetáculo), onde foi distinguido com o prémio de mérito académico Montepio pelo projeto final.

Prosseguiu os estudos na Universidade Católica Portuguesa (Pólo do Porto), onde completou a Licenciatura em Som e Imagem e o Mestrado em Animação. Ao longo deste percurso, explorou diferentes linguagens e meios de desenvolver a sua própria abordagem criativa. Sem se fixar numa única área, valoriza a versatilidade como forma de dar corpo às suas ideias. Mais do que o domínio técnico, é o processo feito de curiosidade, esforço e persistência que lhe permite concretizar a sua visão.

Trabalha de forma reservada e introspetiva, encontrando no silêncio e no tempo o espaço necessário para criar.





Walking, Crawling

Esta curta de animação 3D acompanha a história de um soldado perdido após cair de um veículo blindado no deserto. Sozinho e vulnerável, depara-se com uma aranha-camelo, inicialmente temida, mas que acaba por se tornar uma aliada improvável. Juntos, enfrentam as adversidades do deserto, estabelecendo uma ligação recíproca e silenciosa.

Esta narrativa desconstrói os preconceitos associados a esta espécie de aranha e explora temas como o crescimento pessoal, a aceitação e a resiliência das ligações improváveis num ambiente hostil.

Pedro Cunha

É um artista de Banda Desenhada/Mangá e Animador luso-brasileiro nascido no Pará. O seu trabalho foca-se principalmente em personagens antropomórficas e toca em temas sobre a vida e a experiência humana.



Void Inspiration

Quando Pirro se encontra no ponto mais baixo da sua carreira artística, sentindo-se encurralado, consulta uma presença sombria sobre como se pode tornar um artista melhor.



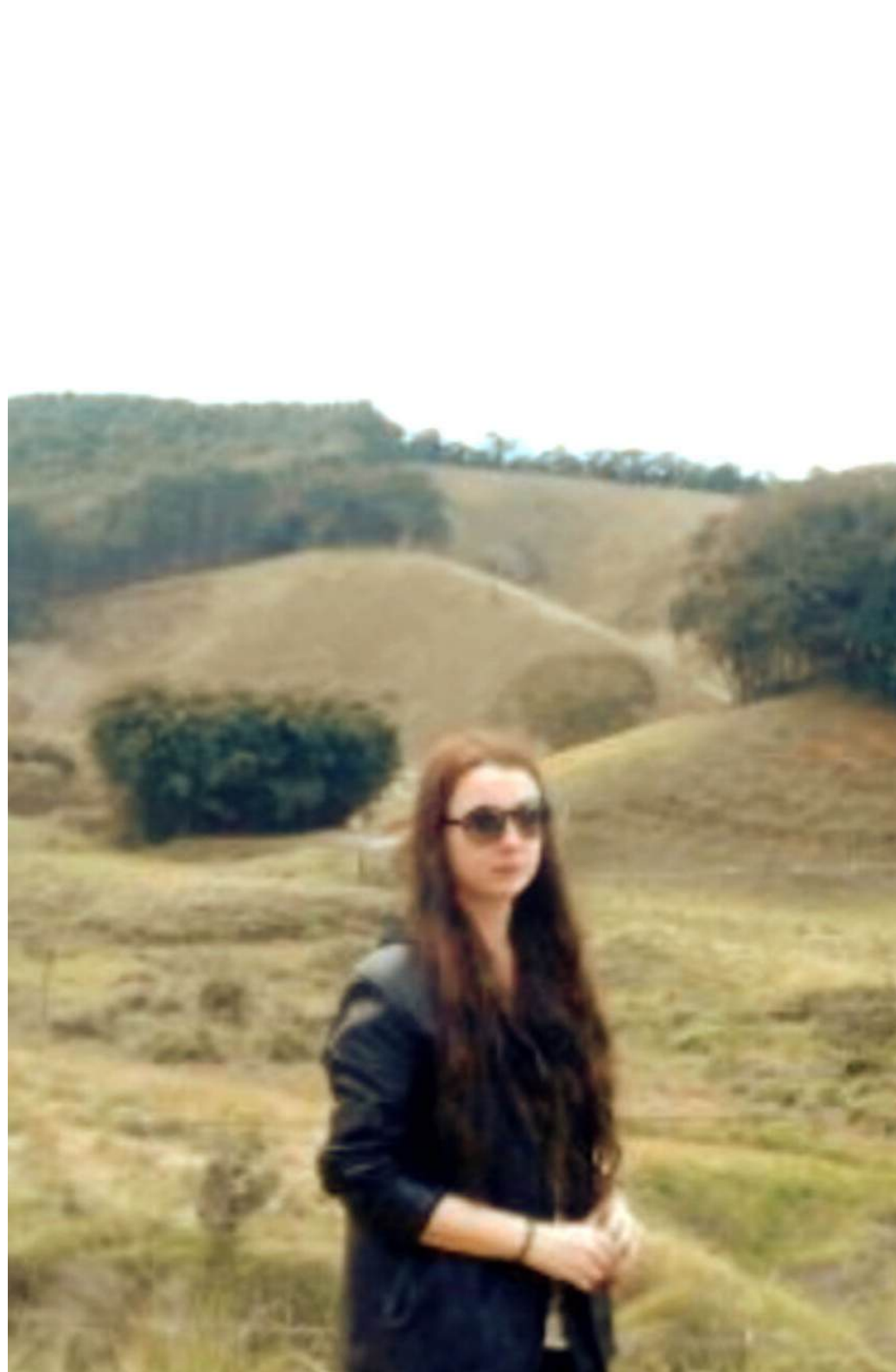
Mestrado Som e Imagem – Design de Som

Ana Carolina Fontoura

(Porto, 1984) é uma compositora, multi-instrumentista e produtora independente luso-brasileira. Desde cedo desenvolveu uma prática autodidata na música e na produção sonora, explorando sons, instrumentos e técnicas de gravação de forma experimental e pessoal.

Ao longo do seu percurso integrou diversos projetos musicais: *Milkshake It* (1996), *PUK* (2004), *E* (2008), banda finlandesa onde colaborou como vocalista e letrista, *Algizwinter* (2016) em colaboração com uma artista norueguesa Hannah (2017), projeto este criado no Brasil, onde também atuou ao vivo com uma das suas bandas em São Paulo. Em 2008 criou em Portugal o projeto a solo *ShadoW*, que é o seu projeto atual e sua principal expressão artística, e em 2021 lançou o álbum “Vestígios de Dor” com o projeto SANGUE.

Licenciada em Arquitetura, desenvolve atividade interdisciplinar nas áreas da música, arquitetura 3D e artes visuais. Atualmente frequenta o Mestrado em Design de Som.





Sons de Guerra (2025)

Projeto de investigação e criação sonora, centrado na composição de um álbum musical de memória. Parte de sons da natureza, ruídos de guerra, silêncios e paisagens sonoras marcadas pelas alterações climáticas para questionar de que forma estes elementos moldam a nossa perceção da guerra e da paz. Integrados em composições originais, constituem a matéria-prima fundamental desta proposta artística, que explora a dimensão sensorial, emocional e ecológica do som, um trabalho de nível transnacional entre Noruega e Portugal.

Design sonoro e Produção: Ana Carolina Fontoura

Bernardo Pereira Rebelo

Licenciado em Som e Imagem pela Universidade Católica, manteve sempre uma atenção especial à componente sonora, sem nunca descurar a imagem. O audiovisual, enquanto território de cruzamento entre estas duas dimensões, revelou-se desde cedo uma área de grande interesse e motivação para aprofundamento.

No Mestrado, desenvolveu conhecimentos na área do som, em particular no domínio do som para cinema e estúdio. Contudo, foi o contacto com o Departamento de Criatividade Digital (CCD) da universidade que despertou um interesse mais direto pelo universo do som ao vivo. Esse envolvimento levou-o a escolher essa vertente para o estágio final, realizado nos Teatros Municipais do Porto — Teatro Rivoli e Teatro Campo Alegre —, onde teve a oportunidade de colaborar em contextos técnicos reais e exigentes, confirmando o seu entusiasmo e vocação profissional pelo som em espetáculo ao vivo. Desde então, tem colaborado como técnico de som freelancer em diferentes projetos e eventos, entre os quais se destacam a Escola Balé do Porto, onde desempenhou funções de Front of House num espetáculo, e um festival realizado na Régua, no início do último verão. Estas experiências têm vindo a consolidar o seu percurso enquanto profissional de som ao vivo, área na qual pretende continuar a investir e crescer.

Gostaria de agradecer aos pais, cujo apoio incondicional lhe permitiu ingressar na Universidade Católica Portuguesa e seguir uma via artística — um percurso menos convencional, mas profundamente alinhado com aquilo que o move.





O projeto final consistiu num estágio curricular realizado nos Teatros Municipais do Porto (Teatro Rivoli e Teatro Campo Alegre), com foco nas práticas técnicas de som ao vivo em contexto de produção artística e performativa. Esta experiência permitiu-me aplicar e desenvolver competências no desenho sonoro, operação de sistemas de som, montagem e desmontagem técnica, e apoio direto à produção de espetáculos.

O relatório resultante documenta o trabalho realizado durante o estágio, bem como as aprendizagens, os desafios enfrentados e a reflexão crítica sobre o papel do técnico de som em estruturas culturais desta dimensão. Mais do que um exercício académico, este projeto representou uma etapa de afirmação profissional, e reforçou de forma clara a minha motivação para integrar o universo do som ao vivo.

Juan Polania

Nació en Ibagué, Colombia, en septiembre de 1998. Desde muy temprana edad desarrolló un profundo interés por la música y el sonido, lo que le llevó a cursar la Licenciatura en Música y Tecnología del Sonido en la Pontificia Universidad Javeriana de Bogotá, Colombia. A lo largo de su carrera, Juan ha trabajado en diversos proyectos de arte sonoro, música y postproducción de audio, lo que le ha permitido desarrollar un enfoque interdisciplinar del sonido y la música en el arte, la cultura y el medio laboral. Además de su experiencia artística, también ha trabajado como profesor, compartiendo sus conocimientos con estudiantes interesados en aprender sobre la creación y manipulación del sonido, asesorando trabajos de grado y proyectos de creación audiovisual.

Tras finalizar sus estudios de pregrado, decidió continuar su formación en el campo del sonido y actualmente cursa un Máster en Sonido e Imagen en la Universidad Católica de Oporto, donde desarrolla su proyecto de creación e investigación sobre activismo social y político a través de la instalación sonora, enfocado en el post-conflicto colombiano.





769: Al Menos Sus Nombres

Instalação sonora multicanal que explora o potencial do som como ferramenta de memória, reflexão política e resistência. Através de uma composição imersiva baseada em dados fragmentados sobre desaparecimentos forçados no Tolima —769 casos registrados entre 1985 e 2016— a obra procura tornar visível a dimensão deste crime no contexto do conflito armado colombiano.

Uma linha temporal, construída a partir de registros oficiais e inferências históricas, é transformada num loop sonoro de 30 minutos, onde cada desaparecimento é representado por uma mensagem digital que ativa um testemunho áudio de 3 segundos e um flash de luz. Os testemunhos, recolhidos do Volume Testemunhal da Comissão da Verdade, são distribuídos por cinco altifalantes dispostos na sala, criando momentos de densidade sonora variável — por vezes intensos, dissolvendo as vozes numa nuvem sonora envolvente.

769 propõe um espaço de escuta e luto coletivo — um anti-monumento que ressignifica lugares marcados pela violência, como El Rodeo em El Totumo, Ibagué, onde foi apresentada pela primeira vez, transformando-os em paisagens vivas de memória e dignidade.

Um convite a escutar o que foi silenciado.

Leonor Simões

É uma sound designer, compositora e técnica de som ao vivo natural da Póvoa de Varzim. Desde a sua entrada na Licenciatura em Som e Imagem na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, participou em diversas curtas-metragens de cariz independente ou académico, desempenhando principalmente os papéis de Diretora de Som e Compositora. Atualmente continua a desenvolver o seu trabalho nas áreas da composição de trilha sonora para filmes, gravação e mistura de música, e mistura de som ao vivo, paralelamente a um portfólio de fotografia cada vez maior, prática que adotou principalmente como hobby. Em 2025 conclui o Mestrado em Som e Imagem, com o projeto documental Remar Contra a Maré, a sua primeira obra como realizadora.





Remar Contra a Maré

Debruçando-se sobre o tema da prática da música independente na Póvoa de Varzim, *Remar Contra a Maré* é um documentário que recolhe os testemunhos dos proprietários e utentes do Café Schmits, um espaço fulcral e singular na disseminação da cultura underground local, visando abrir mais o diálogo sobre como gerar e manter plataformas para movimentos artísticos semelhantes em Portugal.

Mestrado Som e Imagem – New Media Art

Francisco Pedro Oliveira

(1997, Santa Maria da Feira) é artista multidisciplinar, com um trabalho que se desenvolve entre o folclore e a exploração sonora. Atraído por diferentes linguagens, explora nos seus trabalhos noções sincretistas de espiritualidade através de diversas disciplinas, articulando som, escultura, pintura, fotografia e instalação. Em 2025, exibiu “Forma Primeira”, a sua primeira exposição individual na Galeria Municipal do Porto. Em 2018 editou pela sua cofundada Edições Fauve, “On the Act Of Reminding”, o seu primeiro disco. Integra projetos como Amuleto Apotropaico com António Feiteira, as Edições Fera Felina com Diana Lucena, e a plataforma curatorial Branda com Carlos Milhazes.





O vazio entre as coisas transforma-se na nossa infinitude, um intervalo estranho que precisamos de ocupar. Apropriamo-nos dos objectos com o ímpeto primário de os habitar, circunscrever e cravar neles os nossos desejos e sonhos; riscamos numa porta de casa de banho pública, num caderno que nos dita o tempo de uma chamada telefónica interminável, no enunciado de um exame na incerteza de se sabemos. Talvez todos estes actos contemplem o primeiro desenho infundado da nossa pequena história, com certeza o impulso de ser terá sido o mesmo. Ao longo do tempo, fazemos questão de colocar limites a tudo à nossa volta, “cada coisa com a sua forma” revela-se um sussurro equidistante emitido outrora e que ainda estará porvir. Porém, não o acreditamos completamente, tudo se transforma à imagem de cada pensamento e percebemos tanto numa só inconsciência.

Qual a origem de todos os pensamentos e da sua matéria? Uma luz intensa ressoa o nosso âmagos e ofusca-nos da verdade.

Estabeleço uma relação com todo o tempo com o meu amuleto e guardo-o para me proteger de algo que está para acontecer ou não... como o risco na parede, será que ainda está lá, será que o hábito? É feito – só depois se significa.

Creditação das fotografias da exposição:
Dinis Santos / Galeria Municipal do Porto
Creditação do retrato:
Renato Cruz / Galeria Municipal do Porto

Lei

Nasceu a 23 de fevereiro de 2000, no Porto.

Iniciou o seu percurso artístico na Escola Artística de Soares dos Reis, onde concluiu o curso de Design de Produto. Atualmente, encontra-se a finalizar o Mestrado em New Media Art na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa (Centro Regional do Porto).

Interessa-se pela liberdade de cruzar diversas linguagens artísticas — som, imagem, espaço e objeto — numa prática multidisciplinar. Essa abordagem levou-a a aprofundar a sua investigação e prática no campo das artes tecnológicas e contemporâneas.

O seu trabalho recente centra-se numa investigação crítica sobre a crise ecológica atual, com especial foco nos resíduos plásticos e no impacto do Antropoceno. No seu Projeto Final de Mestrado, intitulado *Abismo*, desenvolve uma instalação que utiliza exclusivamente plásticos recolhidos em Ecocentros, em parceria com a LIPOR – Serviço Intermunicipalizado de Gestão de Resíduos do Grande Porto. Através deste projeto, Lei propõe tornar visível o “lixo invisível” dos oceanos, alertando para a poluição marinha e a fragilidade dos ecossistemas aquáticos. A sua prática procura conjugar arte e ecologia, investigando de que forma os resíduos — em particular o plástico — podem ser reapropriados no contexto artístico como matéria crítica, sensível e estética.





Abismo

Abismo surge como uma tentativa de tornar visível o invisível: os resíduos que se acumulam nos oceanos e que, embora muitas vezes ocultos aos nossos olhos, afetam diretamente o equilíbrio da vida marinha e, por consequência, a nossa própria existência.

O projeto parte da recolha e reutilização de plásticos descartados, móveis, materiais diversos, resinificando esses materiais em formas orgânicas que remetem a algas e seres abissais, numa fusão entre o artificial e o natural, o vivo e o morto.

Maria Inês Hortênsio

(Cascais, 1998) sempre teve um fascínio pela arte e pela expressão pessoal.

Começou o seu percurso em Design Global, onde desenvolveu uma abordagem criativa multidisciplinar, que alia funcionalidade e sensibilidade estética. Atualmente, está a aprofundar a sua prática no Mestrado em New Media Art, explorando o vídeo, o som e a instalação como meios de criação.

O seu trabalho parte muitas vezes de registos pessoais, como vídeos e sons do quotidiano, que manipula e transforma para refletir sobre temas como a memória, o crescimento e a passagem do tempo.

Através de composições visuais e sonoras, propõe espaços imersivos de contemplação e reencontro com o íntimo. A sua prática destaca-se pelo cuidado no detalhe, pela procura de equilíbrio entre forma e significado, e por uma vontade constante de experimentar novas formas de narrar o que é vivido, lembrado ou sentido.





de mim, para sempre

Instalação audiovisual imersiva que parte de um arquivo pessoal em vídeo onde é explorada a memória, o tempo e o crescimento. Através da projeção mapeada de registos captados ao longo dos últimos anos, esta obra constrói um espaço onde a intimidade se torna partilhável. Os vídeos, manipulados visual e sonoramente, surgem distorcidos — não para ocultar, mas para refletir a forma como o passado se transforma com o tempo. Cada fragmento carrega a marca de um instante vivido, mas também a inevitável distância que o tempo impõe. Longe de uma nostalgia melancólica, esta obra propõe uma contemplação serena do que já foi, um abraço ao que ainda ressoa, e uma esperança tranquila no que está por vir. de mim, para sempre convida o espectador a refletir sobre o que significa recordar, envelhecer, aceitar — e continuar.

Mariana Machado

(Porto, 2000) é uma artista que iniciou o seu percurso no estudo e prática do cinema, tendo-se interessado progressivamente pelas práticas experimentais e pelo contexto expandido e expositivo. Desenvolvendo um corpo de trabalho que, herdando do cinema estrutural o interesse pelo dispositivo cinematográfico, dedica-se à conceção construtiva de novos mecanismos que visam re-sintetizar os processos de perceção audiovisual através da imagem em movimento, da luz, da eletrónica e/ou da programação. Neste sentido, as suas realizações artísticas assumem, e podem assumir, suportes de instalação, performance ou sala de cinema. Desenvolve também investigação académica, programação de cinema e escreve para a edição online da revista Umbigo.



Um sentido para ‘cinema’ na era digital

Face às constantes e crescentes prefixações e ramificações do termo ‘cinema’ — e.g., ‘pós-cinema’, ‘paracinema’, “cinema expandido”, ...

—, torna-se relevante compreender, de facto, o que acrescentam, ou subtraem, esses prefixos ao termo radical. Claro está que, a menos que tais prefixações denotem apenas manobras de artifício para uma delimitação arbitrária entre práticas, tais atualizações e derivações circunscrevem novas práticas provenientes, mas distintas, do termo radical: ‘cinema’. Decorre então que, numa necessidade, no mínimo, quotidiana de tais acrescentos, existem práticas e objetos que, herdando algo dessa génese, não se veem adequadamente descritos pela mesma, traçando tensões de simultânea pertença e exclusão. Assim sendo, as duas perguntas fundamentais que se colocam, e sobre as quais este projeto pretende trabalhar, são: (a) O que define e o que inclui o conjunto de práticas e objetos membros do tipo ‘cinema’? (b) Que operações e necessidades sustentam o uso destes prefixos ao tipo original? Dadas estas conceções, diferentes, mas generalizadas, da definição de ‘cinema’, a investigação proposta almeja igualmente entender de que forma são entendidas as perspetivas aqui englobadas sob o termo de pós-cinematográficas, enunciadas recentemente por autores como Steven Shaviro, que encontram nas definições de imagem cinematográfica acima descritas limitações para enquadrar imagens na contemporaneidade. Tomando como referencial esta dualidade, na qual a segunda perspetiva pressupõe a primeira para ser concebida, colocamos, de novo, as questões originárias, que agora se ramificam em novas problemáticas, por exemplo: (a) se a proposta de conceber uma imagem pós-cinematográfica pressupõe uma das definições de ‘cinema’ tidas anteriormente, de que forma um questionamento sobre a última não resulta igualmente numa suspensão acerca da primeira? (b) será possível uma conceção do termo ‘cinema’ que abarque as necessidades e preocupações que sustentam a necessidade de formular um termo ‘pós-cinema’? (c) se a resposta a (b) for afirmativa, será possível, necessário ou do nosso interesse formular uma definição que inclua, não só estas novas operações, mas todas as possíveis futuras? (d) será a própria definição de ‘cinema’ e, por consequência, de subseqüentes derivações necessária e/ou possível de realizar?

Raúl Oliveira

(Porto, 2002) sempre sonhou em ser artista musical, tendo essa paixão crescido ainda mais ao longo do seu percurso académico. Atualmente, encontra-se no processo de conclusão do Mestrado em Som e Imagem, com especialização em Design de Som. Sempre leal ao mundo das artes, procura alimentar a sua paixão e conhecimento pela música, fotografia e cinema. Tem vindo a enriquecer a sua abordagem na área de som, trabalhando em filmes e programas televisivos dos mais diversos géneros, superando obstáculos e ganhando experiência no mundo das artes digitais.





Tratamento De Som Para Televisão

Para obter o grau de Mestre, Raúl embarcou num estágio curricular, com uma duração de seis meses, na produtora Farol de Ideias, que se centrou no tratamento de som para televisão. Trabalhando em programas como “Herói Nacional” (RTP 1) e “As Palavras do Mundo” (RTP 3), fez uso das suas capacidades adquiridas durante a Licenciatura em Som e Imagem e o Mestrado em Som e Imagem, especialização em Design de Som. Para além do relatório de estágio, a dissertação também inclui uma breve revisão do tratamento de som para televisão e do seu impacto ao longo dos anos.

Conselho Pedagógico

Presidente
Maria Coutinho

Vice-Presidente
Jaime Neves

Secretária
Manuel Barbosa

Membros vogais docentes
Carlos Natálio
Cristina Sá
Diogo Costa Amarante
Gonçalo de Vasconcelos e Sousa
José Alberto Gomes
Maria Aguiar
Patrícia Moreira
Sarah Kunz
Sónia Neves

Membros vogais discentes
Cíntia Freitas
Daniela Antelo Ribeiro Soares de
Albergaria
Diogo Falcão
Francisco Cândido
Gabriel Freire de Sousa
Vasconcelos
Inês Leal
Luís Miguel Branco
Manuel Maria Carmos Dinis
Paul Brown

Conselho Científico

Presidente
Gonçalo de Vasconcelos e Sousa

Secretária
Patrícia Moreira

André Baltazar
Carlos Lobo
Daniel Ribas
Eduarda Maria Martins Moreira da
Silva Vieira
Joana Teixeira
José Alberto Gomes
José Vasco Carvalho
Luís Miguel Lopes Teixeira
Maria João Revez
Nuno Crespo
Patrícia Moreira da Costa
Pedro Alves

Advisory Board
Ana Pinho
Claire Bishop
Isabel Braga da Cruz
Isabel Capeloa Gil
Luiz Camillo Osorio
Maria João Gamito
Maura Marvão
Miguel Coutinho
Miguel Gomes
Sabeth Buchmann
Teresa Cruz

Cursos — Coordenação Científica

Licenciatura Arte, Conservação e Restauro

Gonçalo Vasconcelos e Sousa
Carla Felizardo

Licenciatura Cinema

Pedro Alves

Licenciatura Som e Imagem

Cristina Sá

Pós-Graduação Mercados e Coleções de Arte

Carla Felizardo

Mestrado Cinema

Daniel Ribas

Mestrado Conservação e Restauro

Joana Teixeira

Mestrado Gestão de Indústrias Criativas

Luís Teixeira
Laura Castro

Mestrado Som e Imagem

José Vasco Carvalho

Doutoramento Ciência e Tecnologia das Artes

José Alberto Gomes

Doutoramento Conservação e Restauro

Maria Revez

Doutoramento Estudos de Património

Gonçalo Vasconcelos e Sousa

Professores da Escola das Artes
e convidados em 2024/2025

Adriana Ferreira Santos

Alexandra Balona

Alexandra Ramires

Alexandre Sousa

Ana Paula Machado

Andreia Bertini

André Baltazar

André Coelho

André Oliveira

André Silva

Armando Manuel de Araújo Ramos

Arlindo Jorge Henriques da Silva

Bernardo Bento

Bruno Costa

Bruno Tiago Ferreira da Silva

Carlos Afonso de Oliveira Lobo

Carlos Ruiz Carmona

Catarina Pereira

Cláudio Tavares

Cristina Fernandes Alves de Sá

Daniel Ribas de Almeida

Dario Oliveira

David Doutel

Diogo Costa Amarante

Diogo Tudela

Dídio Pestana

Eduarda Maria Martins Moreira Silva Vieira

Ekaterina Cordas

Estela Rebelo

Filipe Mesquita

Francisca Rocha Fernandes

Gonçalo Amorim

Gonçalo M. Silveira Vasconcelos e Sousa

Guilherme Blanc

Henrique Fialho

Henrique Manuel da Silva Pereira

Inês Cayres / Maria Adelaide Romão
Inês Grosso
Jaime Sérgio de Oliveira Neves
Joana Cristina Moreira Teixeira
João Aguiar
João Alves Sousa
João Apolinário Mendes
João Guedes / Tiago Ilharco
João Pedro Amorim
João Pimenta Gomes
João Polido Gomes
José Alberto Gomes
José Vasco Gaio Monteiro Barroco Carvalho
Laetitia Moraes
Laura Lucinda Oliveira Castro
Leonor Noivo
Leonor Teles
Luis Miguel Lopes Teixeira
Luis Urbano
Luiz Camillo Osorio
Luís Costa
Luís Fernandes
Luís Miguel Girão
Manuel Silva
Marcelo Graf Reis
Marco Oliveira
Margarida Azevedo
Maria Cunha Matos L.P. Leão Aguiar
Maria João Revez
Mariana Ricardo
Mariana Teixeira
Mário Miguel
Miguel Almeida
Patricia Almeida
Patricia Moreira
Paulo Américo
Ricardo Ferreira
Sabeth Buchmann
Sahra Ursula Kunz Gomes

Sónia Patricia Inácio Neves
Teresa Cruz
Vânia Maria Coutinho

Professores de outras Unidades Académicas que lecionaram
na Escola das Artes em 2024–2025

Ana Madsen
Bozidar Vlacic
Helena Gil Costa
João Novais
Maria Vitória Rocha

Artistas convidados em 2024–2025

Cláudia Varejão
Hugo Canolas
João Canijo
Margarida Cardoso
Mariana Gaivão
Rodrigo Areias
Rosângela Rennó
Salomé Lamas
Sandro Aguila

Escola das Artes 2024–2025

Diretor

Nuno Crespo

Vice-Diretor

Pedro Alves

Vogal de Direção

Joana Teixeira

Secretariado da Direção

Mónica Monteiro

Maria Ferreira

Gestão de Projetos

Patrícia Fontes

Comunicação

Joana Sampaio Silva

Redes sociais e website

Ana Ferraz

Design Gráfico

Nuno Maio

Equipa Técnica

Coordenação técnica

João Pereira

Equipa

João Dias

Nuno Fonseca

Pedro Oliveira

Conservação e Restauro

Cristina Basto

Isaura Almeida

Serviços Académicos

Cristina Souto

Filipa Barradas

Rita Soares

Vânia Fernandes

Anuário 2024–2025

Conceito

Nuno Crespo

Revisão de texto

Ana Ferraz

Fotografia

Miguel De

Design Gráfico

Nuno Maio



CATOLICA
ESCOLA DAS ARTES

PORTO